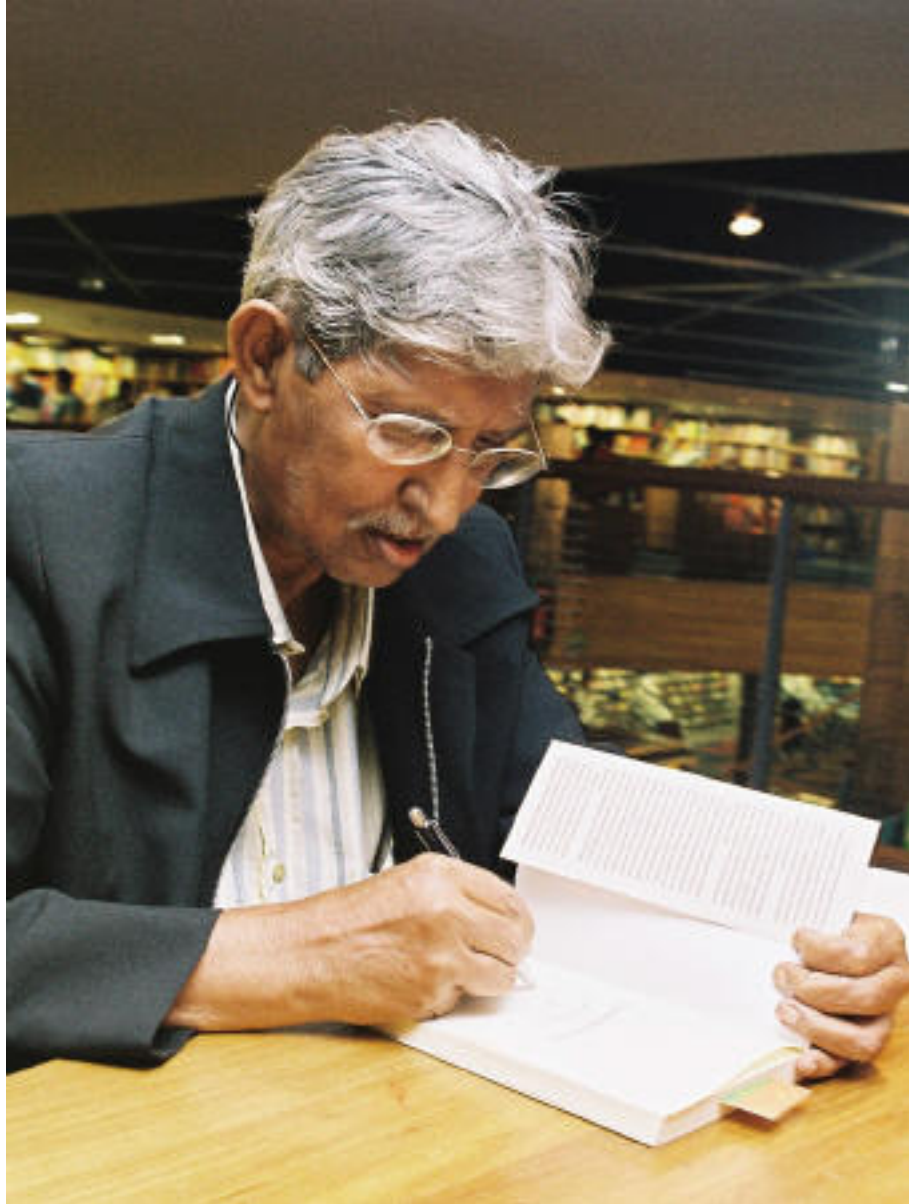


*Cláudia Cordeiro*



*Faces da Resistência na  
Poesia de  
Alberto da Cunha Melo*

**CLÁUDIA CORDEIRO**

**Faces da Resistência  
na Poesia de Alberto da Cunha Melo**

Ensaio

**GERAÇÃO 65  
DA LITERATURA PERNAMBUCANA**

**Edições Bagaço-2003**

**Faces da Resistência  
na Poesia de Alberto da Cunha Melo**

**GERAÇÃO 65**  
DA LITERATURA PERNAMBUCANA

Cláudia Cordeiro

**Edições Bagaço – 2003**

Para Alberto da Cunha Melo  
pela graça de o ter na minha vida.

E para a Bagdá que sangra.  
(21 de março de 2003)

**AGRADECIMENTOS:**

A César Leal, Bruno Tolentino e Alfredo Bosi:  
descoberta e caminhos;  
a Antônio Campos, Astier Basílio, Eugênia Menezes,  
Henfil, Hildeberto Barbosa Filho, José Nêumanne  
Pinto, Liliane Jamir e Silva, Lucila Nogueira, Mário  
Hélio, Mariza Lourenço, Norma Godoy, Paulo Freire,  
Rodrigo de Mendonça e Silvana Guimarães, em nome  
de todos que, ontem ou hoje, comungam comigo da  
profunda admiração pela arte de Alberto da Cunha  
Melo, que nos une;  
a Ermelinda Ferreira, a Professora e Doutora em  
Letras, da qual me orgulho pela convivência nesta e  
em outras frentes literárias, pelo roteiro seguro e  
incentivo;  
a Fátima Galindo Moury Fernandes, pelo especial  
estímulo;  
a todos os que fazem a FAFIRE, onde deixo  
plantados, mais uma vez, meu respeito e meu  
profundo reconhecimento pelo legado da minha  
formação literária;  
a Maria do Natal Montenegro Rosa e Silva e Luísa  
Cavalcante, *in memoriam*, presenças inesquecíveis do  
bem em meu caminho;  
a Márcia e Márcio, meus filhos, carne e sangue meus,  
sem os quais eu não seria;  
a Nemzinha, Emília dos Santos, cujos cuidados  
salvaram-me tantas vezes a vida, meu profundo  
reconhecimento;  
a meus pais, Beliza Vasconcelos Cordeiro e Manuel  
Agnelo Cordeiro, *in memoriam*, pelo quase impossível  
amor com que me educaram;  
a Divaldo Pereira Franco, o mestre-amigo, lição de  
Ser e exemplo que persigo;  
e a Deus, o Criador Incrível, cuja presença em mim se  
reflete pelo meu amor à Poesia.

## PREFÁCIO

À guisa de apresentação, é preciso que se diga que o ensaio “Fases da Resistência na Poesia de Alberto da Cunha Melo” resulta de um longo, íntimo e profundo convívio da autora, a professora, pesquisadora e artista plástica Cláudia Cordeiro, com suas duas paixões: a poesia em geral, em cuja defesa costuma vir a público em aulas, palestras, artigos e nas páginas que concebeu e mantém na Internet – a “Plataforma para a Poesia”, onde divulga os poemas de escritores em âmbito regional e nacional, e as “Trilhas Literárias”, onde, em parceria com Mariza Lourenço, promove uma discussão teórica sobre a atividade poética -; e uma poesia em particular, a do pernambucano Alberto da Cunha Melo, paixão que, neste caso, transcendeu o texto e estendeu-se ao próprio poeta, seu marido há vinte e quatro anos.

O casamento de Cláudia e Alberto é uma dessas uniões mágicas que ultrapassam a mera relação entre um casal. A química entre eles é a que se espera da conjugação ideal entre o leitor e o poeta, consubstanciada numa compreensão do texto que resgata o espírito da própria criação, tão feliz quanto rara no cotidiano das letras, e por isso mesmo tão sonhada pelos artistas da palavra.

Como não poderia deixar de ser, Cláudia é a musa de Alberto, que a ela dedica o belíssimo livro *Clau*, apaixonado e apaixonante da primeira à última páginas, no qual se lê, em nota, a seguinte justificativa:

Quanto ao título deste livro, a ser divulgado entre minhas obras inéditas, alguns bons amigos acostumados com a inconstância amorosa dos artistas, aconselharam-me a mudá-lo, por considerá-lo muito personificador. Eu o mantive por acreditar que a poesia, além de ser uma ânsia pela verdade absoluta, é a singularização ou a personificação máxima dos seres e das coisas (deste e de outros mundos). Se a filosofia nos diz que o ser repete a espécie, é possível que falar na grandeza de uma única mulher é referir-se à grandeza de muitas outras mulheres que vivem, trabalham e amam neste planeta assustador.

Mas a relação de Cláudia e Alberto distorce a clássica imagem da musa, tradicionalmente passiva: não é só a mulher que inspira o poeta; é a poesia deste poeta que inspira a mulher, também ela artista, e a vida de ambos caminha numa espécie de uníssono literário-amoroso, oscilando entre comoventes orações pelo poema e contundentes meditações sob os lajedos.

Em 2002, tive a oportunidade de ministrar uma disciplina no Curso de Especialização em Literatura Brasileira da FAFIRE, que me propiciou o encontro com Cláudia, como aluna, e posteriormente como orientanda da monografia final do curso, que resultou no presente ensaio. Ao longo deste convívio, pude acompanhar com que vivacidade, talento e inteligência

projetou e desenvolveu o seu trabalho. Fui, por assim dizer, a primeira leitora deste texto. Por isso é que a minha apresentação deste livro, para além de ser uma satisfação e uma honra, é também um depoimento agradecido à Cláudia, por ter-me feito chegar, com tanto empenho, amor e conhecimento, à beleza e à força da poesia de Alberto. É ainda um testemunho da certeza que tenho de que tanto o leitor que ainda não conhece, como aquele que conhece pouco, ou mesmo aquele que já é antigo freqüentador da poesia em questão, só terá a lucrar com a leitura deste ensaio.

Através dele, nos veremos envolvidos por uma abordagem extremamente lúcida, que desvenda, pela primeira vez, os meandros do percurso histórico do poeta, organizando a sua produção, cronológica e tematicamente, em três fases. Através dele poderemos ouvir a voz vibrante e entusiasta da autora levantar-se em defesa da “Geração 65”, à qual ele pertence, contribuindo significativamente para fazer sair da penumbra essa “estupenda safra de vates pernambucanos”, cujo desconhecimento nacional, na opinião do poeta Bruno Tolentino, “é simplesmente um escândalo”. Acompanharemos, através de suas páginas, como o conceito de Poesia-Resistência, de Alfredo Bosi, é evocado para caracterizar, com muita pertinência, a poética de Alberto da Cunha Melo, definindo a unidade e a coerência de sua produção, apesar das variações singularizadoras de suas três fases, que passam a ser entendidas como “faces”: três faces de uma inabalável resistência literária que se espelha na constante e impecável observação da resistência humana, seja ela à fome, à dor, à miséria, à tristeza, à injustiça, à humilhação, à crueldade, como forma implacável de denúncia de tudo o que nos apequena e que nos envergonha, ou não, mas que nos revela como humanos, inapelavelmente humanos. O estudo nos oferece, ainda, uma bibliografia pormenorizada das publicações do poeta, também sociólogo e jornalista, bem como um levantamento da crítica a ele referida.

Trabalho competente, coerente, abrangente, elegantemente redigido, fartamente ilustrado e documentado, destina-se, sem dúvida, a ser obra de referência e consulta para os pesquisadores e admiradores presentes e futuros da obra deste grande poeta pernambucano.

### **Ermelinda Ferreira**

Doutora em Letras, professora e autora de diversos ensaios, entre eles, *Cabeças Compostas — A Personagem Feminina na Narrativa de Osman Lins*. Seu mais recente lançamento (2002): *Dois Estudos Pessoanos*, pela Editora Universitária da UFPE.

“15:28 21.03.03

Reuters

Imagens de tevê mostravam a cidade de Bagdá coberta por enormes colunas de fumaça e um complexo presidencial iraquiano em chamas.

No norte do país, a cidade de Mosul foi atingida por ataques de aviões, informou a rede de televisão Al-Jazeera na sexta-feira.

Um correspondente da Reuters na região também testemunhou disparos antiaéreos na cidade. O ataque aconteceu quase ao mesmo tempo em que uma autoridade norte-americana disse que uma guerra aérea em larga escala estava sendo iniciada.”

“Ave Ano 2000

Só agora sabemos, quando  
outro século bate à porta:  
tudo tocado pelo Homem  
tem o cheiro de coisa morta,

e o som do réquiem, som da nênia  
dos morteiros sobre a Chechênia,

e dos vagidos africanos  
sobre as favelas tropicais,  
som de escopeta de dois canos,

anunciando-nos, com susto,  
que ainda impera César Augusto.”

Alberto da Cunha Melo



## RESUMO

Este estudo se propõe a abrir portas à percepção de novos e antigos leitores para a poesia de Alberto da Cunha Melo, facilitando o acesso à sua estética e à sua mensagem, através da identificação das “Fases da Resistência” em toda extensão de sua obra, exceto o livro **Yacala** (2000), porque, para essa abordagem, utilizamos como referencial teórico o conceito de “poesia-resistência” de Alfredo Bosi, já aplicado pelo renomado mestre, quando da análise desse livro. O corte teórico se deu ao delimitar os “caminhos da resistência” nomeados por Alfredo Bosi, resultando na abordagem da “poesia-metalinguagem”, da “poesia-mito”, da “poesia-sátira” e da “poesia-utopia”, que se nos configuraram mais bem delineadas pelo mestre. A metodologia adotada para esse percurso foi a da pesquisa bibliográfica de caráter especulativo. Na análise específica da obra, seguimos o método dedutivo uma vez que partimos de uma teoria já fundada sobre a obra do autor. Considerando os caminhos da resistência elegidos, nossa reflexão levou-nos a detectar modulações da “poesia-resistência” em toda a extensão da obra do poeta, permitindo-nos estender o conceito de “poesia-resistência”, insito ao livro já mencionado, para toda a poética do autor, o que esperamos venha a facilitar o acesso do leitor à estética e à mensagem da poesia de Alberto da Cunha Melo.

**PALAVRAS-CHAVES:** poesia-resistência, poesia-metalinguagem, poesia-mito, poesia-sátira, poético-noemático.

## SUMÁRIO

	<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b> .....	11
	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1.0	<b>ALBERTO DA CUNHA MELO E A GERAÇÃO 65</b> .....	17
1.1	<b>O Grupo de Jabotão</b> .....	19
1.2	<b>Primeiras Publicações</b> .....	22
1.2.1	Publicações em Jornais .....	22
1.2.2	Publicações em Livros .....	23
1.3	<b>O Rótulo Histórico</b> .....	25
1.4	<b>As Edições Pirata e a Geração 65</b> .....	26
1.5	<b>O Contexto Histórico-Social</b> .....	30
1.6	<b>Contexto Literário</b> .....	34
2.0	<b>A OBRA POÉTICA: UMA GEOGRAFIA ESPACIO-TEMPORAL</b> .....	41
2.1	<b>Primeira Fase: Círculo Cósmico (1966), Oração pelo poema (1969), Publicação do Corpo (1974), Poemas Anteriores (1989)</b> .....	43
2.2	<b>Segunda Fase: Dez Poemas Políticos (1979), Noticiário (1979): Poemas a Mão Livre (1979); Clau (1992)</b> .....	47
2.3	<b>Terceira Fase: Carne de Terceira (1996), Yacala (1999) e Meditação sob os Lajedos (2002)</b> .....	55
2.4	<b>Notas Pertinentes a Outras Produções Artísticas do Autor</b> .....	62
3.0	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	65
3.1	<b>Os Caminhos da Resistência</b> .....	68
4.0	<b>FACES DA RESISTÊNCIA NA POESIA DE ALBERTO DA CUNHA MELO</b> .....	70
4.1	<b>A “Resistência” no Caminho da Poesia-Metalinguagem</b> .....	71
4.2	<b>Nas Sendas da Poesia-Mito</b> .....	74
4.3	<b>Poesia-Sátira e Poesia-Utopia: Rumos da Resistência</b> .....	80
5.0	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	84
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	87
	<b>ANEXOS</b> .....	92
	I – CARTA DO EDUCADOR PAULO FREIRE	
	II – CARTA DO JORNALISTA HENFIL	
	III – DEDICATÓRIA DO PROFº E CRÍTICO ALFREDO BOSI	

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Capa de <b>Geração 65. O Livro dos Trinta Anos</b> .....	14
Figura 2	Foto de lançamento coletivo das Edições Pirata, em 17.05.1980 .....	15
Figura 3	Cópia de página do livro inédito, manuscrito, <b>A Noite da Longa Aprendizagem. Notas à Margem do Trabalho Poético</b> , com foto (20.06.1965) do autor. ....	16
Figura 4	Cópia de página do livro inédito, manuscrito <b>A Noite da Longa Aprendizagem. Notas à Margem do Trabalho Poético</b> , com foto (1963) do autor e outros companheiros, distribuindo o jornal <b>Dia Virá</b> .....	17
Figura 5	Cópia do logotipo das Edições Pirata .....	24
Figura 6	Foto do primeiro lançamento coletivo das Edições Pirata, em 04.09.1979 .....	26
Figura 7	Capa do livro do autor, <b>Soma dos Sumos</b> , 1983 .....	38
Figura 8	Capa do primeiro livro do autor, <b>Círculo Cósmico</b> , 1966 .....	39
Figura 9	Capa do segundo livro do autor, <b>Oração pelo Poema</b> , 1969 .....	39
Figura 10	Capa do livro <b>O Quintuplo</b> , onde está inserido o livro do autor, <b>Publicação do Corpo</b> (1974) .....	39
Figura 11	Capa do livro do autor, <b>Poemas Anteriores</b> , (1989) .....	41
Figura 12	Capa do livro do autor, <b>Dez Poemas Políticos</b> (1979, primeiro clichê) .....	44
Figura 13	Capa do livro do autor, <b>Dez Poemas Políticos</b> (1979, segundo clichê) .....	44
Figura 14	Capa do livro do autor, <b>Noticiário</b> (1979) .....	45
Figura 15	Capa do livro do autor, <b>Poemas a Mão Livre</b> (1983) .....	49
Figura 16	Capa do livro do autor, <b>Clau</b> (1992) .....	50
Figura 17	Capa do livro do autor, <b>Carne de Terceira com Poemas a Mão Livre</b> (1996). .....	51
Figura 18	Capa do livro do autor, <b>Yacala</b> (1999) .....	52
Figura 19	Capa da edição fac-similar do livro do autor, <b>Yacala</b> (2000) .....	52
Figura 20	Cópia do colofon da primeira edição do livro <b>Yacala</b> (1999) .....	54
Figura 21	Capa do livro do autor, <b>Meditação sob os Lajedos</b> (2002) .....	56
Figura 22	Cópia de desenho do autor que ilustra o seu livro, <b>Dez Poemas Políticos</b> (1979) .....	58
Figura 23	Cópia de desenho do autor que ilustra a capa de seu livro, <b>Clau</b> (1992) .....	59
Figura 24	Capa do livro, <b>Sete Estórias sem Rei</b> (1984), de Mário Souto Maior, com ilustração de Alberto da Cunha Melo .....	60
Figura 25	Ilustração do autor no livro, <b>Sete Estórias sem Rei</b> (1984), de Mário Souto Maior. ....	60

## INTRODUÇÃO

A esperança nova se agarra  
entre as barreiras e as ossadas  
de nossos morros. E por que  
morremos antes de salvá-la?  
(MELO, 1989, p. 48)

Homens e mulheres do nosso tempo ainda lêem e criam poesia como se a sentença provocadora de Adorno – ‘escrever poemas depois de Auschwitz é um ato de barbárie’ – merecesse esta animosa interrogação: Por que a barbárie deve prevalecer? Hoje a obra de arte e de poesia, sob o império de mercado, tornou-se, como pensava o mesmo Hegel, e mais do que nunca, ‘essencialmente uma pergunta, uma interpelação que ressoa, um chamado aos ânimos e aos espíritos’. E onde há perplexidade, há esperança, um fio de esperança, de recomeço. (BOSI, 2000, p 17).

Que formas e eventos<sup>1</sup>, na obra de Alberto da Cunha Melo, podem facilitar o acesso do leitor à sua estética e à sua mensagem? Eis a pergunta que ambicionamos responder esperando assim contribuir para uma sensibilização que acorde, especialmente, nossos jovens alunos e alunas, com os quais convivemos no cotidiano espesso da sala de aula, para a região do afeto, da fraternidade e da beleza ínsitas à Arte Poética.

Quando realizávamos, nesta monografia, as últimas correções e ajustes, mais pelas exigências dos prazos, que por dar por terminado este “discurso de compreensão” (BOSI, 1988) da obra de Alberto da Cunha Melo, fatos nacionais e internacionais positivos e outros terríficos passaram a interferir pesadamente nesse burilamento. Os positivos diziam respeito ao lançamento do segundo livro de poesia do Papa João Paulo II: **Tríptico Romano** – noticiado largamente na imprensa nacional e internacional (MAYRINK, 2003), dando conta dos mais de 300 mil exemplares já vendidos na Polônia, e da próxima tradução para mais de seis idiomas; e a eleição do professor Alfredo Bosi para a Academia Brasileira de Letras. A primeira notícia nos animava a acreditar mais ainda na força da poesia, enquanto instituição social, e a segunda nos conscientizava, mais ainda, da grande responsabilidade em utilizar em nosso percurso as bases teóricas do eminente mestre. Quanto aos fatos negativos, vinham-nos

<sup>1</sup> “Entende-se por evento todo acontecer vivido da existência que motiva as operações textuais, nelas penetrando como temporalidade e subjetividade.” (BOSI, 1988)

das desoladoras manchetes sobre os ataques dos Estados Unidos ao Iraque. Em pleno século XXI, a barbárie, o terror e o ódio adquiriam supremacia “anunciando-nos com susto/ que ainda impera César Augusto” (MELO, 2002, p. 84).

Todas essas notícias foram por nós interpretadas como fonte de mais motivação que atendia ao nosso propósito de abrir portas à percepção dos leitores para poesia de Alberto da Cunha Melo. Convivemos com a obra do autor há mais de vinte e quatro anos e já havíamos prefaciado o seu livro **Poemas Anteriores** (CORDEIRO, 1983), construindo um breve ensaio que dá conta de características do “Imagismo” – movimento estético liderado por Ezra Pound e Amy Lowell. Nosso projeto inicial era exatamente aprofundarmos essa vertente estética e propiciarmos uma interpretação dos recursos imagéticos afins, modulados na personalíssima poética do autor, por considerarmos também importantes para atender ao objetivo de promover a sensibilização de seus possíveis leitores.

No entanto, o acesso que temos a toda obra de Alberto da Cunha Melo e a familiaridade com ela, além do fato de constatarmos que, pela nossa pesquisa, nenhuma monografia havia-na abordado, levou-nos a abandonar a especificidade do projeto inicial e ousarmos identificar, à luz da teoria de Alfredo Bosi (2000), “Poesia-Resistência”, algumas “Fases da Resistência da Poesia de Alberto da Cunha Melo”. Isso moveu-nos a uma busca que dá a este trabalho acadêmico um caráter inédito, pois foi necessário investigar os alicerces histórico-literários que fundamentavam a visão de mundo do autor pernambucano que desde já buscamos identificar para bem informar o leitor. Para isso transcrevemos o registro de um jornalista que se identifica como E. F. No **Jaboatão Jornal**, de 01 de março de 1981, em matéria intitulada ‘Filho de Gato é Gatinho’, ele dá conta de uma pesquisa e elabora notas bem elucidativas sobre a linhagem poética familiar de Alberto da Cunha Melo:

Em nossas pesquisas no Arquivo Público, eis o que encontramos em ‘A Voz de Goiana’, ano I – nº 1, nº 11, de **abril de 1915**: ‘[...] Mar [...] / Escarcéus soergue. Contra céus, granitos - / A brava fera sempre, eternamente uivando./ Seu ódio espuma do coração maldito.’ Alberto Tavares. A transcrição é em homenagem deste jornal a um dos seus fundadores, então Redator-Chefe e hoje estimado colaborador e autor das saborosas ‘TROVAS E TROVOADAS’, Benedito Tavares da Cunha Melo, que se esconde sob o pseudônimo de K. OLHO.

Acontece que ALBERTO TAVARES não é outro senão o pai de BENEDITO e avô do escritor Alberto Cunha Melo. Filho de gato é gatinho... (grifos do autor).

Alberto da Cunha Melo ou José Alberto Tavares da Cunha Melo – este seu nome completo – é neto e filho de poetas. Em 37 anos de seu fazer literário – seu primeiro livro

**Círculo Cósmico** foi lançado em 1966 – Alberto publicou doze títulos de poesia e participou de vinte e três antologias, duas delas internacionais, todas inseridas na bibliografia ativa deste trabalho monográfico para que se ratifique mais precisamente esta nossa anotação. Ele também mereceu uma boa recepção da crítica literária pernambucana e nacional, a exemplo de nomes como César Leal, Fábio Lucas, Hildeberto Barbosa Filho, Bruno Tolentino e o prefácio consagrador, especialmente para o mundo acadêmico, do professor Alfredo Bosi (2000), em seu livro **Yacala** (MELO, 2000), na segunda edição fac-similar da editora EDFURN, que atravessou as fronteiras brasileiras e foi lançado na cidade de Évora, em Portugal, durante o III Seminário Internacional de Lusografias.

A mudança de rumos do projeto inicial significou, então, um esforço em dar ao leitor destas páginas uma visão abrangente do percurso do escritor, o que implicou em se ampliar a abordagem horizontal traçada originalmente e, ao mesmo tempo, pontuar, nesse traçado horizontal, os eventos nos quais identificamos as “faces da resistência” de sua poesia, por considerarmos de significação pertinente ao objetivo primeiro deste trabalho. Reafirmamos: “pontuar”, pois as análises específicas dos poemas configuram apenas algumas faces do poliedro da estética de Alberto da Cunha Melo, sendo necessária uma investigação mais funda para que ele se revele uno em sua multiplicidade, trabalho que deverá ser realizado em dissertações e/ou teses, de quem se aventurar a percorrer os caminhos que hora traçamos e se detiver no registro desses eventos.

Essa pontuação, fundamentada pela teoria “Poesia-Resistência”, de Alfredo Bosi, procura construir um discurso onde se identifiquem os caminhos assumidos pelo autor para contradizer o sistema. Sistema esse em que “As almas e os objetos foram assumidos e guiados, no agir cotidiano, pelos mecanismos do interesse, da produtividade; e o seu valor foi se medindo quase automaticamente pela posição que ocupa na hierarquia de classe ou de status” (BOSI, 2000, p. 164). A isso correspondem os discursos dominantes da vulgaridade, do chulo, do grotesco, embalados pelo discurso poderoso da propaganda alcoviteira do nosso modo capitalista de “não-viver”. É esse sistema que vem enxotando a poesia do discurso corrente da sociedade, o que se dá mais duramente a partir do século XIX, “quando o estilo capitalista e burguês de viver, pensar e dizer se expande a ponto de dominar a Terra inteira.” (BOSI, 2000, p. 164). No entanto, a poesia resistiu ao cerco, modulando-se entre os escombros da sua função primeira de nomear que abria o mundo ao homem e o homem a si mesmo, diminuindo os abismos entre os seres. A Poesia-Resistência é constituída pelos

modos pelos quais o poético sobrevive às injunções do meio hostil e surdo à prática da fraternidade.

Os caminhos da “resistência”, na modernidade, foram aqui delimitados, de acordo com a teoria adotada. Mas abordamos os que se nos configuraram mais bem delineados pelo mestre: “poesia-metalinguagem, poesia-mito, poesia-sátira, poesia-utopia” (BOSI, 2000, p. 170). Portanto esperamos ser reconhecido, neste trabalho, o propósito de elaborar um discurso onde se identifiquem ou não esses caminhos na poética de Alberto da Cunha Melo. Acreditamos, assim, ter dado o passo inicial para que outros pesquisadores, através do nosso roteiro, construam novos discursos que se incorporem ao objetivo comum de permitir o acesso à obra do poeta.

Nosso percurso pode ser mais bem vislumbrado pelos capítulos aqui contidos. No primeiro – **Alberto da Cunha Melo e a Geração 65** –, procuramos chegar às origens da poesia de toda uma geração – Geração 65 – onde está incrustada a obra e o percurso sócio-literário do autor. Ao contexto datado inserimos algumas poucas luzes e muitas interrogações que visam, principalmente, aguçar a curiosidade de novos pesquisadores sobre essa geração da poesia pernambucana.

No segundo capítulo – **A Obra Poética: uma Geografia Espacio-temporal** –, a contextualização histórico-literária é acompanhada de breves perfis estéticos: luzes já acesas por alguns críticos e articulistas sobre a obra do autor, em seus 37 anos de vida literária. Foi possível perceber três momentos distintos na obra de Alberto da Cunha Melo, e assim os delimitamos, o que pode resultar num recurso didático facilitador da compreensão da nossa abordagem.

No terceiro capítulo, procedemos à **Revisão da Literatura** onde mais detalhadamente procuramos descrever a teoria da “Poesia-Resistência”, de Bosi, que fundamenta este trabalho, já abordada em parágrafo anterior, nesta introdução.

No quarto capítulo, nosso discurso pretende ter dado conta dos eventos nos quais nos detivemos, a fim de identificar, na obra poética de Alberto da Cunha Melo, os poemas em que se modulam os diversos caminhos da “Poesia da Resistência”. Alcançamos, então, os poemas depois de recolhidas as centelhas possíveis dos percursos histórico-literários da geração a que

pertence o autor e da sua obra, além do lastro teórico do capítulo 3. Um método dedutivo que se justifica por uma teoria já fundada por Alfredo Bosi (2000, prefácio), quando da sua análise do livro **Yacala** (MELO, 2000), ao qual se conjuga uma pesquisa bibliográfica de caráter especulativo, de onde presumimos ter extraído os momentos mais pertinentes à proposta aqui delineada.

Ao sistematizar e aprofundar, a partir deste ensaio monográfico, o estudo da obra de Alberto da Cunha Melo, acreditamos realizar uma tarefa que se reveste de múltiplas importâncias, tanto para a abordagem didática, em sala de aula, como para a divulgação e valorização da Arte Literária Pernambucana, tantas vezes ofuscada pelo falso brilho de obras festejadas pelas mídias poderosas do Sul do país, e tantas vezes resistente a esse cerco silenciador, a exemplo das obras poéticas de um João Cabral de Melo Neto e de um Carlos Pena Filho, entre outras.

A tudo isso se alia a nossa crença, apesar de todas as contingências a ela adversas e talvez por elas mesmas, no valor profundo desta instituição social que é a Poesia, legado de vida, povoando a solidão de cada um com as esperanças de fraternidade e recomeço de um mundo melhor: “que o verbo aqui se faça carne,/ antes que seja muito tarde.” (MELO, 2002, p. 40).



## 1.0 ALBERTO DA CUNHA MELO E A GERAÇÃO 65

Enfim, o que é um contexto datado quando subtraído à memória e à consciência presente que o interroga? (BOSI, 2000, p. 10).

Neste capítulo, procurando tomar como guia as diretrizes de Alfredo Bosi, começamos a esboçar uma das faces do “poliedro” que diz respeito ao contexto histórico-literário da obra de Alberto da Cunha Melo. Não se trata, no entanto, de se fazer, aqui, uma leitura historicista tentando explicar a gênese de sua obra unicamente por fatos exteriores a ela. Procuramos ir às origens da poesia de toda uma geração onde estão incrustados a obra e o percurso sócio-literário do autor, para trazer “à memória e à consciência”, de antigos e novos leitores da poesia de Alberto da Cunha Melo, os fatos tantas vezes subtraídos dos relatos da imprensa e de outras mídias pernambucanas e nacionais. Obviamente, este percurso oferecerá subsídios que poderão facilitar a compreensão das análises específicas do capítulo 4 desta monografia – **Faces da Resistência na Poesia de Alberto da Cunha Melo** – porque não se pode abstrair a obra do seu contexto, mas longe estamos de uma visão determinista há muito ultrapassada.

MELO, Alberto da Cunha (Jaboatão – PE, 1942 - ), poeta, editor, sociólogo, jornalista. Participou da geração 65 e foi um dos fundadores das Edições Pirata. BIBL.: *Círculo Cósmico*. 1966 (poes.); *Oração pelo poema*. 1969 (poes.); *Noticiário*. 1979 (poes.); *Yacala*, 1999 (poes.); *partic. antol.* REF.: *Quíntuplo*, 13. DA. (COUTINHO, 2001. v. II, p. 1045).

GERAÇÃO 65. Grupo formado em Jaboatão, PE, 1964. Seus membros Alberto C. Melo, Domingos Alexandre, José L. A. de Melo e Jaci Bezerra se reuniam em função da produção poética que cada um desenvolvia. Denominou-se inicialmente Grupo de Jaboatão, passando a ser conhecido, por sugestão do historiador Tadeu Rocha, em Recife, como Geração 65. Fundaram o Movimento Pirata e as edições de mesmo nome e mantiveram a marca, Geração 65. Ref. De. (COUTINHO, 2001. v. I, p. 765.)

Os verbetes acima transcritos são a mais recente referência, em livro, de que temos conhecimento, sobre Alberto da Cunha Melo como participante da *Geração 65*. A parcialidade das informações estimulou-nos mais ainda a levar a efeito o nosso propósito de

esboçar o perfil da Geração a que pertence, o que, acreditamos, oferecerá subsídios importantes também para novos historiadores e estudiosos.

Fundamentamos a nossa investigação em registros de variada procedência, especialmente os constantes dos livros: **A noite da Longa Aprendizagem. Notas à Margem do Trabalho Poético**, cinco volumes manuscritos, comendo, em média, mais de 600 páginas, inédito e inacabado – o primeiro registro é de 19 de fevereiro de 1978 –; **Geração 65. O Livro dos Trinta Anos**, (BEZERRA org., 1995), resultado de palestras e depoimentos do *Seminário Comemorativo dos Trinta Anos da Geração 65*; promovido pela Fundação Joaquim Nabuco, em 10 de novembro de 1995; e a edição especial do Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco, *A Poesia de Três Gerações*, editado pelo escritor Mário Hélio (1995a). Esperamos, assim, também colaborar para o esclarecimento de alguns dos numerosos equívocos, senão da total falta de conhecimento, sobre a *Geração 65* e a relação que teve Alberto da Cunha Melo com ela.



Figura 1. Capa do livro **Geração 65**, formato 21x30cm, em preto e branco, 195p.

Não discutiremos aqui o conceito de “geração”, mesmo que o pai da Geração 65, o poeta e crítico, César Leal (1995), tenha fornecido os rumos da teoria existente, e o escritor Cláudio Aguiar (1995, p. 157-176) tenha tão bem fundamentado sua perspectiva em relação a esse conceito, além do escritor Mário Hélio (1995a). Todos eles reportam-se a José Ortega y Gasset, que escreveu **El Tema de Nuestro Tiempo**, levando “Julián Marías a escrever **El Método Histórico de Las Generaciones** e diversos outros trabalhos muito importantes sobre o tema” (HÉLIO, 1995a). Mas o conceito de Geração, principalmente no Brasil, ainda é uma teoria em discussão, não se definiu claramente e promove inúmeras polêmicas sempre que abordado. Por isso, preferimos, aqui, apenas lembrar que a multiplicidade de tendências

estéticas, pós 22, principalmente, fez com que críticos e historiadores utilizassem essa divisão em gerações como meio didático para melhor sistematizar o estudo dos fatos literários nos planos históricos e/ou estéticos. E passamos a tentar configurar em tópicos específicos as bases que delineiam o perfil da Geração, especialmente o seu começo.

### 1.1 O Grupo de Jaboatão

Foi o ‘o grupo de Jaboatão’ que ousou botar a cabeça de fora, abrindo caminho para novos intelectuais da Província, numa fase adversa à literatura, pela absorvente preocupação com o desenvolvimento econômico e o progresso do tecnicismo. (ROCHA, 1976).

Essa afirmativa do historiador Tadeu Rocha, no *Diário de Pernambuco*, dez anos depois da estréia dos poetas da Geração, nas páginas daquele mesmo jornal, não deixa dúvidas e é confirmada pelos numerosos depoimentos encontrados em **Geração 65. O Livro dos Trinta Anos**. O *Grupo de Jaboatão*, do qual participavam os poetas: Alberto da Cunha Melo, Domingos Alexandre, Jaci Bezerra e José Luiz de Almeida Melo, tinha, como orientador, o pai de Alberto, Benedito Cunha Melo, professor, poeta e jornalista. Alberto registra:

Meu pai tinha uma formação clássica e nos estimulava à leitura de obras que iam até o simbolismo. Foi o meu primo Valdemir Veloso que, nos visitando, entre os anos 60 a 61, nos deu uma lista de poetas modernos que devíamos ler, entre eles, Carlos Pena Filho e João Cabral. Encantou-me a poesia de João Cabral e Jaci Bezerra, a de Carlos Pena. Éramos muito pobres e não podíamos comprar livros. Mas eu e Jaci estávamos filiados às bibliotecas públicas de Afogados e da Faculdade de Direito, foi nessas instituições que atualizamos as nossas leituras. (MELO, 1979-2000, v. 3)

A foto a seguir, de 24 de abril de 1980, ilustra o engajamento do poeta Benedito Cunha Melo às atividades literárias dos da nova geração. Trata-se de um dos lançamentos coletivos das Edições Pirata.



Figura 2. Da esquerda para a direita: Tarcísio Pereira, proprietário da livraria Livro 7, Abraão, pintor, eu e meu pai. Foto de Josenildo Freire. (MELO, 1978-2000, v. II, registro de 17.05.1980, Rio Branco, AC)

Alberto da Cunha Melo, Domingos Alexandre e Jaci Bezerra estudavam na mesma escola pública. José Luiz de Almeida Melo uniu-se ao pequeno grupo por outras contingências, favorecidas pelo fato de morar na mesma cidade, Jaboatão. Mas era principalmente a poesia que promovia o encontro dos então jovens poetas, a fim de discutirem suas produções, conforme o verbete mencionado (COUTINHO, 2001, v. I, p.765). César Leal ratifica esses registros, quando das primeiras publicações dos poemas deles no **Diário de Pernambuco**:

Além de Jaci Bezerra, mais três bons poetas jovens moram em Jaboatão. Formam um grupo ativo, que se reúne freqüentemente para autocrítica e crítica recíproca de seus próprios trabalhos. São eles Domingos Alexandre, Jaci Bezerra, José Luiz de Almeida Melo e Alberto da Cunha Melo. (LEAL, 1966).



Figura 3. Raríssima presença no palco do autor, declamando, em Festival de Poesia, realizado no dia 20 de junho de 1965, no palco do Centro dos Ferrovários, em Jaboatão. (MELO, 1978.200, v. IV; registro de 23.09.95. Recife, PE.).

Eles participavam ativamente das atividades culturais do município. Alberto da Cunha Melo e José Luiz de Almeida Melo chegaram a criar e editar o jornal **Dia Virá**, que distribuía pelas ruas de Jabotão. As Figuras 3 e 4, aqui inseridas, trazem fotos que não constam do mais completo exemplar sobre a Geração, no registro dos seus 30 anos. Elas fazem parte do volume IV do livro **A Noite da Longa Aprendizagem. Notas à Margem do Trabalho Poético**, de Alberto da Cunha Melo. Fizemos questão de deixar as marcas do volume inédito, porque, em assim o sendo, julgamos por bem trazer, aos leitores destas páginas, a visualização, mesmo que parcial, de suas configurações.



Figura 4. Jabotão, 1963.

Desse registro, da Figura 4, achamos por bem destacar as observações da legenda manuscrita do poeta:

Venda, aos gritos, pela cidade, do jornal meio-anarquista 'Dia Virá'. Da esquerda para a direita: Raul Gadelha, Ivo Oliveira, o autor destas notas e José Luiz de Almeida Melo. O jornal deixou de circular, por divergência interna, poucos meses

antes do golpe militar de 1964. O anarquismo ou a liderança difusa salvou os redatores do ‘patriotismo corajoso’ dos torturadores militares ou para-militares. (MELO, 1978-2000, v. III, registro de 22.11.1981, Recife, PE)

Dos quatro integrantes do Grupo de Jaboatão, apenas José Luiz de Almeida Melo, ao que tudo indica, abandonou o fazer literário, pois temos conhecimento de um único livro dele: **Proibições e Impedimentos**, em 1981, pelas Edições Pirata. Ele dedicou-se à profissão médica, passando também pela carreira política. Do grupo era o único cuja família alcançava o status de classe média. Temos, além desse livro, um único registro do dia 13 de junho de 1979, em **A Noite da Longa Aprendizagem** (MELO, 1979-2000), que dá conta simultaneamente de uma época em que ainda produzia seus poemas e de que a convivência irmã cujas nascentes se encontravam na cidade de Jaboatão, no início da década de 60, prosseguia:

“José Luiz (de Almeida Melo), o ‘velho’ Zé, acaba de visitar-me. Pesado de mansidão, e alegre, entregou-me um poema e disse: ‘Escrevi hoje, depois de 16 anos sem escrever’. Deu ao poema o título ‘Fui-me embora’: ‘Sangrei, lentamente, / até a última alma. / Depois, lentamente, / degustei / a carne ensalgada do meu corpo. / Fui-me embora.’

## 1.2 Primeiras Publicações

De fato, a poesia veiculada no Diário de Pernambuco, no ano de 1966, teve uma boa recepção, e julgamos constituir material indiscutivelmente interessante para um aprofundamento da *Estética da Recepção*, de Jauss (1976), o que não é o nosso propósito específico. Mas deixamos, neste estudo, registros desse bom começo, para quem quiser prosseguir nesses estudos, porque existe farto material nos jornais locais sobre a trajetória do Grupo de Jaboatão e da conseqüente *Geração 65*.

### 1.2.1 Publicações em Jornais

O primeiro do Grupo de Jaboatão a ser publicado nas páginas do Diário de Pernambuco, por iniciativa de César Leal, foi Jaci Bezerra, em 23 de janeiro de 1966, conforme nos esclarece César Leal (1995). Foi ele que assinou a carta dirigida ao então editor da Página Literária daquele jornal. O registro é de um dos poetas da Geração, Marco Polo (1995, p.62).



[...] Alberto Cunha Melo, Jaci Bezerra e Domingos Alexandre, que depois ficaram conhecidos como o Grupo de Jaboatão, também eram bem jovens e vinham escrevendo há muito tempo e queriam publicar seus poemas no jornal.

Juntaram-se os três e convocaram mais um quarto amigo, para redigir um bilhete muito formal a César, dizendo que cultivavam as musas sem interesse na glória, mas simplesmente querendo criar uma arte autêntica etc. E perguntavam se César se dignaria dar uma olhada nos seus trabalhos e opinar sobre eles. O bilhete se encerrava num tom meio seco e duro, como se o seu orgulho de poetas autênticos precisasse ser sublinhado. Aquela velha história do toque de arrogância para esconder a timidez.

César Leal ficou abismado com a qualidade dos versos daqueles poetas [...]. Quando conheceu o grupo e concluiu que eles realmente existiam, César desdobrou-se em incentivá-los e divulgá-los com a mesma generosidade que tivera comigo.

O entusiasmo de César Leal, mencionado por Marco Polo, fica claro com essa nota, de seis de fevereiro de 1966, no Diário de Pernambuco: *No próximo domingo publicaremos poemas de José Luiz de Almeida Melo, um dos integrantes do 'Grupo de Jaboatão', grupo que parte daquela cidadezinha pra conquistar rapidamente o país inteiro. Quem duvidar, recorte o que afirmamos aqui agora.* De fato, em treze de fevereiro de 1966, além de *Dois Sonetos*, de José Luiz de Almeida Melo, ele publicaria o poema *Influência das Vozes*, de Alberto da Cunha Melo.

Observe-se que Marco Polo é um dos primeiros a conviver com as nascentes da *Geração 65*, o Grupo de Jaboatão, e é importante registrar que, conforme Mário Hélio (1995c), em 1963, ele já publicara poemas nos jornais do Recife, com a interferência de Ariano Suassuna, João Alexandre Barbosa e César Leal. No caso, nem o Grupo de Jaboatão nem a conseqüente *Geração 65* estavam configuradas, mas obviamente é importante ressaltar que possivelmente tenha sido ele o primeiro da Geração a ser publicado nos jornais locais, de acordo com as fontes pesquisadas. Não podemos precisar a data, mas Alberto da Cunha Melo nos informa que também os poetas Ângelo Monteiro e Severino Filgueira já haviam publicado alguns poemas antes das publicações do Grupo de Jaboatão.

No entanto, é a partir da publicação dos poetas do Grupo de Jaboatão que se desencadeia um processo aglutinador contínuo de convivência literária, confluindo para ele, numa quase cronologia, escritores como Tarcísio Meira César, Laércio Vasconcelos, Marco Polo, Gladstone Vieira Belo, Ângelo Monteiro, Sebastião Vila Nova, José Carlos Targino, Lourdes Sarmiento, Cyl Galindo, Sérgio Moacir de Albuquerque, Severino Filgueira, Marcus Accioly, Tereza Tenório, Arnaldo Tobias, Almir Castro Barros, Marcos Cordeiro, José Mário Rodrigues, José Rodrigues de Paiva, Sérgio Bernardo, Lucila Nogueira, Janice Japiassu, entre outros poetas, e ainda os prosadores Cláudio Aguiar, Maximiano Campos e Raimundo

Carrero, além do cientista social Roberto Aguiar, que faleceu, neste ano de 2003, antes de concluir o romance a *Idade do Gelo*, que vinha escrevendo e do qual temos registro na seguinte correspondência dirigida a Alberto da Cunha Melo, por endereço eletrônico:

----- Original Message -----

From: raguiar <[raguiar@undp.org.br](mailto:raguiar@undp.org.br)>

To: <[alberto8@hotmail.com.br](mailto:alberto8@hotmail.com.br)>

Sent: Wednesday, August 07, 2002 4:00 PM

Subject: **idade do gelo**

Alberto

*Este é o trecho inicial de um texto que escrevo. Gostaria de conversar com você sobre ele. Importa sua opinião. Como está a escrita, enquanto estrutura, linguagem e estética? Muita coisa irei acrescentar. No momento, preocupa-me, o que tenho de cortar.*

*Forte abraço*

Roberto

### 1.2.2 Publicações em Livros

*Alberto da Cunha Melo foi o primeiro a ser lançado por mim em livro. Foi muito elogiado por Fábio Lucas no O Estado de São Paulo. (...) Cheguei a comprar papel, cheguei mesmo a furtrar, quando da publicação do livro do Alberto Cunha Melo, Círculo Cósmico. Para dizer que o livro era editado pela Universidade, valorizando o autor, comprei o papel da capa e falei com o senhor João Costa, do Diário de Pernambuco, pedindo-lhe para ele preparar o livro escondido e que me ajudasse a compor tudo no jornal. Ele preparou tudo na oficina e depois eu furtei o selo da Imprensa Universitário, dando aos leitores a idéia de uma publicação da UFPE. Foi bom para o autor e para a Universidade. Eu fiz isso. Foi uma festa enorme. Paguei tudo do meu bolso e achei ótimo ter gasto aquele dinheiro. Ainda lancei o livro no Restaurante Torre de Londres. Depois saí pela rua e fiquei até com medo, todos eles me acompanhando. Era um bando! (LEAL, 1995, p. 32, grifo nosso).*

Essa declaração de César Leal pode elucidar quanto à recepção do primeiro livro publicado por ele do Grupo de Jaboatão (1966). Mas não constatamos a publicação referida no jornal *O Estado de São Paulo*. Nossas pesquisas, em relação ao elogio do crítico Fábio Lucas, levaram-nos ao livro, **A Face Visível**, de 1973: “De Drummond a Wilma Vilela (ou Alberto da Cunha Melo, um novo pernambucano de grande força lírica), que amplo teclado, que terreno fecundo, mesmo para os espíritos mais insatisfeitos” (LUCAS, 1973, p. 48).



Mas a boa recepção da publicação de **Círculo Cósmico** (MELO, 1966), pode ser ratificada mesmo pelo entusiasmo que levou César Leal a novas publicações: **Romances**, de Jaci Bezerra, em 1967, e mais outro livro de Alberto da Cunha, **Oração pelo Poema**, em 1969. Os dois últimos já com o aval “verdadeiro” da Imprensa Universitária, da UFPE. É interessante realçar um fato que talvez possa interessar aos novos investigadores: o **Círculo Cósmico** (1966) não foi apenas o primeiro livro de Alberto da Cunha Melo publicado, mas o primeiro livro publicado do Grupo de Jaboatão, o primeiro livro publicado, portanto, de um poeta da *Geração 65*.

Retomando a rota da poesia, especificamente de Alberto da Cunha Melo, vale ressaltar que ele publicou o seu décimo segundo título de poesia, **Meditação sob os Lajedos**, no ano de 2002. Todas as edições de seus livros foram pequeníssimas e apenas o **Soma dos Sumos** teve distribuição nacional porque publicado pela editora José Olympio, em convênio da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. No entanto, na virada do século – 2001 –, ele foi incluído nas antologias **Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século XX**, organizada pelo jornalista e poeta, José Nêumane Pinto, e editada pela Geração Editorial – SP –, e **100 Anos de Poesia. Um Panorama da Poesia Brasileira no Século XX**, organizada por Cláudio Rodrigues e Alexandra Maia, editada pela O Verso – RJ –, sob o patrocínio do Ministério da Cultura, ambas com distribuição nacional. Nesta última, esteve também incluído o poeta e crítico, César Leal, mas nenhum outro colega de Geração o foi, nem nas citadas ou em quaisquer outras editadas no país, nesse ano de 2001.

### 1.3 O Rótulo Histórico

No plano de sua obra, ainda com vários títulos inéditos que esperam publicação, Tadeu Rocha merecerá das gerações mais novas o respeito e a gratidão pela sua capacidade de homem de visão, por ter-se antecipado aos demais do seu tempo, quando apontou para o futuro e, suspeitando que o ritmo histórico sempre impõe mudanças, registrou o aparecimento da novíssima Geração 65. (AGUIAR, 1995, p. 18)

A referência final da palestra do escritor Cláudio Aguiar, - “Tadeu Rocha: Visão e Permanência” – foi tecida por um longo discurso que revela a importância desse estudioso com vários trabalhos já publicados à época em que argutamente percebeu a gestação de novas

poéticas, nomeando-as de *Geração 65*. Cláudio Aguiar (1995, p. 15-18) cita as seguintes obras: **Caderno de Geografia do Brasil** (1951), **A Geografia Moderna em Pernambuco** (1954), **Delmiro Gouveia: o pioneiro de Paulo Afonso** (ensaio biográfico, 1963), **Modernismo & Regionalismo** (ensaio, 1964) e a publicação periódica **Roteiros do Recife. (Olinda e Guararapes)**, onde seria inserido, na 3ª edição (1967), o artigo “Geografia Poética do Recife”, registrando então o surgimento da *Geração 65*.

Logo no início deste capítulo, já demos conta, através do verbete de Coutinho (2001, v. I, p. 765), que foi o historiador Tadeu Rocha quem criou o rótulo da *Geração 65*. Observe-se que a publicação é de 1967, posterior, portanto, à divulgação dos poetas nas páginas do Diário de Pernambuco, 1966, e a data, 65, no rótulo da Geração, é anterior àquela publicação jornalística. Ele tomou como base a antologia **Lírica**, editada por Elói Editor, em 1967, no Recife. Interessante é vê-lo compartimentar a década de 60, em um lustro – *Geração 65*. Por que não Geração 60? Todos esses porquês podem constituir um bom material de pesquisa para um historiador.

Constatamos, mais uma vez, que a primeira publicação em livro dos poetas do Grupo de Jaboatão foi o **Círculo Cósmico**, de Alberto da Cunha Melo, em 1966. A **Lírica** é de 1967. Nela o Grupo de Jaboatão não está completo, pois não foram incluídos Domingos Alexandre e José Luiz de Almeida Melo. Mas o foram os poetas Gladstone Vieira Belo, Marcos Santânder<sup>2</sup>, Tarcísio Meira César e Ângelo Monteiro, ampliando o leque da gestação poética pernambucana na metade da década de 60.

Deixemos falar-nos Tadeu Rocha (1967):

A mais nova geração literária da metrópole do Nordeste – **a geração 65** – reflete na poesia as grandezas e misérias, belezas e fealdades, alegrias e dores desta enorme cidade tropical [...].

No primeiro número de *Lírica*, revista que reúne um lúcido grupo de novíssimos – Alberto Cunha Melo, Gladstone Vieira Belo, Marcos Santânder, Tarcísio Meira César, Ângelo Monteiro e Jaci Bezerra [...]. (Grifo nosso)

Eis aqui, então, o poder de nomear de um historiador sensível à arte literária, atravessando 36 anos. À sensibilidade do mestre César Leal, uniu-se a do historiador, instaurando um novo tempo da poesia pernambucana.

---

<sup>2</sup> Pseudônimo de Marco Polo, à época.

#### 1.4 As Edições Pirata e a Geração 65

Em manifesto datado de agosto de 1979, o discurso Pirata assim se cristaliza: ‘Que pelo menos a raça semi-extinta dos críticos de literatura saibam que diabo de poesia a massa – não a elite – dos poetas está fazendo. Esta visão pode dizer que ótica, que estética influenciam (...) o proletariado poético destas urzes’. Dizia ainda pretender ‘sistematizar a clandestinidade, a pirataria cultural’. Em dezembro de 1979, continuava fincando seus marcos: ‘O que (...) caracteriza a iniciativa é o desejo interior de cada um de seus elementos de fazer o melhor para divulgar os poetas pernambucanos, nordestinos e sei lá o que’. (MENEZES, 1995, p. 101)

O relato da escritora e socióloga, Eugênia Menezes, detalhado e instigante, é delimitado, conforme ela mesma, sobre as atividades da Pirata entre os anos de 1979 a 1984, e até esse período foram publicados mais de 300 títulos, “entre os quais: **Poesia Reunida**, de Gilberto Freyre, **O Soldado Raso**, de Ledo Ivo; o **Livro de Versos**, de Rubem Braga” (ECHEVERRÍA, 1995, p. 5), **Pernambucânia Dois**, de Mauro Mota, fato que não se pode desconsiderar. O poeta Arnaldo Tobias, da *Geração 65*, foi o primeiro a ser publicado por ela. **Pomar** é também o primeiro livro publicado do próprio poeta.

Em **A Noite da Longa Aprendizagem** (1978-2000, v. I), Alberto da Cunha Melo faz um registro datado de 23 de fevereiro de 1979 realmente singular sobre o primeiro lançamento das Edições Pirata, que ainda não tinha se configurado como tal:

Ontem fui ao lançamento do livro **Pomar**, de Arnaldo Tobias. Editado sigilosamente no Instituto Joaquim Nabuco. O pequeno volume com pouco mais de uma dezena de poemas recebeu um excelente tratamento gráfico, tudo sob a supervisão de Jaci Bezerra e pra surpresa de Tobias, que ainda não tinha lançado nenhum livro. Foi uma festa muito íntima.

O sigilo fica esclarecido por Eugênia Menezes (1995, p 98), quando registra que “O primeiro livro editado pela Pirata, **Pomar**, de Arnaldo Tobias, foi rodado nas máquinas do IJNPS, às escondidas. Daí nasceu o nome da editora”.

Mas é importante ressaltar que o elo entre a *Geração 65* e as Edições Pirata foi caracterizado por uma “intersecção – o desejo de fazer – mas têm personalidades distintas. Parte dos componentes da Pirata sequer era poeta ou escritor” (MENEZES, 1995, p. 105). O grupo inicial foi composto por “Jaci , Alberto, Maria do Carmo de Oliveira (a que dizia estar sempre ‘por enquanto’), Nilza Lisboa, Amarindo Martins de Oliveira, Andréa Mota, Vernaide Wanderley, Ednaldo Gomes de Melo, por Myriam Brindeiro e por mim”. (MENEZES, 1995,

p. 101). Ou seja, das nascentes da *Geração 65*, o Grupo de Jaboatão, dois nomes inauguravam o empreendimento, Alberto da Cunha Melo e Jaci Bezerra, mas as Edições Pirata não foram uma iniciativa exclusiva da Geração 65. Eugênia Menezes (1995, p. 100) registra ainda:

Entendemos que dois outros ingredientes se somaram para azeitar a máquina: a capacidade de liderança de Jaci Bezerra e Alberto Cunha Melo – portanto a Geração 65 – e o encontro de um clima favorável dentro do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – IJNPS, atual Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ, por onde passaram os poetas da Geração 65 Almir Castro Barros, Marcus Accioly e Sérgio Bernardo, além de Jaci Bezerra e Alberto Cunha Melo; onde permanecem Arnaldo Tobias<sup>3</sup>, José Rodrigues de Paiva e Sebastião Vila Nova. Por lá passaram também os romancistas Sérgio Moacir de Albuquerque, Raimundo Carrero e Maximiano Campos<sup>4</sup>, além de nomes mais distantes da Geração, como o poeta Mauro Mota<sup>5</sup>, o cronista Renato Carneiro Campos<sup>6</sup>.

Ao enfatizar que as Edições Pirata não foram uma empresa da *Geração 65*, mas de um grupo animado por propósitos comuns e a vontade de “fazer”, além do “clima favorável dentro do IJNPS”, Eugênia Menezes queria, talvez, fazer jus ao trabalho quase anônimo de pessoas absolutamente integradas e devotadas a esse movimento editorial. Mas o fato é que não se consegue desvincular a Geração 65 da imagem das Edições Pirata. Para isso talvez tenha contribuído o nome da Geração 65 inserida na logomarca da Pirata e estampada em todos os mais dos trezentos livros editados.



Figura 5, logomarca das Edições Pirata

Eis, assim, mais uma pista para pesquisadores que se interessem em entender a fundo a iniciativa histórica desse grupo.

<sup>3</sup> O poeta Arnaldo Tobias faleceu em 2001.

<sup>4</sup> Maximiano Campos teve publicado um livro póstumo de poesia: **Lavrador do Tempo**. Recife: Edições Bagaço/IMC, 1998.

<sup>5</sup> Mauro Mota fazia parte da Geração 45.

<sup>6</sup> Renato Carneiro Campos não fazia parte da Geração 65.

Os registros feitos por Eugênia Menezes foram por ela cedidos para o livro **A Noite da Longa Aprendizagem** e consta do volume IV, como documento. Em **Geração 65. O Livro dos Trinta Anos** (p. 98), ela adverte que eles seriam entregues a uma “instituição responsável pela preservação da nossa memória cultural”, como também seriam inseridos no “livro-diário (inédito) de Alberto Cunha Melo intitulado *A noite da longa aprendizagem*”, (...) onde ‘a história das Edições Pirata também está sendo contada’, segundo o autor.”

Na verdade, de posse dos cinco volumes, podemos constatar que, desde o primeiro, com a nota já mencionada (23 de fevereiro de 1979) sobre o lançamento de Arnaldo Tobias, até o quarto volume, Alberto da Cunha Melo faz um registro detalhado de toda a evolução da Pirata. A preocupação em definir a proposta da editora e a composição de sua equipe parecia ser bem antiga. Vejamos o registro de 2 de novembro de 1979:

Fui ao ‘Diário’, na segunda-feira, oferecer meu ‘Noticiário’ ao Gladstone Vieira Belo e ao Marcos Prado. Marcos, sempre gentil, mostrou-se bastante solícito para facilitar, a mim e a Jaci, espaço suficiente, no ‘Suplemento Literário’, para esclarecermos, de vez, a origem, a composição da equipe e a natureza das ‘Edições Pirata’. Entregou-me uma porção de folhas moduladas do ‘Diário’, com a intenção de publicar, sem cortes ou alterações tudo que escrevêssemos.

Já nos estendemos o suficiente para que se perceba a importância da participação de Alberto da Cunha Melo nas Edições Pirata, e julgamos ser a recíproca verdadeira, basta constatar a publicação, pelas Edições Pirata, dos livros: **Dez Poemas Políticos** (1979), **Noticiário** (1979) e **Poemas à Mão Livre** (1981).

### 1.5 O Contexto Histórico-social

Posso dizer que foi um paradoxo histórico. No momento em que as oligarquias uniam-se aos militares para interromper todo um processo que visava a uma maior distribuição de renda no País, não foram os filhos dessas oligarquias os contemplados com espaço nos jornais e na UFPE. Mas o paradoxo é aparente. 64 não foi 68, quando a ditadura tirou a máscara e botou o capuz. O fenômeno de surgimento desses poetas (pelas mãos de César Leal) tem características democráticas e pode ser considerado resíduo do pré-64. Eles, oligarcas e generais, ainda estavam meios estonteados. O Brasil era muito grande para ser sufocado tão rapidamente. Eles precisaram treinar durante quatro anos para sufocar, mesmo, o que havia de melhor na cultura brasileira. (MELO, 20 mar. 1995).

Esse pequeno fragmento da entrevista concedida por Alberto da Cunha Melo ao escritor e jornalista Mário Hélio, nas páginas do *Jornal do Commercio*, no ano de 1995, quando então a Geração 65 completava trinta anos, além de esclarecer as nascentes da Geração, quanto ao contexto político à época do seu surgimento, pode também esboçar o sociólogo lúcido e

atuante que ele é, uma atuação que marca a sua poesia de reflexões densas, em que sentimento e razão se fundem em perfeita harmonia.

Mas enriquecemos estas notas inserindo depoimentos dos cientistas sociais Roberto Aguiar (1995) e Sebastião Vila Nova (1995), que aprofundam a visão histórico-sociológica da Geração 65. Às suas vozes unimos a de Ângelo Monteiro, poeta e professor de Filosofia. Aguiar concedendo-nos uma contextualização histórico-social mais funda, filosófica, Vila Nova, uma visão sócio-econômica mais específica sobre os seus componentes, e Monteiro acrescentando análises e informações afins.<sup>7</sup>

[...] Nós somos filhos da Guerra ou do imediato pós-guerra. Fomos educados na Guerra Fria. Fomos rebelados contra a autoridade, libertados dos confessionários e escravizados pelas psicoterapias. Indignados com as injustiças sociais e vacilantes entre o capital, o fascínio de Che Guevara e as Encíclicas de João XXIII. Apaixonados pelo romantismo dos Beatles e atraídos pela Chinesa de Godard ou, mais ainda, pela Chinesa de Mão Tse Tung. Éramos pluralistas, embora quase que ortodoxos na nossa crença de democracia. A democracia surgia naquele tempo menos como uma prática das liberdades individuais e mais como uma doutrina que necessita ser imposta, porque não apresentávamos os versos de Camões no Estádio, asfixiando a liberdade de falar.

Vivemos esse clima de ser do contra e, portanto, de esquerda, [...] Alguns na adolescência, viveram a experiência de 1964, no fervor entra a luta contra o golpe [...]

Várias vezes, portanto, a gente fazia profissão na Livro 7, usávamos o deboche, a crítica, o sarcasmo para também mostrar o nosso desagrado e também para contestar a situação. (AGUIAR, 1995, p. 152-153).

Roberto Aguiar dá-nos uma visão sócio-político-cultural correta do que era a Geração 65 nos anos 70, mais especificamente a partir do ano de 1972. A maioria do *Grupo de Jaboatão* já tinha diploma universitário e estava investida em cargos públicos – Alberto da Cunha Melo e Jaci Bezerra na Fundação Joaquim Nabuco. Ele mesmo data e localiza o encontro com a Geração.

“A Geração 65 – os meninos de Jaboatão que começaram a ser publicados por César Leal e que foram rotulados por Tadeu Rocha – marcou o início de um processo aglutinador de várias pessoas. Eu já peguei o trem andando na Livro 7 pequenininha. [...]. Foi Tarcísio quem me apresentou ao Alberto, em 1971 ou 1972. Eu só o conhecia das publicações em jornais”. (AGUIAR, 1995, p. 153).

Achamos por bem ilustrar o registro com a foto a seguir, que se configura, para nós, como a mais elucidativa desse tempo e a mais completa em relação ao grupo de artistas que se inseria às rotas dos jovens, então já adultos, do Grupo de Jaboatão. A imagem nos vem do

---

<sup>7</sup> Não temos notícias de publicações literárias, poéticas ou ficcionais, de Roberto Aguiar, mas Sebastião Vila Nova publicou o livro de poesia **Teoria Completa dos Dias e das Noites** e continuou produzindo, conforme Alberto da Cunha Melo (depoimento, 2003), “uma excelente poesia que foi sufocada pela sua atuação na área científica”. Ambos, Vila Nova e Aguiar, têm várias obras científicas publicadas.

livro **A Noite da Longa Aprendizagem** (MELO, 1978-2000, v. II), em registro do dia 04 de setembro de 1979. Destacamos a legenda detalhada, escrita por Alberto da Cunha Melo:

Dia 17 de agosto, na Livraria Livro 7, por ocasião do lançamento dos sete livros iniciais das Edições Pirata. Da esquerda para a direita, em pé: Alberto, Marcos Cordeiro, Daniel Santiago (só parte do rosto), José Mário Rodrigues, Celina de Holanda, Roberto Aguiar (por trás de Celina), Luis Pessoa, Tarcísio Pereira, José Albino Aguiar, Jaci Bezerra, Almir Castro Barros. Sentados, da esquerda para a direita: Josemir Camilo, Montez Magno, Sérgio Bernardo, Domingos Alexandre.

Arnaldo Tobias não pôde comparecer. Estava restabelecendo-se de um acidente de trânsito.



Figura 6. Foto do primeiro lançamento coletivo das Edições Pirata (MELO, 1978/2000, v. II)

Do Grupo de Jaboaão, a ausência é de José Luis de Almeida Melo, que, conforme já informamos, seguiu a carreira médica, distanciando-se da convivência ativa com os demais.

O fato é que, para chegarem até esse momento, os jovens do Grupo de Jaboaão tiveram que cumprir um roteiro pesado de dificuldades lucidamente analisado por Vila Nova, cuja convivência com a Geração 65 se deu bem antes e com mais intensidade do que com Roberto Aguiar:

“Até que numa noite de março de 1968, através do pintor Delano, fui apresentado pessoalmente ao Jaci Bezerra, na antiga Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, para onde fôramos assistir a aula inaugural do curso de Ciências Sociais, no qual estávamos, os três matriculados. [...] Começa aí um longo diálogo; diálogo que se estenderia a Alberto Cunha Melo, também nosso colega no curso de Ciências Sociais, a Arnaldo Tobias e Ângelo Monteiro”. (VILA NOVA, 1995, p. 52).

Assim, justifica-se o depoimento distinto do clima quase de euforia de Roberto Aguiar: **“Éramos rapazes pobres de subúrbio e tentávamos – sabe Deus a que custo – romper o cotidiano cinzento da nossa adolescência através da arte: da literatura, da música e do**

**cinema**". (VILA NOVA, 1995, p. 53, grifo nosso). A frase, tão comovente quanto verdadeira, pode contextualizar vários poemas de Alberto da Cunha Melo. Vila Nova localiza o tempo anterior referindo-se ao registro de Marco Polo Guimarães – poeta, músico e jornalista – em seu livro **Memorial** (1995):

‘Me lembro de quando Tarcísio Meira César, Laércio Vasconcelos, Gladstone Vieira Belo, Jaci Bezerra, Ângelo Monteiro, Domingos Alexandre, Alberto Cunha Melo e Marcos Santânder eram todos poetas, pobres e amigos, que costumavam sentar no Savoy, à noite, para beber e discutir literatura.’<sup>8</sup>

Nesse estágio, já se amplia a convivência do Grupo de Jaboatão, então Geração 65, após a publicação da antologia **Lírica** (1967). Mas o ponto de convergência continua o mesmo: as discussões estéticas sobre a produção literária dos seus componentes. Ângelo Monteiro (1995, p. 74) dá-nos a exata importância dessa convivência.

A minha Geração foi meu ‘ponto de inserção no mundo’, para usar uma expressão de Teilhard de Chardin: por ela aprimorei meu diálogo com as forças líricas e também trágicas do mundo. A fraternidade no convívio, que não acontecia sem algumas discrepâncias; a troca de informações e experiências, nem sempre compreendida em seu justo valor e em seu inevitável, mas necessário tumulto, - tudo isso fazia parte de uma certa maneira de viver, que não mais se repetiu. E isso significa dizer que não era uma convivência sem sobressaltos e inquietações. Mas quem sabe se, como resultado da profundidade desses encontros, não me adveio um certo horror por convivências aleatórias e sem compromisso com as coisas e com as idéias.

Portanto, temos a visão de duas fases distintas, a retratada por Roberto Aguiar, a partir de 1972, quando o Grupo de Jaboatão já se amalgamara aos roteiros culturais da convivência com muitos intelectuais e artistas de diversas áreas, e tinha como principais pontos de encontro a Fundação Joaquim Nabuco e a livraria Livro 7, e a anterior, retratada por Sebastião Vila Nova, a partir do ano de 1968, quando os principais pontos de encontro eram o Bar Savoy e a Universidade Federal de Pernambuco e o grupo era reduzido, apesar de já ter recebido o rótulo de Geração 65, e ainda estava a caminho da formação de legítima onda cultural. O depoimento de Roberto Aguiar (1995, p. 151-155) versava sobre o tema: *Geração 65: Política e Ideologia* e sua análise é definitiva:

[...] enquanto trabalhadores intelectuais, éramos crentes, em primeiro lugar, em que concepções ideológicas, religiosas, políticas eram bem vindas, eram respeitadas e mesmo desejadas, mas eram secundárias à beleza e à verdade. Este grupo não distinguiu credo político desde que a beleza e a verdade fossem os valores cultivados. Então, esse traço é talvez a principal razão do pluralismo político ideológico *stricto-sensu* de todos que integram a Geração.

Ângelo Monteiro (1995, p. 75), ratifica exemplarmente essa afirmativa:

<sup>8</sup> Não há indicação de página.



[...] a nossa geração começou num compromisso com a língua e com a linguagem, para além das disputas de gosto estético e das posturas filosóficas perante a realidade. Mas se as nossas visões de mundo nem sempre foram conciliáveis, isso constituiu antes um enriquecimento que uma perda para todos nós.

Vila Nova trilha os planos mais detalhados e imediatos da realidade dos componentes da Geração em sua análise sociológica sobre a origem plebéia, a infância pobre e, na adolescência, a luta pela sobrevivência daqueles jovens com os quais convivia identificado pelas mesmas dificuldades. Todos pontos fundamentais para a análise da poesia de Alberto da Cunha Melo, pois se revelam através de numerosos poemas em toda a extensão de sua obra. Aqui, fazemos apenas a transcrição de dois fragmentos, entremedeando o segundo e o terceiro depoimentos – uma vez que o primeiro já está inserido na citação –, não a título de análise, mas de mera exemplificação dessa nossa afirmativa, sem que isso constitua uma adesão ao historicismo, nem uma visão mimética da arte, que horroriza os teóricos modernos, mas uma tentativa de abrir mais portas à percepção da obra de Alberto da Cunha Melo.

#### A origem:

[...] éramos rapazes pobres de subúrbio. Pobres, magros e tímidos, como acontece com quase todos os rapazes pobres de subúrbio. Não nos vangloriávamos do nome das nossas famílias; não tinham fazendas nem engenhos os nossos pais; não nos preocupavam as questões de genealogia; mal sabemos quem foram nossos bisavós, não fomos ‘meninos de engenho’; nossas famílias não tinham brasões armoriais. Enfim, não tivemos ‘nome’ nem ‘berço’, como se usa dizer; não aprendemos a ‘tomar chá em criança’; éramos, como costumam dizer os pseudo-aristocratas deste País, ‘de baixa extração’. Não estávamos entre aqueles que ainda classificam os seres humanos em *nobres* e *plebeus*, prática e modo de pensar tão persistente neste Brasil tão oligárquico e pré-iluminista, principalmente entre os nordestinos ciosos de nomes de família. **De todos nós, apenas Alberto da Cunha Melo – um Tavares da Cunha Melo – poderia ostentar alguma veleidade aristocrática. E, no entanto, era o mais combativamente anti-aristocrático do grupo. Era e ainda é, como revela a sua grande poesia:** ‘Dizem que o meu povo/ é alegre e pacífico. Eu digo que meu povo/ é uma grande força insultada./ Dizem que meu povo/ aprendeu com as argilas e os bons senhores de engenho/ a conhecer seu lugar./ Eu digo que meu povo/ deve ser respeitado/ como qualquer ânsia desconhecida da natureza (...)

E é por isto, por sermos do povo, que, na nossa arte, o povo nunca foi visto nem tratado como algo exótico, pitoresco e engraçado. Só os artistas que não são do povo, que não sofreram as dores e aflições do pobre, os que se orgulham de serem ‘bem nascidos’, só estes vêem o povo como algo exótico, pitoresco, engraçado. Não é o nosso caso. [...] (VILA NOVA, 1995, p. 52, grifo nosso).

#### A infância pobre:

Foi entre os mais pobres, os mais explorados, que vivemos a nossa infância. E, ainda hoje, nos perguntamos que motivo pode ter alguém de proclamar a si mesmo ‘bem nascido’, ‘menino de engenho’, de orgulhar-se de nascer entre os explorados do povo, em pleno século XX, às vésperas do século XXI. **A propósito ninguém caracterizou melhor do que o poeta Alberto Cunha Melo, em prefácio ao Livro das Incandescências, de Jaci Bezerra, o que foi a nossa infância:** ‘Existem algumas pessoas de classe média e alta que, por falta de informação ou por mera hipocrisia, o

que é mais constante, chegam a dizer que a infância dos pobres é mais pitoresca, mais feliz. Alegam que, pelo fato de não estarem as crianças pobres reclusas entre os altos muros das mansões, ou nos apartamentos de cobertura, têm a liberdade de sair por aí, caçando lagartixas, correndo nas ruas, etc. A verdade é outra. As crianças pobres são os seres mais amedrontados e desprotegidos da Terra, mais frágeis e ameaçados a cada esquina do mundo. Sua felicidade, se existe, advém possivelmente de sua inocência, de sua ‘falsa consciência’<sup>9</sup>. (VILA NOVA, 1995, p. 53, grifo nosso).

#### Exemplificação:

ZONA DA MATA// Os guardas do canavial/ ainda me apontam os rifles/ e as balas de açúcar penetram/ quentes, no peito da infância.// Infância doce, infância dura,/ infância de cana 3X,/ a marca pobre que apodrece/ a dentadura das crianças.// Talvez não me escutem porque/ falo de uma área já morta/ ou porque o sol dá um aspecto/ festivo ao infortúnio daqui.// Só com as botas-de-sete-léguas/ chutaria a bola pesada/ e cheia de ventos malignos,/ fugiria deste lugar. //Já que não posso consegui-las,/ sairei do canavial,/ antes que os guardas me farejem/ dentro das canas, como os lobos.

#### A luta pela sobrevivência na juventude:

Éramos rapazes pobres e tímidos de subúrbio. Amanuenses, biscateiros, funcionários públicos subalternos, operários, modestos comerciantes de arrabalde, foram nossos pais. Nós próprios tivemos que enfrentar o batente muito cedo para ajudar no orçamento doméstico: fomos comerciários, bancários, vendedores de todo tipo de coisa. Eu próprio vendi cestas de natal de porta em porta, entre os quatorze e dezesseis anos, fui ator de novela de rádio; fui *office boy*; depois passei alguns anos atrás de um balcão da Companhia Editora Nacional; já na universidade, ensinei violão a domicílio.(VILA NOVA, 1995, p. 55).

#### Exemplificação:

ESCRITÓRIO DA MESBLA// Quando muito, nos permitiam/ ouvir um assovio de fora,/ mas não podíamos voltar/ para um lado nossas cabeças.//Na grande sala não havia/ um só momento em que tivéssemos/dolorosa oportunidade/ de comparar os nossos rostos.// Um de nós ocultava sempre/ um livro escuro na gaveta,/ e o consultava nos instantes/ em que devia descansar.// Outro, numa mesa afastada,/ (menos erudito e mais triste)/ colecionava no intervalo/ selos de países distantes.// No escritório, só raramente,/ íamos contemplar na parede/ o gado manso que partia/ na paisagem do calendário. (MELO, 1989, p. 28)

Vila Nova faz essa análise para justificar seu depoimento específico sobre o tema de sua palestra: *As instituições de pesquisa e Cultura e a Geração 65* (1995, p. 47). Concluirá, assim, o quanto “foi inestimável” o papel do então Instituto Joaquim Nabuco e da Universidade Federal de Pernambuco, “acolhendo, seres sempre tão perigosos e suspeitos como são os poetas e artistas em geral, como os seus funcionários”. Embora, de início, fossem os “‘recibados’, aqueles que não tinham contrato algum, mas recebiam mensalmente um salário mediante assinatura de recibo.”.

<sup>9</sup> MELO, Alberto Cunha. *Incandescência Lírica*. In: BEZERRA, Jaci. **Livro das Incandescências**. Recife. Edições Pirata/Alternativa cultural, 1995, p. 10.

Acordamos com a perspectiva histórica de Roberto Aguiar (1995, p. 154) que justifica a nossa perspectiva do processo aglutinador impulsionado pelo *Grupo de Jaboatão*, nascente da Geração 65, em face, principalmente, do seu pluralismo ideológico. Esse processo de convivência irá justificar a falta de exatidão quanto aos seus participantes e as áreas artísticas que abrangia a Geração. Trata-se, portanto, de uma análise a ser feita por um trabalho mais aprofundado e conseqüentemente mais extenso. É importante observar, no entanto, que a origem se dá com o Grupo de Jaboatão surgindo nas páginas do Diário de Pernambuco e, a seguir, somando-se a um grupo de intelectuais de diversas áreas que já promovia intensa atividade cultural na cidade do Recife.

Para esta monografia, especificamente, ratificamos nosso objetivo primeiro, ao fazer esta abordagem, de contextualizar historicamente a obra de Alberto da Cunha Melo, e reafirmar a sua presença na Geração 65, desde o primeiro momento do *Grupo de Jaboatão* (anterior a 1966), depois sob a revelação do grupo à imprensa (1966), através da sensibilidade do poeta, crítico e mestre, César Leal; a seguir, na publicação de sua poesia na antologia **Lírica** (1967), ponto chave da rotulação histórica de Tadeu Rocha (1967), até o ápice da aglutinação contínua de artistas e intelectuais de procedência variada que foi o movimento editorial das *Edições Pirata* (1979 a 1984).

Além disso, ratificar as palavras de Eugênia Menezes, na apresentação do livro **Soma dos Sumos**, (1983, p. xii), quando sugere que “A grandeza de sua poesia nasce ainda do ofício de viver dignamente, solidário e fraterno, marco de sua presença onde anda e atua”. Referência essa a que se somam, neste tópico, as palavras de Vila Nova, em citações anteriores, ressaltando, principalmente, o caráter de resistência dos jovens do Grupo de Jaboatão, que a ironia do sociólogo (apud BEZERRA, 1995, p. 194) tão bem define: ‘uma geração proveniente da *gentinha* da periferia do Recife [que] conseguiu romper o círculo fechado das oligarquias intelectuais desta cidade, ao lado de um Jaci Bezerra, um Alberto da Cunha Melo e um Ângelo Monteiro, entre outros.’. Essa frase deixa clara a resistência a contingências sociais adversas, ao preconceito de classe e origem, sobretudo através do fazer literário urdido na trama de um cotidiano grotesco e avesso ao sonho, como bem justifica Ângelo Monteiro, (1995, p. 74):

[...] mesmo porque as nossas agruras econômicas não permitiam maiores investidas no campo das atividades que não fossem estritamente líricas... pobres, porém

sonhadores, a poesia nos alimentava o tempo todo, e com isso criávamos uma outra espécie de realidade, e foi esta que realmente nos construiu, nos completou.

## 1.6 Contexto Literário

O Concretismo, a Poesia-práxis, o Poema-processo das novas vanguardas que durante quase duas décadas (60-70) se fizeram ecoar no Sul do País só muito tenuamente se refletiram na poesia da Geração 65. O único poeta da Geração a incursionar sistematicamente em propostas desses tipos e publicá-las foi Arnaldo Tobias. O depoimento de César Leal (1995, p. 31) nos dá a medida da recepção que os demais da Geração atribuíam à estética desses movimentos:

Arnaldo Tobias, com suas válidas experiências no âmbito da poesia visual. [...] Quando ele começou a publicar, todo mundo ficava contra ele. Diziam que ele era concretista. Mas a poesia visual também é poesia. É preciso que os nossos poetas compreendam que a poesia precisa de renovação. A poesia não pode ficar somente nos padrões de uma tradição afortunada.

O poeta Ângelo Monteiro (1995, p. 73) analisa:

Se há uma característica que pode ser apontada como uma constante em nossa geração, esta vem a ser antes a diversidade de pressupostos estéticos que a homogeneidade de princípios que comumente costumam diferenciar uma geração de outra. Diversidade e não dispersão; diversidade de trajetórias existenciais e artísticas, que fez de nossa geração a menos acadêmica e formal das últimas décadas. Mas, ao adotarmos formas expressionais mais ou menos opostas, tivemos sempre em comum o zelo pela palavra, e alguns, dentre nós, a preferência por certas combinações métricas como a redondilha maior, o decassílabo, o octossílabo e o eneassílabo. E isso, apesar de uma aparente – só aparente – similitude, sem que os mestres fossem da geração de 45, porém os das gerações anteriores, com exclusão de dois da primeira, que tanto influenciaram alguns de nossos companheiros, como João Cabral, pernambucano, e Carlos Pena Filho, nascido em Portugal e radicado, desde menino, no Recife, onde morreu precocemente.

A pertinência dessa declaração de Ângelo Monteiro nos leva a analisar um pouco mais alguns aspectos que abordou, em consonância com as informações e registros que temos sobre a obra de Alberto da Cunha Melo, motivo desta monografia.

Os caminhos estéticos divergentes tomados pelos poetas da *Geração 65* tinham uma base comum: “o zelo pela palavra”. Alberto da Cunha Melo (1978-2000, v. I), em registro do dia 26 de fevereiro de 1978, ratifica essa base: “Não acredito em artista que não tenha controle sobre os seus materiais de trabalho. Isso é tanto verdadeiro para a pintura, quanto para a poesia etc.”.

César Leal (1995, p. 25) fez inúmeras vezes, algumas com destaque, o registro quanto ao uso do verso octossílabo, na poesia de Alberto. O que segue é exemplar:

Alberto da Cunha Melo domina como poucos o octossílabo. Cabral ainda não o utilizava, a não ser ocasionalmente, e Alberto da Cunha Melo já o cultivava como se fosse um hábito, sua **maneira de fazer poesia**. Alberto da Cunha Melo tinha cem poemas quando me mostrou seu primeiro livro. Era tanto poema que eu resolvi escolher vinte. Todos em octossílabos. Creio que em 1966. (Grifo do autor).

Não é difícil encontrar registros sobre a influência de João Cabral de Melo Neto na poesia de Alberto, porque, ao largo de todos esses 37 anos do seu fazer literário, ele vem reafirmando essa influência. Nas quatro grandes reportagens que saíram nos jornais Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio e Jornal da Paraíba, em dezembro de 2002<sup>10</sup>. A exemplo: “Na última quarta-feira, um dos maiores poetas vivos em língua portuguesa, já posto pelo crítico Alfredo Bosi no mesmo patamar de Jorge de Lima, João Cabral de Melo Neto e Augusto dos Anjos, o pernambucano Alberto da Cunha Melo lançou seu 15º livro [...]”. (SENA, 14 dez. 2002).

Para este tópico específico julgamos de extrema importância à análise que faz, a seguir, Ângelo Monteiro (1995, p. 71), porque dá a justa medida do quanto terá que ser pesquisado sobre a Geração 65, em relação à poesia produzida no Brasil e no mundo, à época em que seus escritores iniciaram sua caminhada até os nossos dias. Evitando-se analisar o fato de a Geração 65, **como um todo**, não ter em definitivo rompido as barreiras regionais e internacionais.

A poesia escrita entre nós por um José Carlos Targino, um Alberto da Cunha Melo, um Jaci Bezerra, um Marcus Accioly, entre outros, não se distingue, em linhas gerais, da poesia que se faz hoje em Portugal, na Espanha, na Grécia, na França e na Alemanha, além dos Estados Unidos, inclusive pelo tônus existencial de caráter tantas vezes trágico, que parece marcar todos esses poetas. [...]

Mas nós da Geração 65 fomos condenados ao Nordeste, [...] Com certeza duas características podem ser assinaladas como radicais na formação da nossa feição poética: é a única região em que a poesia artística é o gênero mais cultivado, dentro

<sup>10</sup> SENNA, André. A Força da Poesia de Alberto da Cunha Melo. **Jornal da Paraíba**. Campina Grande, 14. dez. 2002, Caderno Vida Geral, p. 3, entrevista.

HÉLIO, Mário, Poesia filosófica de Alberto Cunha Melo. **Diário de Pernambuco**. Recife, 10 dez. 2002, caderno Viver, p. D8.

CARPEGGIANI, Schneider. Reflexões kafkianas do poeta Alberto da Cunha Melo. **Jornal do Commercio**. Recife, 11 dez. 2002, caderno C, Literatura, p. 6.

FERREIRA, Ermelinda. **Meditação sobre os Lajedos**. Jornal do Commercio. Recife, 10 dez. 2002, Opinião, p. 11.

da melhor e mais rigorosa tradição, inclusive da modernidade, e também o único reduto vivo da poesia oral, eternizada pelos seus repentistas e cantadores. Evidentemente a circunstância de aqui vivermos e escrevermos nos isolou numa espécie de Grécia mítica, fechada em si mesma, dentro do continente brasileiro; isolamento agravado, além das disparidades regionais e da política cultural hegemônica do eixo Rio-São Paulo.

Não é difícil avaliar o quanto os escritores da Geração 65 tiveram contra a divulgação da sua obra. Contingências históricas aliadas a um programa estético conscientemente arraigado à tradição e ao “zelo pela palavra” decerto não eram favoráveis a uma recepção do trabalho desses escritores, quando na década de 60 vigoravam os movimentos neo-vanguardistas, e, na de 70, mais experimentalismo, a recuperação da oralidade, a preocupação ideológica e a irreverência, ao modo dos modernistas de 22, em nova roupagem. Tudo aliado, obviamente, ao circuito cultural fechado do eixo Rio-São Paulo, para onde convergiam todas as atenções da imprensa brasileira. Um cerco até hoje comentado e debatido, que vem se arrefecendo graças à internacionalização da informação através do poder da WEB.

O evento da Bossa Nova, ao qual se seguiram os festivais da década de 60 aliados à profunda revolução da comunicação, no Brasil, que foi a televisão, permitiu que a Música Popular Brasileira alcançasse níveis de recepção invejáveis a qualquer poeta que veiculava sua obra através do livro. Fenômeno da comunicação que teve um desdobramento cujo saldo pode ser claramente observado nos livros didáticos do Ensino Médio, levando-nos a encontrar observações como esta:

Nos dias atuais, cresce o interesse dos poetas pela música popular, em razão de sua penetração mais eficaz junto ao grande público. Waly Salomão, Capinam, Cacaso, por exemplo, são co-autores de composições que fizeram sucesso no rádio e na tevê. E compositores como Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento, Fernando Brandt, Beto Guedes, Djavan apresentam nas letras de suas canções certa sofisticação que as aproxima do literário. (CEREJA, 1999, p. 399).

Ângelo Monteiro (1995, p. 71) atribuiu aos concretistas o passo inicial que permitiu o agravamento da reclusão imposta pelas contingências da época, não só à poesia da Geração pernambucana a qual pertencia, mas à poesia brasileira como um todo:

[...] a partir do trabalho e da influência dos concretistas, - quando, estrategicamente, aproveitando o surgimento da Bossa-Nova, com grande aparato publicitário da mídia, a pretexto de dirigir um ataque à geração 45, operaram a substituição de toda poesia (que passou a ser apodada, indiscriminadamente, de poesia discursiva), pelas letras da indústria discográfica, contribuindo para que muitos leitores, inclusive nos meios universitários, voltassem as costas para toda poesia latino-americana e européia – e da obra de muitos professores de literatura de nível médio que levaram para o interior de seus livros didáticos a entronização de tais letras, antes divulgadas pelas revistas do rádio e da televisão, com a exclusão sistemática da poesia que, até então, era propagada e ensinada desde o curso primário.

E acrescenta à argumentação uma apreciação digna de análises mais fundas:

Tal fenômeno se tornou típico curiosamente no Brasil contemporâneo, não assim no resto da América Latina, nem na Europa; pois na Grécia há poetas que compõem para músicos; na França, Baudelaire e Rimbaud não foram desbancados por Edith Piaf e na Inglaterra Shakespeare exerce o primado, apesar dos Beatles...

Portanto, não só as más condições de classe social constituíram a forte correnteza contra a qual a Geração 65 teve que nadar para construir sua obra, mas também todo um contexto histórico-cultural impediu que ela merecesse as atenções necessárias para o seu surgimento e análises sérias sobre ela, porque, a despeito de tudo, ela foi construída com a persistência que pode ser ilustrada por este poema de Alberto da Cunha Melo (1999, p. 30):

Estação Terminal

O céu parece revestido  
de uma camada de cimento:  
deixo as marquises porque sei  
que esta chuva não passará.

Se esperasse um tempo de paz,  
nem meu túmulo construiria.  
Começo e recomeço a casa  
de papelão em pleno inverno.

Um plano, um programa de ação  
debaixo de uma árvore em prantos,  
e voltar à primeira página  
branca e ferida pela pressa.

A poesia já não seduz  
a quem mais forte ultrapassou-a,  
libertando um pouco de vida  
e luz, da corrente de estrelas.

Toda renúncia nos convida  
a recomeçar outra busca,  
porque algo a inocência perdeu  
no chão, para arrastar-se assim.

Reportamo-nos mais uma vez ao esclarecedor depoimento de Ângelo Monteiro (1995, p. 72):

Todas essas considerações podem servir, de certa forma, como pano de fundo histórico, para a nossa experiência dos chamados anos heróicos. Os nossos anos heróicos foram determinados fundamentalmente pela busca e pela prática poéticas, pela pesquisa nas diversas fontes e, sobretudo, pelo exercício do rigor. Nosso espírito crítico mantinha-se sempre aceso: não aplicávamos panos mornos em nossas discussões sobre o fenômeno poético, pois a palavra de ordem era a depuração da escrita de tudo que fosse acessório, e o apelo, com uma certa freqüência, à tesoura e às cestas de lixo quando os poemas formalmente mal realizados pretendiam desdenhar do nosso permanente senso de rigor.

“Reflexão” talvez seja a palavra-chave que norteava a produção poética da Geração 65. Reflexão dinâmica, porque se soma ao fazer literário um constante questionamento sobre o alcance da obra que produziam, além do esforço de produção do livro, que as Edições Pirata tão bem exemplificam. Talvez seja essa a mais verdadeira práxis poética: “se não há caminho, o caminhante o abre caminhando, é a lição do poeta Antônio Machado” (BOSI, 2000, p. 167) que parece ter sido o roteiro seguido pela maioria dos escritores da *Geração 65*: fazer o caminho que não há. Alberto da Cunha Melo (1979-2000, v. I) faz um registro tanto comovedor quanto esclarecedor que ratifica essa perspectiva:

Quando observo as expectativas e esforços de minha geração, fico muitas vezes desolado. Tantos encontros e discussões sobre poesia. Tanto trabalho em escrever, selecionar e bater à máquina o que foi escrito. As decepções de não ser acreditado, o conforto nem sempre convincente da generosidade crítica de alguns amigos. A variedade de caminhos e a incerteza de ter tomado o melhor. As desigualdades de fortuna, de instrução e de acesso ao público. O desencanto de saber que esse público é apenas pouco mais do que os próprios artistas. As dúvidas, resultantes da pouca atenção que é dada à situação financeira. As insônias. O medo.

E se todos estiverem equivocados? E se, em nossa geração, não existir um só que ultrapasse a barreira do tempo? [...]

Na última edição do sítio virtual, *Trilhas Literárias*, Alberto da Cunha Melo (2003) publicou um artigo intitulado *Poesia na Internet: banalização ou resistência?*, onde declara:

Una em sua essência e múltipla em sua existência, para utilizar, aqui, uma terminologia metafísica do grande Huberto Rohden, a poesia está na tribo, na metrópole, na caverna e na carlinga do foguete. E, como não poderia deixar de ser, agora ela começa a minar como água virtual a Internet. Veio, talvez, salvar a poesia de sua guetização, do desprezo a que vem sendo relegada por editores burros e diretores de redação de periódicos também burros, e cada vez mais comprometidos com o passageiro, com o fátuo, com o “é vento”. Acredito que, através da Internet, a poesia vai polinizar boa parte deste mundo tão poluído pelo *kitsch*, infeccionar a tecnocracia denunciada por Kafka, empestar a hipocrisia de pastores, padres e políticos. Como uma espécie casamata para a poesia de qualidade, ela pode significar um poderoso instrumento de resistência. E se banalização da poesia quiser dizer torná-la algo corriqueiro na vida das pessoas, que ela se banalize, compensando, em parte, a corrupção, a extorsão bancária e a violência que, aqui no Brasil, tornaram-se tão banais, e até legais, no caso das ações dos banqueiros, os mais protegidos dos extorsionários da Terra.

Caso esse novo advento da comunicação que é a WEB tivesse ocorrido em décadas anteriores, talvez a “poesia resistente” da Geração 65 tivesse alcançado mais altos vãos em termos de divulgação, mas será que isso não teria interferido negativamente nesse processo guardião da poesia que se quer poder de nomear, delegado ao homem biblicamente há milênios? (BOSI, 2000, p. 163).



Perguntas desse tipo não serão respondidas neste trabalho, mas esperamos haver dado pistas que instiguem novos pesquisadores para alcançá-las.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Alberto da Cunha Melo e Ângelo Monteiro já têm suas páginas virtuais: <http://www.albertocmelo.hpg.com.br> e <http://www.icons.com.br/angelo/> , respectivamente.

## 2.0 A OBRA POÉTICA – UMA GEOGRAFIA ESPACIO-TEMPORAL

Uma coisa é encerrar o texto na sua contingência imediata [...] Outra coisa é vazar os muros de um cronologismo apertado, e ler a obra do poeta à luz da história da consciência humana, que não é nem estática nem homogênea, pois traz em si os trabalhos da memória e as contradições do pensamento crítico. (BOSI, 2000, p 13)

Abrimos este capítulo a fim de permitir uma visão abrangente da obra poética publicada de Alberto da Cunha Melo – doze títulos. A contextualização histórico-literária, aqui, se restringe ao tempo histórico observado pelas fronteiras alcançadas no contexto brasileiro. Não terá, portanto, a “luz da consciência humana”, a universalidade dessa “consciência” no tempo que nos intui Alfredo Bosi (2000, p. 13). Mas se aproxima um pouco dessa perspectiva, uma vez que será acompanhada de perfis estéticos que se pretendem a síntese de alguns dos críticos e articulistas que se debruçaram sobre a obra do autor. Mesmo assim oferece apenas uma visão horizontal da obra completa e não uma análise vertical de cada um dos seus livros. Mas esse percurso pretende somar recursos para configurar as faces do poliedro denso e intumescido de vida que é a poesia de Alberto da Cunha Melo. Faremos algumas anotações pertinentes, em relação a aspectos gerais de cada um deles, como a recepção que tiveram nos meios intelectuais e jornalísticos, principalmente, além do metro adotado e a temática predominante, entre outras. Acreditamos, dessa forma, facilitar a compreensão das análises mais específicas que serão apresentadas nos capítulos seguintes, no solo da teoria de Alfredo Bosi, sobre “Poesia-Resistência”.

Foi de fundamental importância, para esta investigação, o livro **Soma dos Sumos** (MELO, 1983). Esse livro traz pequenas amostras dos poemas de cada um dos livros éditos e, dos, até então (1981), inéditos. Atípico em relação aos demais – inclusive por ser o único publicado por uma editora que tem distribuição nacional, a José Olympio – e, ao mesmo tempo, bibliografia-base deste capítulo, é ele o objeto da nossa primeira abordagem.



Figura 7. Capa (a cores) do livro **Soma dos Sumos**, publicado em 1983, pela editora José Olympio, Rio. Formato: 14 x 21 cm, 117 p., contendo seleção de diversos livros éditos e inéditos).

Há, no exemplar, seleção de poemas dos seguintes livros editados até a data de publicação, 1983: **Poemas a Mão Livre** (1981), **Dez Poemas Políticos** (1979), **Noticiário** (1979), **Publicação do Corpo** (1974), **Oração pelo Poema** (1969), e **Círculo Cósmico** (1966). E dos livros inéditos: **Poemas 81**, **Clau**, **Diário de Campo**, **Capoeira das Juremas**, e **Poemas Anteriores**. Destes, foram publicados, até este ano de 2003, os livros **Clau** (1992) e **Poemas Anteriores** (1989). Os demais continuam inéditos. Mas foram publicados outros à época ainda não criados: **Carne de Terceira com Poemas à Mão Livre** (1996), **Yacala** (1999) e **Meditação sob os Lajedos** (2002). Deter-nos-emos apenas nos livros publicados.

Eugênia Menezes (1983, p. XII), no prefácio da edição enuncia:

Neste volume uma seleção de poemas de onze de seus livros, seis publicados – em sua maioria por editora alternativa de tiragem reduzida, não tendo sido lançado nenhum deles em circuito nacional – e cinco inéditos, poderão ser avaliados a pertinência e o vigor de sua criação. [...] Os **Poemas Finais**, livro também inédito, deixou de ser incluído nesta amostra porque, segundo determinação de Alberto, deverá ter publicação póstuma.

Para tornar mais didática a visão abrangente da obra do autor, procuramos dividi-la em fases.

## 2.1 Primeira Fase: **Círculo Cósmico (1966), Oração pelo Poema (1969), Publicação do Corpo (1974), Poemas Anteriores (1989)**

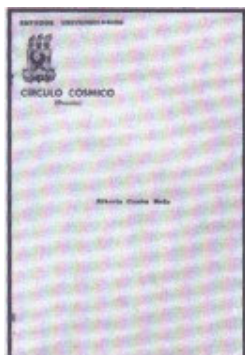


Figura 8. Capa do livro **Círculo Cósmico**, em preto e branco. Publicado pela Imprensa Universitária da UFPE, 1966, em separata da revista Estudos Universitários. Formato: 15 x 22cm, 15 páginas, 20 poemas escritos entre 1960 e 1965).



Figura 9. Capa do livro **Oração pelo Poema**, em vermelho, preto e branco. Publicado pela Imprensa Universitária da UFPE, em 1969, Recife, em separata da revista Estudos Universitários. Formato: 22 x 15cm, 37 páginas. Poema único dividido em 30 partes, escrito no verão de 1967.



Figura 10. Capa do livro **Quintuplo**, em preto e branco. Publicado pela editora Aquário, em 1974, Recife, onde está incluso o livro **Publicação do Corpo** – páginas 13 a 58 – além de outros quatro livros de diferentes autores. Edição financiada pelo pintor João Câmara, com encarte de 4 serigrafias. Formato: 25 x 18cm, 200 p.

Essa primeira fase da poesia de Alberto da Cunha Melo é exemplo claro de quanto a Geração 65 era avessa aos movimentos sulistas do concretismo, da poesia práxis e do poema processo e suas variantes, em voga nas décadas em que foram publicados. A poesia da Geração 65 caracterizava-se, principalmente, pelo zelo com a palavra – entendida como a não adesão à geometrização e à visualização da linguagem – e a adoção de variados metros. No caso do autor em pauta, desde o primeiro livro, **Círculo Cósmico** (1966), utilizou com maestria o verso octossílabo branco, formando cinco quartetos, salvo raras exceções em que

usou quatro quartetos. Com esse rigor formal, o poeta parece ter encontrado a maneira mais pessoal de traduzir suas inquietações metafísicas, especialmente em **Oração pelo Poema** (1969), um longo metapoema, dividido em trinta partes. César Leal (1988, p. 173) esclarece:

O **octossílabo**, por exemplo, agora presente em João Cabral, é marca individualíssima da poesia de Alberto da Cunha Melo, desde o aparecimento de **Círculo Cósmico**, cujo título foi lembrado por mim, **em 1966**, não apenas a partir do nome de um dos poemas, mas tendo em conta, especialmente, a sua estrutura interna. (grifos nossos).

O **Quíntuplo** (1974), onde está inserido o livro **Publicação do Corpo** foi a primeira estratégia editorial visando à acessibilidade de um público maior, como anunciava, à época, o Diário de Pernambuco (20 jan. 1974), em matéria não assinada:

[...] O certo é que os volumes de poemas, sempre de poucas páginas, e com a edição mínima de mil exemplares, encontram uma grande dificuldade de mercado. É, pois, prático, reunir de uma só vez cinco livros de poesia em um só volume e anexar serigrafias soltas e ilustrativas do texto de autoria de um grande pintor.

O “grande pintor” a que se refere era João Câmara, paraibano radicado em Pernambuco, cuja obra já se tornou internacional. Os outros autores e respectivas obras: Jaci Bezerra, **A Onda Construída**; José Carlos Targino, **Sortilégios**; Severino Filgueira, **Aposentos do Sonho**; e João Landelino Câmara, **Um Triste Mundo**.

Esses três livros – **Círculo Cósmico** (1966), **Oração pelo Poema** (1969) e **Publicação do Corpo** (1974) ) – serão incluídos em outro, **Poemas Anteriores** (MELO, 1989), que, como esclarece o título, apesar de editado quinze anos depois de **Publicação do Corpo** (1974), reúne uma seleção de 78 poemas inéditos dessa fase, onde a reflexão filosófico-metafísica predomina: a lembrança da infância, o cotidiano urbano e outros temas refletem principalmente os anseios de mudança ou a suspensão desoladora de crenças e esperanças, como no poema:

Provisões

A palavra Deus está fria  
como uma máquina ao relento;  
é uma palavra que morreu  
sem lã, na garganta dos pobres.

Amarrado a este tronco velho  
e esperando que ele apodreça,  
que grito agora tu darás  
para aqueles que se aproximam?

Amanhã não é propriamente  
uma palavra que te salve.

É um sonho que busca outro sonho  
Mais longínquo, para esganar-te.

É cedo ainda porque as chamas  
da ventania não chegaram,  
é cedo ainda porque insistes  
em contemplá-las algum dia.

Vozes isoladas nos campos  
murados não se comunicam;  
e alguém, que de longe de viu,  
entre espinheiros fecha os olhos.

(MELO, 1989, p. 38)

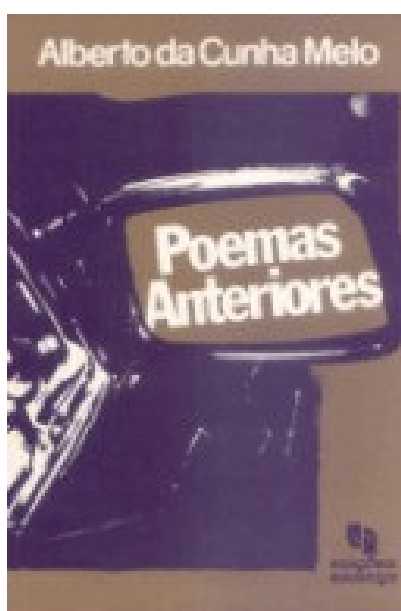


Figura 11. Capa em duas cores, do livro **Poemas Anteriores**, publicado em 1989, pela editora Bagaço, Recife. Formato: 14 x 21cm, 184 p. Reúne os livros já publicados: *Círculo Cósmico*, *Oração pelo poema*, *Publicação do Corpo* e 78 poemas inéditos, escritos entre os anos de 1960 a 1975.

Na “Nota do Autor” esclarece-se: “Esses poemas, de sabor simbolista e **universo vocabular paradoxalmente coloquial/quotidiano**, foram os que sobreviveram a uma seleção feita do que sobrou de todos os meus textos octossilábicos, em versos brancos, praticados por mais de uma década e suspensos por volta de 1974.” (grifos nossos). O professor, poeta e crítico, Nelson Saldanha (1989) acrescentaria: “Surpreendente, mesmo para quem sempre soube do grande poeta que é Alberto da Cunha Melo, eis o que é este livro: pela extensão

(insuspeitada pra muitos), pela homogeneidade e pela riqueza que, apesar da homogeneidade, apresenta.”

Quando o próprio autor faz a observação sobre o seu “universo vocabular [...] coloquial”, chama a atenção para uma das características mais integrantes de sua poesia, pois a esse coloquialismo da linguagem se alia o rigor formal das estruturas métrica e estrófica, em um corpo simbolista, rico em alegorias. No posfácio, o crítico e jornalista Mario Hélio (1989, p. 179) anota:

Alberto da Cunha Melo é poeta da modernidade, e sendo-o, a sua preferência é pelo coloquial (sem falar na temática agônica), onde vale, mais uma vez, lembrar Eliot que afirmou num ensaio (já de 1942) que ‘toda revolução poética está apta a ser uma volta ao falar comum’. Não é outra a estratégia deste **Poemas Anteriores**, embora disfarçada sob a aparência aprisionadora do metro.

Eis, a priori, um perfil da poesia dessa primeira fase da poesia de Alberto da Cunha Melo: rigor formal, coloquialismo da linguagem, universo alegórico denso, frequência temática da angústia humana, no seu cotidiano urbano invadido constantemente pelo insólito e pelo grotesco, talvez, por isso mesmo tão afinizado com o metro octossílabo – um metro que poucos poetas em língua portuguesa (Cabral, Jorge de Lima e Fernando Pessoa e poucos outros, sem sistematização) ousaram utilizar – o menos cantante e ainda sem rimas (ao estilo dos clássicos), resultando em um lirismo denso, condensado, contido: “Meu desespero submisso/ parte a coleira de repente:/ Dá-me a força de dominá-lo / ainda, pela última vez. (MELO, 1969, p. 159).

Todas as críticas e referências a essa parte da obra são consagradoras, embora aqui tenhamos feito referências breves, por não ser condizente com o objetivo maior deste trabalho uma análise mais profunda. No entanto, constatamos apenas dois registros que ultrapassaram as fronteiras pernambucanas. Um deles é o do crítico Fábio Lucas (1973, p. 48), antes mesmo da edição de **Publicação do Corpo** (1974), portanto referente apenas aos dois primeiros livros publicados, **Círculo Cósmico** (1966) e **Oração pelo Poema** (1969). A análise que faz do momento de uma aparente “crise” da poesia justifica talvez a falta de repercussão no Sul do país, não só da obra de Alberto da Cunha Melo, mas de toda a Geração 65, que tinha contra si, inclusive, o fato de não ter aderido aos movimentos em voga e melhor divulgados naquela região.

De que crise, então, haveremos de falar? Talvez daquela inspirada num dos sentidos etimológicos da palavra *crísis*: ‘momento decisivo’. Aí, então, se explica por que os rumos são tantos, as experiências tão variadas e, entre elas, muitas marcadas com o

signo da permanência. De Drummond a Wilma Vilela (ou **Alberto Cunha Melo, um novo pernambucano de grande força lírica**), que amplo teclado, que terreno fecundo, mesmo para os espíritos mais insatisfeitos. Não devemos é confundir a crise do livro, os fatores de atraso cultural e a inapetência para a leitura, proveniente de um grande e passageiro tédio coletivo, com uma suposta crise da poesia. (Grifos nossos)

Interessante, no entanto, é observar que essa primeira fase de sua poesia resistirá ao tempo e novos críticos a citarão, como se encravada definitivamente nas páginas literárias brasileiras. Exemplo disso é um registro do poeta Bruno Tolentino, que teve grande repercussão devido à grande penetração da revista **Veja**. Ele cita, em sua longa entrevista, os primeiros versos do poema *Lembrança do Amigo José Vilela* (MELO, 1989, p. 117): “Quem já ouviu falar de Alberto Cunha Melo, que vive escondido no Recife, e é nosso maior poeta desde João Cabral? São dele estas palavras: ‘Viver, simplesmente viver,/ meu cão faz isso muito bem’.” (TOLENTINO, 1996, p. 8).

Exemplo maior é a seleção feita por Claufe Rodrigues e Alexandra Maia de um dos poemas dessa fase – “Relógio de Ponto” – para a antologia **100 Anos de Poesia – um Panorama da Poesia Brasileira no Século XX**, publicada no ano de 2001, pela editora O Verso (RJ). Infelizmente, há, nessa edição referida, um erro de revisão no último verso, abafando todo o impacto do poema, quando foi trocada a palavra “lavaremos” por “levaremos”.

## 2.2 Segunda Fase: Dez Poemas Políticos (1979); Noticiário (1979); Poemas a Mão Livre (1979); Clau (1992)

“A necessidade de exprimir objetiva ou subjetivamente a vida moderna levou a um certo tipo especializado de aprofundamento formal da poesia, à descoberta de novos processos, à renovação de processos antigos” (MELO NETO, 1994, p. 767). Esse processo de renovação pode ser observado, na poesia de Alberto da Cunha Melo, em sua nascente, quando em entrevista concedida ao Jornal Universitário, em 1977, o poeta anuncia: “O meu próximo livro é uma tentativa de noticiar o que vejo e sinto a cada dia, a cada noite dentro desta cidade horrenda que se transformou o Recife. Dei-lhe o título rasteiramente urbano de **Noticiário**”. (MELO, 1977).



No ano seguinte, é possível constatar, no livro inédito, **A Noite da Longa Aprendizagem** (1978-2000, v. I), em nota do dia 26 de fevereiro de 1978, a sua reflexão sobre um novo processo, também de maturação formal, que caracterizará esta segunda fase de sua obra:

Não acredito em artista que não tenha controle sobre os seus materiais. [...] Antes de praticar o verso livre, procurei ter uma longa experiência com a métrica. Foram cerca de 10 anos de convivência com um único metro, o octossílabo, e só o larguei quando não mais significava nenhum interesse rítmico para mim, quando já não representava nenhuma dificuldade. Minha atual luta com o verso livre não é outra senão a de descobrir dentro dele uma regularidade pessoal, algo que possa ser sistematizado sem prejudicar a qualidade de expressão. Meu verso não pode ser tão livre a ponto de fugir completamente ao meu controle. Se isso acontece não estamos mais adiante daquilo que considero arte. Escrever não é deitar-se no divã do analista. Tenho grande admiração pelos artistas que percorreram, através da experiência concreta e individual, os grandes momentos formais da história de sua arte. Tenho grande admiração por um Picasso, por exemplo. Como transformar ou inovar aquilo que não conhecemos?

São, portanto, registros que revelam o trabalho artístico do poeta empenhado em dominar uma nova forma para uma nova temática. Eugênia Menezes (1983, p XII) sintetiza:

Quando publicou **Noticiário**, Alberto denunciou o que todos nós víamos, e o fez por todos nós. A definição política de seu trabalho se reafirma no **Poemas a Mão Livre**, onde o poema, jato de verdade, é um grito de um só fôlego. Escrito entre o Recife e o Acre, onde o poeta viveu dois anos, empolgado com a magnitude da floresta e inquieto com as mesmas mazelas que já apontara antes, este livro resulta de suas experiências em busca de um ritmo mais ágil, que expresse a um tempo o incômodo e a urgência de sua solução.

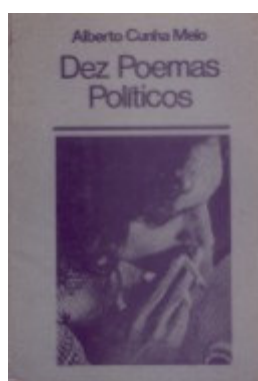


Figura 12 Capa em duas cores (cinza e preto) do livro **Dez Poemas Políticos**, primeiro clichê, publicado em 1979, pelas Edições Pirata, Recife. Formato: 18 x 13 cm, 18 páginas, com 4 ilustrações do autor, 10 poemas que serão incluídos no livro **Noticiário**, publicado no mesmo ano.

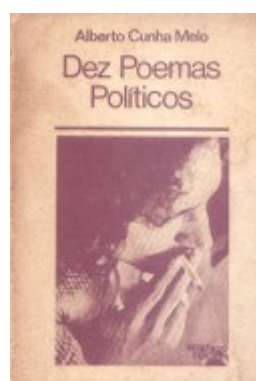


Figura 13. Capa em uma cor (terra de siena) do segundo clichê do livro **Dez Poemas Políticos**, publicado em 1979, com demais configurações idênticas ao da ilustração 8.



Figura 14. Capa em duas cores (preto e vermelho) do livro **Noticiário**, publicado em 1979, pelas Edições Pirata, Recife. Formato: 12 x 16 cm, 157 páginas, 142 poemas divididos em duas partes: “Notícias Locais” e “Notícias da Aldeia Perdida”.

De fato, antes do **Noticiário**, seria publicado **Dez Poemas Políticos** – trezentos exemplares – pelas Edições Pirata, fazendo parte de seu primeiro lançamento coletivo, no dia 17 de agosto 1979, com direito a um segundo clichê, no mesmo ano de 1979 (Ilustrações 8 e 9), porque esgotou-se rapidamente o primeiro clichê. Cunha Melo (1979-2000), no dia 17 de outubro do mesmo ano, registra: “quando deram dez horas tínhamos acabado de colecionar 300 exemplares do livro de Janice e 300 exemplares dos ‘Dez Poemas Políticos’, do seu 2º clichê (2ª edição a gente não teve coragem de escrever não).” (Grifo do autor). O fato é que as edições pequeníssimas de 300 exemplares, para os “piratas”, não justificava o selo de “2ª edição”.

Todos os poemas desse livro – dez, ao todo, como anuncia o título – farão parte do **Noticiário**, este com 142 poemas, dividido em duas partes: “Notícias Locais” e “Notícias da Aldeia (Perdida)”.

Em registro de 18 de fevereiro de 1979, em **A Noite da Longa Aprendizagem**, (1979-2000), o poeta anota a angústia de suas expectativas:

Cada dia que passa vão surgindo livros que muito coincidem com minhas intenções. Tenho a impressão de que, se demorar um pouco mais, não precisarei publicar o meu **Noticiário**. Tudo já terá sido dito de uma maneira bastante parecida, o que é um sinal de que estou afinado com as ânsias do meu tempo e que minha poesia talvez seja absolutamente desnecessária. Outros, talvez o façam, e com facilidade de acesso editorial muito maior.

Logo a seguir, em nota de 27 de outubro, do mesmo ano, o poeta escreve: “Só agora tenho um pouco de tranqüilidade para registrar os acontecimentos da semana, uma semana tão tumultuada quanto inesquecível para mim, pois o **Noticiário** ficou pronto e eu quase estourei de contentamento”. Um jornalista da Folha de São Paulo que assinava uma notícia sobre o livro (9 dez. 1979) como JA. S. faria o primeiro registro além das fronteiras pernambucanas:

[...] Tudo envolto numa ironia amarga, mas em que o resultado não costuma deprimir: há um certo ar moleque em sua visão, de quem sabe que manter o bom humor e a malandragem, quando a “barra pesa”, é preciso. É o livro – mais um, dos muitos que já publicou – de um homem preocupado com o que está à sua volta, um livro com a ideologia do humanismo.

Eis uma poética que se desvela para além do “eu” e se espraia no todo comum a cada um, anotando como em “Condições nem tanto objetivas” (MELO, 1979, p. 9):

Tudo isso aconteceu  
enquanto os sóbrios  
chegavam cedo em casa  
para alcançar os filhos acordados.

Tudo isso aconteceu  
enquanto os mansos  
apertavam nas mãos  
o cascalho de ferro  
para não matar  
os que matavam em paz.

Tudo isso aconteceu  
enquanto os justos  
consultavam "O Eclesiástico"  
para dividir a castigo  
em partes iguais.

Tudo isso aconteceu  
enquanto o amor, o trabalho  
e outras desculpas verdadeiras  
se tornavam a ponte  
para que isso acontecesse.

O sociólogo e o poeta se fundem numa visão do tempo histórico para nele incrustar a poesia minando o engodo em busca da verdade:

[...] **Noticiário** causou em mim uma satisfação que não experimentei com nenhum dos livros anteriores. Um sentimento de tarefa concluída, um gratificante alívio de quem já

fez o que pode e agora deve desaparecer. A publicação dos outros livros me deu a sensação de vazio, a ansiedade de começar a escrever de novo, imediatamente, para não me sentir pobre, oco, uma gaveta vazia e sem mistério. A publicação de Noticiário me faz sentir repleto: “dei o meu recado”.

Mais tarde, Lucila Nogueira (1983), em seu artigo “O humor trágico de ACM”, sintetiza:

Sem preocupações métricas e cantantes, mas imerso num ritmo contagiante, Noticiário é, assim, uma anti-reportagem, um antidocumentário, porque expressa, de modo quer apaixonado ou discretamente cético e corrosivamente irônico, com um humor cáustico e trágico, a contraposição da angústia e dos sonhos de um poeta aos sinistros acontecimentos do mundo de hoje.

E poderíamos somar um parecer do professor e crítico Hildeberto Barbosa (1999), que inclui sua obra na vertente “anti-celebratória”, recorrendo para isso ao crítico José Guilherme Merquior, no ensaio “ ‘Musa morena moça: nota sobre a nova poesia brasileira’, publicado em 1975, no número 42/43 da revista **Tempo brasileiro**. Em síntese uma poesia crítica por excelência, vazada num estilo direto, contundente”.

Uma celebridade internacional, o educador Paulo Freire, em carta ao autor, datada de 8 de janeiro de 1980, quando se encontrava em Genebra, devidamente autorizada para publicação (Anexo 1), escreveria: Você não pode imaginar o bem que a força de sua poesia me fez. ‘Poesia de mesmo’ – expressão de vida, compromisso histórico.” Compromisso esse que pode ser claramente identificado pelo poema “Mais resíduos da Schutzstaffel (SS)” (MELO, 1979, p. 13):

"Em todas as paróquias se escolherão um ou dois padres e dois ou três leigos, pessoas de bem, a quem se fará prestar juramento, e que farão buscas freqüentes e escrupulosas em todas as casas, nos quartos, celeiros, subterrâneos, etc., com o fim de se certificarem se porventura não há hereges escondidos". (Concílio de Tolosa)

Quando a pátria  
 não é mais tangível  
 como a mudança  
 das folhas nas árvores  
 e das ânsias nos homens,  
 em nome dela  
 as árvores e os homens  
 começam a tombar:  
 Ó SS, S.O.S.  
 nessas noites  
 imerecidamente tropicais,  
 quando velhos tios  
 e parceiros de dominó  
 (morando a alguns quarteirões)  
 são menos esperados

do que os lúgubres alunos  
 de Nicolau Américo;  
 são menos esperados  
 do que todos  
 os súditos dos sádicos,  
 os sátrapas dos seikos,  
 os servos da segurança,  
 tudo conforme  
 a fúria dos fatos  
 ou o concílio de sempre,  
 o de Tolosa;  
 são menos esperados  
 do que Fleury, o carnicheiro branco,  
 com seu incandescente  
 ferro de soldar  
 estalando nos pentelhos  
 da guerrilheira Marta;  
 são menos esperados  
 do que as caixas de algemas  
 no porto do Recife ou de Santos, onde  
 todo pobre é suspeito  
 e todo suspeito é culpado  
 no mínimo de ser pobre;  
 são menos esperados  
 do que os carros de choque  
 e o tilintar das medalhas  
 nos coletes à prova de povo,  
 do que o assalto dos tiras  
 nos bairros sem luz,  
 onde jazem as doutrinas  
 da segurança interna,  
 do que o rosnar dos ricos  
 e seus "pastores alemães",  
 numa terra invadida  
 pelos seus guardiões.  
 (nov. 74)

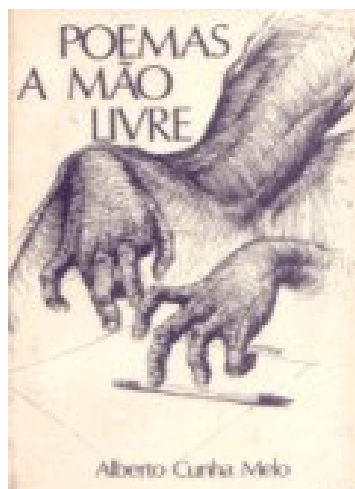


Figura 15. Capa de Cavani Rosas, em preto e branco do livro **Poemas a Mão Livre**. Publicado em 1981,

pelas Edições Pirata, Recife. Formato: 11 x 16cm, 174 p., 136 poemas, divididos em três partes: “Manhãs e Mínguas”, “Mimos e Limbos”, “Crânio e Espinho”, escritos entre 1979 a 1981.

A seguir, Alberto da Cunha Melo publica **Poemas a Mão Livre** (136 poemas), em trânsito entre o Rio Branco e Recife, também pelas Edições Pirata. Eugênia Menezes (1983, p. XII), observa:

A definição política de seu trabalho se reafirma no **Poemas a Mão Livre**, onde o poema, jato de verdade, é um grito de um só fôlego. Escrito entre o Recife e o Acre, onde o poeta viveu dois anos, empolgado com a magnitude da floresta e inquieto com as mesmas mazelas que já apontara antes, este livro resulta de suas experiências em busca de um ritmo mais ágil, que expresse a um tempo o incômodo e a urgência de sua solução.

O jornalista e crítico Henfil, em carta (Anexo 2) enviada para o endereço acreano do poeta e logo depois publicada em parte no **Pasquim** (1981), registra:

Li com alegria teu livro, **Poemas a mão livre**. Já tinha gostado demais daquele outro que tinha na capa um sujeito mijado, apanhando da PM. [Noticiário]. Home, você tem a capacidade de fazer com que os escritos no sulmaravilha pareçam frescuras. Assim tipo tricô. Você não faz tricô, você faz bueiros e bilros.  
Vou contar pra todo mundo.

**Poemas a Mão Livre** foi republicado no volume **Carne de Terceira com Poemas a Mão Livre** (MELO, 1996), mas acreditamos que é no livro **Poemas 1981**, com 135 poemas, publicado apenas em parte no volume **Soma dos Sumos** – 12 poemas – que encontraremos a definição mais precisa da poesia dessa fase:

Exercício (1)

Quero o poema  
terra-a-terra,  
o poema raso  
e rasteiro,  
o poema-vil,  
o poema-víbora;  
o poema  
fácil e fatal,  
louco e lindo  
feito o bem sobre o mal.

É o **Soma dos Sumos** (1983), coletânea de livros éditos e inéditos já referenciada no início deste capítulo, que dará o intervalo entre **Poemas a Mão Livre** (1981) e o livro **Clau** (1992). Sobre este último, Hildeberto Barbosa Filho instrui:

Apesar do lirismo confessional e amoroso, nunca lhe falta a seminal atitude irônica e crítica, vezes amarga e corrosiva, que o faz um dos poetas mais densos da poesia brasileira contemporânea. Sugestões, por exemplo, sinaliza neste sentido: "Quero dezembros,/ sou louco por dezembros/ e por uma mulher/ chamada Cláudia,/ filha de Oxum,/ a de cabelos montanhosos,/ de longa paciência/ para suportar/ minha vontade de morrer; / quero dezembros de verdade,/ fins de dezembros/ com as pessoas correndo/ atrás/ de suas almas perdidas". Com essa obra monotemática, construída de poemas que formam um poema só, na idéia que preside, na uniformidade melódica dos versos e na unidade contrastante das imagens, Alberto da Cunha Melo demonstra que é possível tecer toda uma laica liturgia de amor, para a mulher que se ama, sem despencar no abismo da pieguice e da mediocridade.



Figura 16. Capa em preto e branco, com desenho do autor, do livro **Clau**, escrito entre os anos de 1980 a 1982, publicado em 1992, pela Imprensa Universitária da UFRPE, Recife. Formato 14 x 21 cm, 113 p., 101 poemas e 3 ilustrações, também do autor).

Quanto à personificação de uma única mulher em forma de poesia, Alberto da Cunha Melo (1992), na “Nota do Autor”, esclarece: “Se a filosofia nos diz que o ser repete a espécie, é possível que falar na grandeza de uma única mulher é referir-se à grandeza de muitas outras mulheres que vivem, trabalham e amam neste planeta assustador”.

Assim limitamos esta segunda fase, revista apenas pelas obras publicadas, não sem antes anotar que é dessa fase que José Nêumanne irá selecionar um poema – “Canto dos Emigrantes” - para a sua antologia **Os Cem Melhores Poetas do Século XX**, publicada pela Geração Editorial, com distribuição em todo país, no ano de 2001. Com essas anotações, esperamos estimular novos pesquisadores a seguirem as pistas traçadas nesta região da obra poética de Alberto da Cunha Melo. Os jornais Pernambucanos poderão oferecer, para isso, muitos subsídios, pois estão repletos de entrevistas, artigos, notícias etc sobre essas obras.

### 2.3 Terceira Fase: **Carne de Terceira (1996), Yacala (1999) e Meditação sob os Lajedos (2002)**

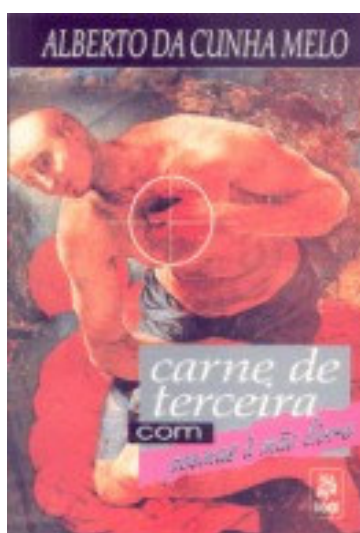


Figura 17. Capa em policromia do livro **Carne de Terceira com Poemas a Mão Livre**, publicado em 1996, pelas Edições Bagaço, Recife. Formato: 15 x 22,5cm, 234 p., contendo, em **Carne de Terceira**, 62 poemas divididos em três partes: “Um dia”, “Adágios” e “Presságios”, e em **Poemas a Mão Livre** a reedição de 136 poemas já publicados na edição de 1981 do livro de mesmo título.

Esta fase vai constatar a caminhada do poeta em busca de novas formas de contar sua aventura na Terra. Em **Carne de Terceira** (MELO, 1996) a inovação formal corresponde a uma tradução da mais alta aspereza da realidade e a continuação de uma reflexão profunda sobre ela, já ínsita nas obras anteriores, talvez mais



contudente, menos irônica, mais “anti-celebratória”. O poeta, crítico e mestre, César Leal (1998), compara a inovação estrófica com a forma fixa do soneto, inventada por Giacomo da Lentino, e da sextina, por Arnaut Daniel, e assim a descreve:

A “forma fixa” criada por Alberto da Cunha Melo tem quatro estrofes: um quarteto, com rima ou assonância no segundo e quarto verso. Um dístico com rimas ou assonâncias emparelhadas; um terceto rimado ou assonantado no primeiro e terceiro versos da estrofe e um dístico no primeiro e terceiro versos da estrofe e um dístico final, ou seja, um emparelhado, com predomínio de rimas consonantais. É claro que essa disposição pode ser modificada, mas o que não se pode é alterar a ‘forma fixa’.”

César Leal (1988), em outra matéria jornalística – “Poesia: nova forma fixa” – registrará um texto enviado para ele por Alberto da Cunha Melo, que, além de nomear a nova forma de “retranca”, lembrando um esquema “tático defensivo do futebol” e “a grade de chumbo que delimitava uma página”, nos tempos da linotipo, esclarece: “Você sempre citou T. S. Eliot e o respeito que ele tinha pelos clássicos, a ponto de se considerar ‘um clássico, em literatura’. Hoje compreendo que os poetas clássicos são o alicerce sobre o qual criamos, recriamos e transformamos o edifício da poesia”. E acrescentará: “Estou trabalhando num longo poema, dentro da retranca, com mais de 140 partes e perto de 1.600 versos. Chama-se **Yacala**”.



Figura 18. Capa em preto e branco do livro **Yacala**, publicado em 1999. Edição do autor, impressa na Gráfica Olinda. Um único poema dividido em 140 partes. Formato: 18 x 26cm. Ver ilustração 15: colofon.



Figura 19 Capa em preto e branco da edição fac-similar do livro **Yacala**, publicado em 2000, pela Editora Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

**Yacala** (MELO, 1999) trará de volta o verso octossilábico da primeira fase, mas agora rimados:

[...] um quarteto na forma de *abcb*, um dístico rimado, e um terceto na forma de *ded* e um dístico final também rimado. Métrica: todos os versos são octossílabos, o que produz um ritmo inusitado, pois as narrativas poéticas

longas são, em geral, plasmadas em populares redondilhos maiores ou em clássicos decassílabos camonianos. (BOSI, 2000).

Muito além dos aspectos formais: o burilamento da “retranca”, com rimas, no metro octossilábico, é um livro definitivo e consagrador no longo percurso poético de Alberto da Cunha Melo. No plano estético, o roteiro teórico contido no prefácio de Alfredo Bosi (2000) — “Uma Estranha Beleza” — à segunda edição fac-similar, editada pela Editora Universitária do Rio Grande do Norte (MELO, 2000). Edição esta que permitiu o lançamento da obra em Portugal, durante o III Seminário Internacional de Lusografias, em Évora (2000). Quanto à recepção: a mais representativa, tanto na imprensa local como na nacional. Sobre ela destaca-se uma longa análise do poeta e crítico Bruno Tolentino — “A Tentação de Yacala” — na revista **Bravo!** (1999) e o artigo “Navegando no breu” de José Nêumanne (1999), que elucida:

Diferentemente de Cabral, a quem Tolentino o associou, ele não saiu de Pernambuco para o mundo [...]. Também se distancia do último grande ponto de referência da poesia brasileira por seu compromisso expresso e inexorável com a vida como ela é, sem disfarces. Para ele, a palavra poética não é fim, mas meio. Desde sempre. Esse compromisso se radicaliza mais em **Yacala**. Épico de fôlego longo, o poema remexe nos esgotos da vida real brasileira sem fazer uma concessão, por mínima que seja, ao facilitário das fórmulas populistas.

O poeta cuidou de todo o processo da editoração artesanal original:

O poeta Alberto da Cunha Melo lança, nesta terça-feira, dia 29, às 19h30, na galeria Futuro 25, o livro Yacala, um poema narrativo (mais de 1500 versos). A tiragem foi de apenas 200 exemplares, edição tornada possível por um sistema de subscrição em que cada pessoa compra, antecipadamente, o seu exemplar. O método não é novo, mas, no caso deste livro, tem um aspecto curioso: a volta à linotipia, processo de impressão que já se julgava de todo sepultado. (HÉLIO, 1999)

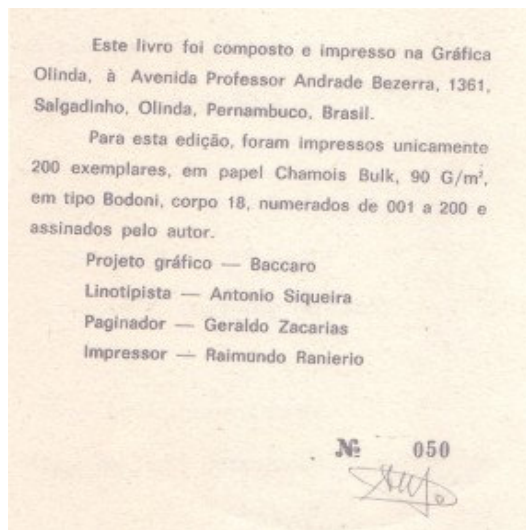


Figura 20. Colofon inserido na primeira edição do livro **Yacala**.

Alfredo Bosi (2000) assim nomeia a poesia de Alberto da Cunha Melo:

O Nordeste nos dá, mais uma vez, depois do paraibano Augusto dos Anjos (presente de modo subliminar na atmosfera de várias passagens de **Yacala**), do alagoano Jorge de Lima e dos pernambucanos Carlos Pena Filho e João Cabral, a sua lição de dor que se faz beleza e arranca de si forças para construir uma poesia como a de Alberto da Cunha Melo, cujo nome secreto é – resistência.

“Poesia-resistência” é o título de um dos capítulos do seu livro **O Ser e o Tempo da Poesia** (2000), cuja teoria fundamenta a abordagem específica desta monografia: “Fases da Resistência na Poesia de Alberto da Cunha Melo”.

Em 2002, o poeta lançará **Meditação sob os Lajedos**, com a forma – “retranca”, com rimas – **de Yacala**, mas sem o recurso da narrativa que caracteriza esse poema. Agora uma densa reflexão filosófica reafirma uma das características menos comentadas da sua poesia, só registrada por Eugênia Menezes (1983), em **Soma dos Sumos**, quando enumera as diversas faces na sua poética: “racionalista, lírico, realista, causticamente irônico, *sem o pudor das contradições*, porque a coerência se manifesta com o seu compromisso maior: o homem como agente do mundo, algoz ou vítima”. (grifos nossos)

A essa falta do “pudor das contradições” corresponde também o vocábulo aberto, claro e o coloquialismo chocante, contundente, como melhor esclarece Bruno Tolentino (1999):

A linguagem pungente e específica, tão concreta quanto alusiva e simbólica — leia-se: o idioma servido sem complexidades ornamentais, aquele que em momento algum faz um dialeto de si mesmo — foi *desde sempre* a marca registrada deste *maggior fabbro* à inglesa, de timbre telúrico e fôlego metafísico à maneira (e à altura) de um Herbert, um Donne, ou um Hill hoje. “Para chegar ao pão comum/da solidão de cada um”, o áspero e comovido vate que sustenta esse sociólogo de formação e ofício, em sua terceira coletânea, *Publicação do Corpo* (1974), nos avisava que o poeta “tem o livro nas mãos — vai deixá-lo// para ruminar o miolo/ do zero, o miolo do nada”. Mas

via-se que seu "nada" nada tinha das especulações abstratizantes, nem perseguia o fascínio das metafísicas de bolso; ao contrário: seu canto rondava o duro cerne do real, voltava-se para aquele "miolo" inescapável que é o destino individual coletivizado pela miséria. Nela enraizada, sua lira, a duras penas extraída ao contingente e oferecida aos altos vãos que o transfiguram, referiu-se sempre àquele esvaziamento da condição humana que provem, sobretudo, da indiferença brutal de uma sociedade em que o poeta é a testemunha do exílio ancestral e artificial de que se vê participar.

Tolentino nos dá essa visão até **Yacala**, motivo do seu artigo na revista **Bravo!**, mas esse aspecto representa a inquietante e paradoxal unidade da poesia de Alberto da Cunha Melo, inclusive em **Meditação sob os Lajedos**, em sua essência, tão bem definido por Ermelinda Ferreira (2002):

A mim me parece tratar-se de um longo poema de amor rastejando sob a terra, mortalha molhada à Augusto dos Anjos, mas só na aparência, porque, num certo sentido, a poesia de Alberto aproxima-se mais do severino natal de João Cabral. A terra, para Alberto, é “onde a podridão se renova”, é “onde as raízes envelhecem mais felizes”, é onde vão descer as carcaças cheias de fé, para que delas nasça, enfim, a luz: **Fiat//** O amor, o amor nunca é demais:/ se sobra, é no tempo perdido/ que ele brotará no deserto/ qual semente do Paraíso;// pólen no ar, mora no vento/ e entre as dobras do pensamento,// feito a maldade, ele não dorme,/ quando a neblina esfria a noite/ e o temor de Deus nos encobre;// *ele tem a força da luz:/ fecha a ferida e seca o pus.*

A referência ao mestre João Cabral de Melo Neto também se reflete no prefácio de Mário Hélio (2002):

Seria essa meditação sob os lajedos uma equivalente metafísica de A Educação Pela Pedra? Longe disso. Mesmo considerando os bons influxos da arte poética, que foram recebidos do seu pai, na infância, e, na idade adulta, de autores do porte de João Cabral, a sua poesia é das mais intensamente pessoais do País, em qualquer época.

Não está a sua meditação centrada nos objetos, mas nos sujeitos. Não há na poesia brasileira da atualidade um poeta com a sua força retórica ou que melhor se aproxime de uma autêntica vocação para que, à falta de melhor expressão, se chama de poesia filosófica, ou, como diz Pessoa, animada pela filosofia. Não uma filosofia aprendida em livros, mas de observar a existência dos homens. Daí a concentração explicitamente ética das suas composições.



Figura 21. Capa de Cláudia Cordeiro, em policromia do livro **Meditação sob os Lajedos**, publicado em 2002, pela Editora Universitária do Rio Grande do Norte, Natal. Formato: 14 x 21cm, 162p. contendo 106, divididos em três partes: “Embarque”, “Gentes e Bichos” e “Retorno”.

Talvez esse mais recente título da poesia de Alberto da Cunha Melo represente em sua produção poética um número de poemas que revelam os momentos da “suspensão [mais] desoladora de crenças e esperanças” (BOSI, p. 13), como exemplifica o poema “Schopenhauer”:

Para cada sonho uma lápide  
sóbria, como o próprio cortejo,  
depois disso, treinar seu cão  
para morder qualquer desejo;

rasgada a farda da alegria  
que, na batalha, o distraía,

agora a dor, em tempo célere,  
pode estender, com dignidade,  
sua cólera à flor da pele,

para sarjar com sua lança  
tantos tumores da esperança.

Vale ressaltar a participação do autor em vinte e três antologias distintas, a contar de 1966 até este ano de 2002, sendo duas delas em edição internacional – Paris (MELO, 1997, p. 34-37) e Lisboa (MELO, 1994, p. 18-19) três em editoras de distribuição nacional – (MELO, 2001, p. 195-196. 2001, v. II, p. 70-71. 2002, p. 129-134.); além das dezoito restantes,

destacando-se a primeira delas em 1967 – **Lírica** – que serviu de esteio ao selo histórico da Geração 65, impresso pelo historiador Tadeu Rocha, e a de 1981 – **Coletânea de Poesias Acreanas** – que registra os passos do poeta, quando da sua estada no Acre, entre os anos de 1980-1981. Vale ressaltar, ainda, a antologia **Escritores Vivos de Pernambuco**<sup>12</sup> (MELO, 2001), onde estão publicados poemas até então inéditos: “O Presente”, “Formas de Abençoar” e “Cancioneiro para o Terceiro Mundo”. Este último, um longo poema de 14 partes, escrito na década de 70 (MELO, 2001, p. 148), que se une a outros de mesmas configurações: **Oração pelo Poema** (MELO, 1969), o segundo dos seus livros, com trinta partes; “Dual” (MELO, 1981, p. 165-174); **Yacala** (MELO, 2000), o mais longo com 140 partes; e “Belo Monte” (MELO, 2002, p. 70-71), da antologia **O Clarim e a Oração, Cem Anos de Os Sertões**, dividido em três partes: “Canto-chão”, “Canto-gentílico” e “Canto-guerreiro” (10 líricas).

Sobre o poema “Dual”, encontramos um registro esclarecedor sobre o fazer poético de Alberto da Cunha Melo. Em primeiro de junho de 1979, no seu **A Noite da Longa Aprendizagem** (1978-2000), o poeta observa:

O poema sobre moral, que imaginei ser um longo poema, transforma-se a cada dia, num curto poema longamente trabalhado. Dei-lhe, provisoriamente, o título de “Dual”. Ele versa sobre todos os dualismos que nos provocam, de forma que só me resta, após tratar de todos os que atingem, eliminar os que forem ‘mal-tratados’ poeticamente.

Acompanhando o percurso de toda obra de Alberto da Cunha Melo podemos arriscar dizer que são características estéticas comuns a todos os momentos de sua obra: a “temática agônica” – “anti-celebratória” – denunciadora da infinita finitude dos seres, das coisas, do que for – tratada a pinças pelo eu-poético, vórtice cosmogônico do ser transsubstanciado na arte poética, através do rigor formal paradoxalmente somado ao coloquialismo da linguagem. “Uma estranha beleza” (BOSI, 2000).

#### 2.4 Notas Pertinentes a Outras Produções Artísticas do Autor

<sup>12</sup> Essa antologia, bem como a maioria dos livros de Alberto da Cunha Melo, fazem parte do acervo da Biblioteca Pública Estadual Presidente Castelo Branco, Rua João Lira, s/n, Santo Amaro, CEP 50050-550, Recife, Pernambuco, Brasil. Fone: 81-3423.8446, FAX: 81-3221.3716, e-mail: [bibliestadual@hotmail.com](mailto:bibliestadual@hotmail.com).

Nenhuma linha escrita. [...] Tenho desenhado freneticamente, como uma compensação. Uma vez que não tenho maiores pretensões como desenhista, e posso rascunhar em qualquer parte, diante de qualquer pessoa, o desenho alivia-me as tensões, torna mais suportáveis as horas de ócio no Instituto, quando não há nada para fazer. (MELO, 1978-2000 – registro datado de 20 abr. 1979).

Nosso pequeno ensaio — “O Imagismo e a Fabulação na Poética de Alberto da Cunha Melo” —, que serviu de prefácio ao livro **Poemas Anteriores** (MELO, 1989), anota a força das imagens, densa alegoria na obra do autor. E difere seu mundo de imagens do proposto pelo “Imagismo”, de Amy Lowell e Ezra Pound, porque nele detectamos a supremacia da logopéia. A poética de Alberto da Cunha Melo seria essencialmente uma poética do “dizer”: “Um poeta que não tem medo das palavras nem medo das experiências triviais, porém tantas vezes inusitadas, surpreendentes, absurdas, do cotidiano”, conforme se uniria a nós a crítica de Hildeberto Barbosa Filho (1999), em seu elucidador artigo, “Uma Agônica Alegoria da Condição Humana”.

Abandonado nosso projeto inicial de, nesta monografia, fazer uma abordagem específica sobre esse aspecto da fanopéia na poesia de Cunha Melo, achamos por bem deixar aqui este pequeno apontamento sobre o mundo das imagens em sua poética. E esse mundo se estende às Artes Plásticas, o desenho, especificamente, prática que detectamos vir desde a década de setenta. Gestualístico, suas figuras se fecham quase que em uma única linha, como as imagens da segunda fase de seus poemas em versos livres. É exatamente em **Dez Poemas Políticos** (1979, p. 17) que irá publicar suas três primeiras ilustrações, a exemplo da que segue:



Figura 22

Esse tipo de ilustração está a par de imagens auferidas no poema “Divagações sobre o mesmo medo”: “O medo cria músculos/ e sólidos ossos/ nas nuvens do céu. /O medo aumenta o perigo/ e diminui os homens”. Ela adensa a percepção do medo e se espraia no estrato logopéico do último verso.

O poeta utilizaria seus desenhos ainda como ilustração da capa mais três no miolo do livro **Clau** (1992), com o mesmo caráter de simultaneidade, agilidade e leveza da forma, fim e começo no tempo uno da expressão verbo-visual. No caso do poema, em uma só estrofe totalmente perpassada pela imagem que utiliza. Como nos versos onde retrata a amada, no poema “Definições” (MELO, 1992, p. 75): “Clau não é uma árvore/ não tem ramos/ torturados pelos ventos,/ nem folhas que já nascem/ em seu precipício;/ Clau não tem heras/ ou limos que possam/ torná-la antiga:/ é começo dela/ e das coisas/ que jamais/ cansam de começar”. Como na ilustração da capa:



Figura 23.

É possível encontrar desenhos de Alberto da Cunha Melo ilustrando livros de vários autores. Destacamos o livro de contos do antropólogo Mário Souto Maior (1984, p. 33, 51, 72 e capa).





Figura 24.



Figura 25.

Ou ainda no sítio virtual PD-Literatura<sup>13</sup>, onde se encontra uma coletânea de poemas e respectivas ilustrações do autor, com o mesmo expressionismo das imagens que constam em seus próprios livros.

---

<sup>13</sup> Endereço virtual: <[www.pd-literatura.com.br/vida/capavida.htm](http://www.pd-literatura.com.br/vida/capavida.htm)>

### 3.0 REVISÃO DA LITERATURA

Em novembro de 2000, Alberto da Cunha Melo seguia para Portugal, a convite da Universidade de Évora, a fim de proferir uma palestra, “Condições de Criação nos Países Lusófonos”<sup>14</sup>, e autografar seu livro mais recente, **Yacala**, lançado no ano anterior. Mas na bagagem ele estava levando a edição fac-similar, editada pela EDUFRN (2000), porque a primeira edição artesanal (1999) estava esgotada. Essa segunda edição trazia o honroso prefácio de Alfredo Bosi que nomeava a sua poesia de “resistência” que achamos por bem novamente destacar:

O Nordeste nos dá, mais uma vez, depois do paraibano Augusto dos Anjos (presente de modo subliminar na atmosfera de várias passagens de **Yacala**), do alagoano Jorge de Lima e dos pernambucanos Carlos Pena Filho e João Cabral, a sua lição de dor que se faz beleza e arranca de si orças para construir uma poesia como a de Alberto da Cunha Melo, cujo nome secreto é – **resistência**. (apud MELO, 2000, prefácio) (grifos nossos)

De Alfredo Bosi, o escritor também recebeu o livro **O Ser e o Tempo da Poesia** (2000), com a seguinte dedicatória (Anexo 4): “Para Alberto da Cunha Melo, poeta e **resistente**, com o abraço amigo do Alfredo Bosi. Agosto, 2000.” É então esse livro que fundamentará nosso roteiro teórico, na tentativa de delinear algumas “Fases da Resistência na Poesia de Alberto da Cunha Melo”.

Partimos então de uma teoria já fundada, pelo mestre Alfredo Bosi, sobre a poesia do autor motivo desta monografia, ampliando o leque da sua percepção além e aquém do livro **Yacala**, analisado por ele. Para Bosi (2000, p. 17), a “poesia –resistência” tem a singularidade necessária que a destaca de um contexto que torna “mais árdua e rara a expressão lírica pura, forte, diferenciada, resistente”. Diferenciada de duas tendências básicas: a “reprodução de modelos literários’ que compõe o acervo fastidioso do neomaneirismo pós-moderno”, em face do “notável crescimento do ensino superior e da indústria editorial”; e das “manifestações

---

<sup>14</sup> MELO, Alberto da Cunha. Condições de Criação nos Países Lusófonos: um Depoimento Brasileiro. **Lumen**. Recife, v. 8, n. 2, ago. a dez. 2000.

rentes ao mercado de imagens, que é demagógico, violento, pornóide ou kitsch-sentimental”, veiculadas por um poderoso complexo multimídia.

Bosi (2000, p. 17) é taxativo ao afirmar: “Nem uma nem outra tendência têm a ver com o conceito de poesia-resistência” [...], pois ambas foram segregadas no interior do mercado cultural, universitário ou mediático” que vem condenando ao degredo obras como a de Alberto da Cunha Melo, fato que o roteiro dos capítulos anteriores podem comprovar. A poesia densa e extensa do poeta não mereceu ainda uma edição de distribuição nacional e no entanto ela resiste e se espraia, minando com a sua verdade, com a sua singularidade essa patologia da comunicação no mundo atual. A esse mesmo degredo foi submetida quase toda produção poética da Geração 65 e julgamos ter lançado luzes esclarecedoras, no primeiro capítulo, desta monografia, para que pudéssemos fazer essa afirmativa.

Em **O Ser e o Tempo da Poesia**, Alfredo Bosi (2000, p. 9), buscando delinear vigorosamente essa “poesia-resistência”, forte, pura, sufocada por montanhas de equívocos e equivocados, traça claramente seu objetivo: “o que faz de um poema ‘poesia’, e como esta resiste à usura do tempo, roedor silencioso de tantas coisas”. Para isso tomará dois caminhos. No primeiro procurará “captar o nexo íntimo entre o fluxo sonoro do texto, a sua constelação de figuras e o ‘pathos’”, para ele o “ser da poesia”. O segundo atentará para a presença desse “ser da poesia” e o “seu significado no curso do tempo intersubjetivo, social, que é a cultura vivida por gerações de leitores: o tempo histórico da poesia”. No capítulo 2, deste trabalho, ao descrevermos a obra, procuramos pontuar nosso percurso com os extratos críticos de diversos leitores da poesia de Alberto da Cunha Melo. E temos em mãos um roteiro prático para constatarmos esses caminhos traçados por Bosi: seu prefácio no livro **Yacala** (2000), onde faz uma análise da obra em si, atentando para aspectos conteudísticos e formais, e, a seguir, a contextualiza nos cânones da resistência.

Observe-se o caráter poliédrico dessa proposta, porque Bosi (2000, p. 13) buscará inserir ao contexto datado da obra poética “suas imagens e pensamentos em uma trama já em si mesma multidimensional”. E interroga, justificando esse roteiro:

De todo modo, o leitor sensível ao poema pressente que cada face de um poliedro já não será mais *face-de-poliedro* se for cortada e separada da figura múltipla e una que ela integra. Pois o que é um som, vogal ou consoante, desgarrado do signo que é a palavra-feixe de conotações? E que é a palavra arrancada ao movimento rítmico e melódico da frase? E a frase isolada do texto? E o texto fora do seu contexto? Enfim,

o que é um contexto datado quando subtraído à memória e à consciência presente que o interroga e ilumina? (BOSI, 2000, p. 10).

O que intentamos, pois, ao procurarmos pontuar os caminhos da resistência tomados pela poesia de Alberto da Cunha Melo, é exibir “à consciência presente” uma obra, em si já consagrada, para submetê-la a novas interrogações e outras luzes, multiplicando as possibilidades de acesso à sua beleza. Para Bosi, em **Yacala** (2000), “Uma Estranha Beleza” nascida de “um visceral sentimento da terra” aliada a uma “aspiração infinita” de alcançar “altas distâncias”, conjugada a uma “singular orquestração formal”, caracterizada pelo “paradoxo de sua composição ao mesmo tempo rebelde ao cânon e inventora de sua própria e inflexível ordem estrófica e métrica”.

A nossa análise pretende dar as linhas mestras do poliédrico roteiro de análise de Bosi, mas sem ir tão fundo quanto seria necessário a uma obra tão densa e extensa como a de Alberto da Cunha Melo. Mas o que perderemos em profundidade, ganharemos em uma horizontalidade que pretende permitir ao leitor uma visão tão abrangente quanto esclarecedora desse poeta pernambucano, brasileiro, universal. Como se percebe, o nosso método de análise é dedutivo, parte do geral, ou seja, da análise do contexto mais amplo da Geração 65 e da obra do autor, para o particular, o registro dos eventos que pontuam a linha mestra do nosso estudo que busca identificar as “Fases da Resistência na Poesia de Alberto da Cunha Melo”. Esse método dedutivo, fundado a partir da pesquisa bibliográfica de caráter especulativo, advém do fato de nos alicerçarmos numa análise já realizada por Alfredo Bosi (2000, prefácio), sobre o livro **Yacala**, e é-nos, então, permitido que assim procedamos, porque, ao constatar a pertinência da análise conclusiva do grande mestre, delimitamos nesta monografia a investigação das possíveis faces da “resistência” em outras obras do autor.

Fundamos, então, nossa investigação na teoria “Poesia-Resistência”, de Alfredo Bosi, que, por si, busca repensar “dialeticamente o conceito de historicidade da obra poética”, vazando “os muros de um cronologismo apertado”, através de uma análise poliédrica, multidimensional dos poemas, numa intrincada trama entre a realidade histórica e o mundo das imagens e pensamentos do eu lírico.

Nossos instrumentos de sondagem também se valerão do conceito do “poético-noemático”:

expressão que qualifica, na linha de Heidegger, a especificidade dos textos pré-socráticos em que se unem indissoluvelmente o pensamento e a forma poética, de

modo que esta, aí, não parece de forma alguma superficial, mas, ao contrário, é essencial para a própria constituição do pensável. (DUROZOI; ROUSSEL; 1993, p. 373).

Na esteira dessa concepção de “poético-noemático”, utilizaremos também a teorização de Ezra Pound (apud, MOISÉS, 1985, p. 316) sobre fanopéia, que consiste em “projetar o objeto (fixo ou em movimento) na imaginação visual”; a melopéia, em “produzir correlações emocionais por intermédio do som e do ritmo da fala”; e a logopéia, em “produzir ambos os efeitos estimulando as associações (intelectuais ou emocionais) que permaneceram na consciência do receptor em relação às palavras ou grupos de palavras efetivamente empregadas”.

No mais, nossa fundamentação teórica usará o jargão comum à análise literária, sendo importante reconhecer, ainda, a conceituação de: epigrama, “uma composição breve acentuadamente crítica, mas nem sempre jocosa” (RAMOS, p.41).

### 3.1 Os Caminhos da Resistência

No início do “Poesia-Resistência”, Bosi (2000, p. 163) nos remete ao capítulo 2, versículos 2 a 20, do Livro do Gênesis:

“Deus formou, pois, da terra toda sorte de animais campestres e de aves do céu e os conduziu ao homem para ver como ele os chamaria, e para que tal fosse o nome de todo animal vivo qual o homem o chamasse. E homem deu nome a todos os seres vivos, a todas as aves do céu, a todos os animais campestres”.

E recorda que o “poder de nomear significava para os antigos hebreus dar às coisas a sua verdadeira natureza, ou reconhecê-la”, concluindo que “Esse poder é o fundamento da linguagem, e, por extensão, o fundamento da poesia”. Portanto, o poeta pode ser definido como um “doador de sentido”.

Há muito o discurso poético vem sendo banido do discurso comum da sociedade. Bosi (2000, p. 164) data a grande cisão a partir do século XIX, “quando o estilo capitalista e burguês de viver, pensar e dizer se expande a ponto de dominar a Terra inteira” furtando “à vontade mitopoética aquele poder originário de nomear, de com-preender a natureza e os homens, poder de suplência e de união”.

A poesia resiste a essa falsa ordem que é, a rigor, barbárie e caos [...]. Resiste ao contínuo ‘harmonioso’ pelo descontínuo gritante, resiste ao descontínuo gritante pelo descontínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e

resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia”.(BOSI, 2000, p. 169).

Eis, então, como a poesia resiste e eis os principais caminhos que tomou, aqueles mais bem delineados por Bosi (p. 170) de acordo com a nossa investigação: “**poesia-metalinguagem, poesia-mito, poesia-sátira, poesia-utopia**” (grifos nossos). Mas é bom lembrar que nem toda obra que tomou esses rumos, que aderiu a essas tendências, pode ser nomeada de “poesia-resistência”, uma poesia sempre na contra-mão da barbárie e do caos instaurados no mundo. A interrogação de Bosi (2000, p. 17) adverte: “Signos por toda parte e o tempo todo, mas onde a jornada inesquecível da experiência que gera significado?”. A “poesia-resistência”, portanto — *abusos non tollit usum*<sup>15</sup> — há de se configurar por uma singularidade que a coloca à margem do curso absurdo das leis do sistema, mas paradoxalmente se incrusta definitivamente na jornada de nossas vidas, por acender as luzes das palavras no sentimento que não sabemos ou ousamos nomear, despertando-nos para a emocionante e dolorosa aventura do “ser”. Essa aventura resistente na poesia de Alberto da Cunha Melo tende a acentuar-se no trajeto de sua obra, expondo a verdade ferida de vida, o grotesco do cotidiano subordinado às ordens do sistema, o humano ultrajado, como no poema “Vitrina” (1989, p. 49):

A fêmea que passou há pouco  
e se deteve na vitrina  
olhou o preço, o próprio corpo  
e os homens todos que passavam.

Houve um momento em que tirou  
o lenço, como dama antiga,  
mas devolveu-o á sua bolsa  
e olhou seu corpo novamente.

Nada de novo, exceto o cheiro  
dos eucaliptos nas axilas  
e seus dois seios apontando  
dois vestidos atrás dos vidros.

Para comprá-los gastaria  
doze noites e doze homens:  
a alma é de seda, a carne não,  
doze noites e doze homens

ao câmbio branco, ou em moeda  
corrente para a loja próxima,  
ou a próxima morte que encobre  
com dignidade suas filhas.

<sup>15</sup> O abuso não impede o uso.

Nomeados os caminhos que poderão configurar as “faces da resistência” tão anunciadas neste trabalho, buscaremos, a seguir, identificá-las na poesia de Alberto da Cunha Melo.

#### 4.0 FACES DA RESISTÊNCIA NA POESIA DE ALBERTO DA CUNHA MELO

“A poesia pertence à História Geral, mas é preciso conhecer qual é a história peculiar imanente e operante em cada poema” (BOSI, 2000, p. 13). E essa história se filia a uma trama multidimensional em que “o eu lírico vive ora experiências novas, ora lembranças da infância, ora valores tradicionais, ora anseios de mudança, ora suspensão desoladora de crenças e esperanças”. Toda essa trama compõe a maioria das obras poéticas, não sendo diferente na obra de Alberto da Cunha Melo. Reportamo-nos, inicialmente, a essa última experiência do eu lírico, que tem uma frequência relevante na obra do autor e que se assoalha no configurar da consciência sobre o *status quo*, enquanto demolidor da esperança de fazer o discurso poético se incorporar à linguagem de todos para a comunhão da beleza. Um extrato bastante significativo desse desolamento é o poema “Casa Vazia” (MELO, 2002, p. 29):

Poema nenhum, nunca mais  
será um acontecimento:  
escrevemos cada vez mais  
para um mundo cada vez menos,

para esse público dos ermos,  
composto apenas de nós mesmos,

uns joões batistas a pregar  
para as dobras de suas túnicas,  
seu deserto particular,

ou cães latindo, noite e dia,  
dentro de uma casa vazia.

Observe-se que a reflexão sobre a poesia no seu tempo faz predominar o caráter logopéico: a proposição ínsita nos dois primeiros versos se resolve e se explica nos versos seguintes, desdobrando-se até a conclusão desoladora do último dístico. Mas a reflexão vazada de abandono e lucidez é acompanhada do tônus harmonioso da estrutura estrófica e métrica amalgamadas às poderosas imagens: “público dos ermos”, “dobras de suas túnicas”, “deserto particular”, “cães latindo” numa “casa vazia”, que reforçam o desalento.



O efeito estrófico é de uma onda: “primeiro espaiada, depois recolhida, [que] se embate por duas vezes nas barreiras sólidas dos dísticos do meio e do fecho” (BOSI, 2000, prefácio). A proposição “espaiada” na primeira estrofe será reforçada pelo poder das imagens, o eu lírico a esbater-se na sua desoladora constatação. É a estrutura a que o poeta deu o nome de “retranca”, um quarteto, um dístico, um terceto e o dístico final. Estrutura utilizada desde o livro **Carne de Terceira** (1996), que inaugura a sua terceira fase.

A forma utilizada, cânone paradoxalmente rebelde ao cânone vigente, se quer a decantação da emoção, do sentimento. Não seria a Arte uma maneira também de dar “forma” ao intangível do ser mais profundo? Em Alberto da Cunha Melo acreditamos que sim. Os versos no metro octossílabo – o menos cantante de todos os metros – é caracterizador da poesia do autor desde a primeira fase, mas ganham, como nesse poema caracterizador de sua terceira fase, as rimas no esquema *abab, cc, ded, ff*. Por que as rimas no seu mais recente fazer poético? Talvez a necessidade do canto mais pungente, com acesso mais rápido à memória. Uma tentativa de comunhão? Todas as tentativas formais – do octossílabo sem rimas ao verso livre e deste ao octossílabo com rimas, com as suas respectivas variações estróficas –, em Alberto da Cunha Melo, não indicariam a busca de fazer-se entre todos?

Na esteira da elaboração densa do seu canto, nessa terceira fase da qual o poema “Casa Vazia” é exemplar, o elemento unificador da poética de Alberto da Cunha Melo, argutamente percebido por outro grande poeta e crítico, Bruno Tolentino (1996):

[...]a linguagem pungente e específica, tão concreta quanto alusiva e simbólica — leia-se: **o idioma servido sem complexidades ornamentais, aquele que em momento algum faz um dialeto de si mesmo** — foi desde sempre a marca registrada deste *maggior fabbro* à inglesa, de timbre telúrico e fôlego metafísico à maneira (e à altura) de um Herbert, um Donne, ou um Hill hoje. (Grifos nossos)

E aqui introduzimos a primeira pergunta deste capítulo. Diante dessa afirmativa de Bruno Tolentino poder-se-ia falar que a “poesia-resistência” de Alberto da Cunha Melo percorreu os caminhos da “poesia-metalinguagem”? É o que tentaremos responder a seguir.

#### 4.1 A “Resistência” no Caminho da Poesia-Metalinguagem

No capítulo 1 já demos conta de quanto a Geração 65 se caracterizou por ser avessa à fragmentação e junção da linguagem, à prática da inserção da oralidade no texto, à poesia

tipográfica do Concretismo e outras tendências, indo em busca de um culto da língua que os aproximava mais da geração 45, nesse aspecto formal, mas com uma gama de representação simbólica muito densa, o que nos remete ao próprio Simbolismo. Isso poderia significar um certo “epigonismo”, se não representasse o avesso dos modismos em voga dos neovanguardistas, em si também epígonos da geração de 22, sob a primazia das tendências futuristas.

Esse tipo de poesia praticada pelos neovanguardistas, entre as décadas de 50 a 70, representa o que Bosi (2000, p. 166) nomeou de uma poesia que sobrevive de sua “própria substância vital”, que se “agarra à pele da escrita”, uma poesia narcisística, única maneira de sobrevivência em um contexto absolutamente avesso à sua tessitura mais densa. O poeta, “um doador de sentido”, busca sentido para o próprio fazer poético numa sociedade embotada no caos.

Bosi (2000, p. 172) amplia seu conceito de “poesia-metalinguagem”: “Toda vez que por ‘metalinguagem’ entendo o domínio antecipado e vinculante de um código, estou diante de um estágio avançado de reificação<sup>16</sup> do fazer poético: é a ideologia acadêmica que, já na fase tecnicista, põe a nu o seu know-how”. Esse parecer diz respeito à poesia árcade e à parnasiana; o poético “posto em código até adquirir a consistência de uma retórica de formas ou de conteúdos”.

Unem-se, então, dois estágios distintos da “poesia-metalinguagem”, o moderno, nas paragens das neovanguardas, e o anterior nas paragens da poesia parnasiana e árcade. Alberto da Cunha Melo não aderiu ao neovanguardismo, não fez do idioma “um dialeto de si mesmo” conforme observa Bruno Tolentino. Mas sua obra está pontuada de poemas que revelam uma reflexão sobre o seu próprio fazer literário, como no poema da primeira fase, “Estratégia” (1989, p. 96):

Por que raramente termino  
um poema como este: cheio  
de mim, de meus seres calados  
dentro de casa para sempre?

Por que me deixo aprisionar  
ao vale frio dos geômetras,  
aceitando uma pobre régua

<sup>16</sup> Entende-se por “reificação” “a tendência de transformar em coisas verdadeiras, representações mentais: manifesta-se sobretudo na linguagem ou em certos comportamentos patológicos, em que noções abstratas são concebidas como objetos”. (DUROZOI; ROUSSEL, 1993, p. 404).

e um lápis negro, ao invés da morte?

No grande pátio do colégio,  
eu deixava que alguém me atasse  
à mangueira, só pelo gosto  
de sozinho me libertar.

Agora tento proceder  
da mesma forma: me entregando  
com as roupas desfeitas e o olhar  
estudioso sobre as cordas.

Depois de livre, tomarei  
o caminho longo de casa:  
sacudindo cinzas, chutando  
sombras, pelas ruas desertas.

Os “[...] seres calados/ dentro de casa para sempre?”, a interrogação dá o limite da busca da comunhão com todos, que desde então intenta o poeta, como talvez toda a verdadeira poesia, em busca do poder de “suplência e união” perdido, “para sempre?”. A palavra “casa” sempre percorre sua obra e sempre em construção, como em outro poema dessa mesma fase “Estação Terminal” (1989, p. 30): “Começo e recomeço a **casa/** de papelão em pleno inverno” (grifos nossos), ou na terceira fase, em **Yacala** (1999, p. 11) quando observa: “Mas todos estamos em **casa/** como o vôo dentro das asas” (grifos nossos) e poderíamos concluir na desoladora: “Casa Vazia”. Atente-se, pois, para a construção da própria obra poética.

Mas a pergunta da segunda estrofe já nos remete ao caráter específico da construção simbólica. Por que se deixar aprisionar pelo “vale frio dos geômetras, / aceitando uma pobre régua/ e um lápis negro, ao invés da morte?”. O percurso é esclarecedor, o “vale frio” da forma, do geometrismo do sistema estrófico em versos octossílabos, a “régua”, ao invés de calar sua voz, de emudecer seu canto. E as imagens pejudadas de infância recorrem ao autodesafio de aprisionar-se para libertar o canto. Paradoxal, prender-se para libertar-se, eis a necessária construção simbólica do eu lírico em Alberto da Cunha Melo. “[...] o olhar/ estudioso sobre as cordas”, sobre seu autoaprisionamento na forma. Ludismo, reificação do poema ou necessária forma para conter o vazar dos sentimentos, dos afetos? Ficamos com a última opção, porque, liberto, o poeta tomará “o caminho longo de casa”. Aqui a palavra “casa” retoma o sentimento do vazio desolador, reforçado pelas “ruas desertas”.

Acreditamos que longe estamos de uma retórica positivista de formas, como no parnaso, mas uma retórica de formas que se “recusa ao utilitarismo” de um sistema que a nega. Portanto, não adesista, não aderente ao sistema academicista. Não uma retórica vazia de

modelos acabados, mas uma retórica da busca onde “se unem indissoluvelmente o pensamento e a forma poética, de modo que esta, aí, não parece de forma alguma superficial, mas, ao contrário, é essencial para a própria constituição do pensável” (DUROZOI; ROUSSEL, p. 373). Eis uma tendência pré-socrática (VI e V a.C.), que foi desprezada por Platão e Aristóteles e só passou a ser estimada a partir de Hegel, constituindo o “poético-noemático<sup>17</sup>”: um modo particularmente agudo do pensamento. E talvez aqui tenhamos chegado a um ponto comum da construção sensível da poética de Alberto da Cunha Melo, porque, nele, o percebido, o pensado e o imaginado ganham força de expressão não-maneirista e anti-caligrafista, e reflete-se refletindo sobre o seu fazer, sob a agudeza do sentir, do pensar e do imaginar a arte, a vida, ou o que esteja ao alcance da sua percepção. Afinal não se trata de uma retórica, mas de um modo de viver, de sentir, de pensar e de fazer, um modo albertiano de ser. E Bosi completaria (2000, p.173):

[...] aqui a consciência trava mais um ato de resistência” [...] **A lucidez nunca matou a arte.** Como boa negatividade, é discreta, não obstrui ditatorialmente o espaço das imagens e dos afetos. Antes, combatendo hábitos mecanizados de pensar e de dizer, ela dá à palavra um novo intenso e puro modo de enfrentar-se com os objetos. Valéry, Motale, Drummond e João Cabral de Melo Neto são mestres nesse discurso de recusa e invenção. (Grifos nossos).

Encontramos, pois, a poesia de Alberto da Cunha Melo nos caminhos da “poesia-metalinguagem”, mas sob o cânone da “resistência”. Como nomeou o mestre Alfredo Bosi, uma “poesia-resistência”.

## 4.2 Nas Sendas da Poesia-Mito

A poesia mítica, recuperando na figura e no som os raros instantes de plenitude corpórea e espiritual, resgata o sujeito da abjeção a que sem parar o arrasta a sociedade de consumo. A propaganda, obscena caricatura de todos os mitos, barbarizou a vida privada, mecanizou o desejo, deu olhos de voyeur cruel a Eros, menino outrora castamente vendado; depois, assoprou poeira poluída nos olhos do cidadão-consumidor para impedi-lo de ver a mentira que a sustém. (BOSI, 2000, 179)

A sociedade vem caricaturando todos os mitos, entendendo-se como mito uma representação social que tende a servir de modelo, de guia. O mito do sagrado do “amor” representado por Eros, na mitologia grega, no mundo contemporâneo, é deformado pela sanha da vulgaridade, que tende a se acentuar graças ao alcance poderoso de todas as mídias do

<sup>17</sup> “Relativo a “noema (Do gr. ‘noema’, percepção). Fil.: Na fenomenologia, o aspecto objetivo da vivência, o aspecto objetivo da vivência, i.e. o objeto, considerado pela reflexão em seus diferentes modos de ser dado: o percebido, o pensado, o imaginado.” (FERREIRA, 1985, p. 976).

nosso tempo. A deformação torna-se padrão de comportamento para um mundo cego guiado para o abismo. Mas na poesia da terceira fase de Alberto da Cunha Melo, mais especificamente no seu mais recente livro **Meditação Sob os Lajedos**, em que a reflexão ganha o tônus da filosofia, Eros parece recompor sua face ferida, em nome de uma complacência para com o desregramento do sexo, fruto do alienante apelo dos nossos tempos. Desse tônus é exemplar o poema que tem o título desse mesmo mito – “Eros” (MELO, 2002):

Ó noite dos amantes em fuga,  
noite dos fluidos, dos incêndios,  
quando delicadas mulheres  
erguem-se, Fúrias dos milênios,

todas elas com a mesma face  
que o demônio tem, quando nasce,

que a miséria tem, quando sonha,  
mulheres e homens a pedirem  
que o deus tardio não se oponha

a essa alegria da matéria  
em fogo e em fuga sobre a Terra.

Note-se que se configura no poema uma rogativa “ao deus tardio”, para que ele “não se oponha” a esse precipício do desregramento, em nome das origens, o “demônio [...] quando nasce”. Como se suplicasse ao deus que entendesse o desmesurado apelo do sexo como uma volta inocente ao princípio de todos. Ao delegar a “Eros” o poder da concessão, ele, de certa forma, recompõe a sua face, o seu poder. Essa justificativa da pura animalidade, ensejada pelo pedido de complacência a um deus, extrai do poema o poder aliciante da justificativa vazia para o caos exasperante e desesperador, que, em si, justifica a “fuga sobre a Terra”. A justificativa revela-se, antes e por analogia, a par do sentido literal da palavra “mito”, que diz respeito a “um relato fabuloso de caráter mais ou menos sagrado, que concerne a seres que **personificam os agentes naturais ou as origens de uma sociedade**”, (DUROZOI, ROUSSEL, 1993, p. 326). Em Alberto da Cunha Melo, a Natureza, inclusive a humana, que tem a consciência embotada sob as pesadas injunções de nossos tempos, será sempre motivo de composições comovedoras.

São muitos os mitos, personificados em variadas sociedades e em épocas específicas. Assim os mitos da Terra, da Morte, da Pátria, da Guerra, entre outros, vão sendo configurados pela sociedade e, naquelas em que são ativos, recebem a referência justificadora, ideológica, de seus padrões de comportamento. Temos, a partir dessa concepção, o mito em seu sentido mais amplo, ou seja, elaborado por uma representação coletiva a propósito do comportamento

atribuído a certos grupos sociais. Mas o mito pode representar os equívocos, as condições alienantes de nosso tempo, a partir da eleição de valores espúrios, espelhando as ideologias dominantes que representam, a rigor, barbárie e caos.

Conforme Bosi (2000, p. 173), a poesia-resistência, que trilha o caminho que a “leva a redescobrir as fontes não contaminadas do mito, do rito e do sonho”, teve suas origens na Inglaterra e na Alemanha pré-românticas, durante a primeira revolução industrial e se radicaliza durante a segunda revolução com “simbolistas, dadaístas, expressionistas e surrealistas [...] e seu vetor de significação parece ser absolutamente esquivo à ordem burguesa. [...] A fala mitopoética deplora as úlceras que o dinheiro fez e faz na paisagem”. Na mesma terceira fase da poesia de Alberto da Cunha Melo, onde o poético-noemático se intensifica, podemos observar essa visão “esquiva à ordem”, quando da abordagem desse mito na sociedade moderna, o “Dinheiro” (MELO, 2002, p. 70):

Agora é como o ar e, como o ar,  
quando não falta, não se sente;  
mas arma em volta uma atmosfera,  
uma saúde diferente

que atrai para si as vontades  
gordas, súplices plumagens,

a apoteose e não a prece,  
numa dourada abstração,  
que do seu vácuo se abastece,

que de si mesmo, do vazio,  
fez-se deus, quando o outro partiu.

Observe-se a aguda reflexão vazada de uma imagem competente: “numa dourada abstração/ que do seu vácuo se abastece”. O dinheiro que gera dinheiro, aviltando o trabalho humano em construção na face da Terra, “fez-se deus”, quando o Deus, da concepção religiosa ou filosófica, o Criador Incriado, passa a ser expulso dos códigos da convivência humana. Ao compará-lo com o “ar”, Alberto da Cunha Melo se projeta para uma fonte-mito da sua poesia: a Natureza, no caso uma má positividade, e, no caso do mito Eros, a complacência é justificada em nome da Natureza primitiva do homem, então seu código mais animal, na ausência de uma consciência lúcida que o alerte para o equívoco, a cegueira, a que está submetido. Neste caso, uma boa positividade, que se nega a uma justificativa à pura animalidade, quando sondada pelos apelos da com-paixão.

Essa identidade mitopoética da Natureza, em Alberto da Cunha Melo, e queremos crer em toda grande poesia que se quer suplência e união, parece-nos o tônus mais forte e comovente de toda sua obra. Sob o signo da opressão: “o que move os sentimentos e aquece o gesto ritual é, sempre, um valor: a **comunhão com a natureza**, com os homens, com deus, a unidade vivente de pessoa e mundo, o estar na totalidade” (Bosi, 2000, p. 179, grifos nossos). Encontramos esse pulsar das origens na Natureza, até nas comparações que estabelece ao descrever sua amada, a exemplo do poema, encontrado no livro **Clau**, de sua segunda fase, “Definições”:

Clau não é uma árvore,  
 não tem ramos  
 torturados pelos ventos,  
 nem folhas que já nascem  
 em seu precipício;  
 Clau não tem hera  
 ou limos que possam  
 torná-la antiga:  
 é começo dela  
 e das coisas  
 que jamais  
 cansam de começar.

A amada está no contexto da Natureza. As palavras de que se veste esse signo: “Árvore”, “ramos”, “ventos”, “folhas” se incorporam em “Clau”, de volta às origens: “que jamais/cansam de começar”.

Nessa comunhão mitopoética com a Natureza tece-se, então, um dos aspectos mais particulares da sua poética, para os planos mais amplos da jornada social, a revelar-se em poemas como “Análise de Desempenho”:

Impraticável tarefa  
 de suportar as horas  
 estragadas, as pinças  
 das perguntas, a extrair  
 da língua  
 algo sábio ou gentil:  
 desse modo,  
 o trabalho perdeu  
 a força de arrancar  
 da terra fechada  
 as delicadas vagens,  
 e os dias perderam  
 o alegre significado  
 de colheitas chegando  
 e crianças nascendo.

Açodado por contingências adversas de uma sociedade em que o trabalho e, no caso, o intelectual, se quer apenas a exibição do poder do saber, o poeta recorre à comunhão original das “colheitas chegando/ e crianças correndo”. A recordação da natureza, enquanto provedora da práxis ajustada à alegria da comunhão de seus frutos, ameaça a práxis dominante, pois “suas alternativas inelutáveis não é, por certo, a natureza, com a qual ela, antes, coincide, mas o fato de que a natureza seja recordada” (BOSI, 2000, p. 179). Ao recordar a Natureza, o poeta a socializa: “A poesia que busca dizer a idade de ouro e o paraíso perdido acaba exercendo um papel humanizador das carências primárias do corpo: a comida, o calor, o sono, o amor” (BOSI, 2000, p. 179).

Bosi, nas trilhas da poesia-mito ao encontro da Natureza, nos esclarece sobre o significado de “conceito concreto” ínsito a toda a poesia de Alberto da Cunha Melo, fato mais claramente observável no livro **Meditação sob os Lajedos**: “A consciência que se volta, respeitosa e atenta, para o que não é ainda consciência – a pedra, a planta, o bicho, a infância – está prestes a cumprir a síntese entranhadamente poética de sujeito e objeto que se chama conceito concreto”. (BOSI, 2000, p. 181). No livro mencionado, em sua segunda parte nomeada pelo poeta de “Gentes e Bichos” (p. 98), poderemos observar o comovente desfile desses nos poemas: “Cavalo de Carroça” (p. 117), “A uma formiga” (p. 120), “Tôta” (p. 126), “Pardais” (p. 136-137), até alcançar, na terceira parte, “Retorno” (p. 141), o limite da quase mais pura falta de consciência, no poema “Lajedos”:

Limpos, inorgânicos mundos,  
que não apodrecem nem fedem,  
após brevíssimo esplendor,  
como os seres salvos do Éden,

corpos de gesso, de granito,  
que não se deslocam nem gritam,

como eu gostaria de ter  
esse mentiroso repouso  
de seus átomos, e de ser

lápide, lousa sobre a cova  
onde a podridão se renova.

A agudeza da consciência que corresponde a uma dor de viver ainda mais funda, faz o poeta sondar a natureza da pedra e desejar seu estágio de não consciência dos “lajedos”, pensar, pesar, pedra. Eis o estágio mais denso do eu lírico, que não significa o “ingressar do



mundo no sujeito, mas sim, sempre, o um-no-outro”, como nos ensina Staiger (1975) para explicar a falta de distância entre sujeito e objeto, ou o que se chama “conceito concreto”, em Bosi.

Sob o peso da opressão, encontramos, em inúmeras poéticas, o eu lírico a refugiar-se na infância, assim em Manuel Bandeira, assim em Jorge de Lima, por exemplo. Mas em Alberto da Cunha Melo, esse refúgio foi assaltado, ferido, pelas garras do sistema, que em sua indigência mitológica aufere a poemas como “O Homem de Borracha” (MELO, 1989, p. 84), de sua primeira fase, o desalento comovedor da infância violentada:

Eu batia na minha infância  
doze portas atrás de mim,  
e o homem de borracha passava  
pela brecha da fechadura.

Por todo lado parecia  
o detetive sem chapéu,  
e utilizava uma goteira  
como a chuva, para alcançar-me.

Caso eu morresse e ele quisesse  
um menino já sepultado,  
chegaria ao pequeno corpo  
por um buraco de formiga.

Ocultava-me e, no verão,  
ressurgiam os companheiros  
de farda azul, que me chamavam  
o tempo inteiro do jardim.

Quando um dia fugi de casa,  
como a esperança, ele esticou  
o braço fino para mim  
e segurou-me no horizonte.

O mito dos quadrinhos infantis irrompe no poema com o tônus expressionista que em sua poesia é sempre sinal do grotesco invadindo o logos e concedendo-nos imagens de força incomum. A visão da infância na poesia de Alberto da Cunha Melo é sempre dolorosa, mesmo na segunda fase, quando o poeta adota a terceira pessoa para sondá-la, num aparente distanciamento. Ela é pejada de sombras: “leve e aflita beleza/e seda sob a garra/ e gorro sob a chuva, quem na hora do doce,/ te empurrou?/ quem rasgou tua blusa/ na hora do recreio?/ quem sorriu, quem zombou/ de tua ignorância universal?” (MELO, 1981, p. 99). E seu percurso será pontuado pela “Visita ao Pavilhão Infantil” (p. 102), onde uma menina esconde “do pai/ as coisas mutiladas”, numa “Tarde Cheia de Órfãos” (p. 107), órfã das alegrias da infância. No vetor dessas trilhas rumo ao passado presentificado, a infância se realiza no

poema como testemunho da dor. Na poesia-mito, tanto da Natureza como da Infância, o vetor será passado-presente, instaurado pela “presentificação” lírica. O retorno à infância ou às origens da natureza se configuram, para Alfredo Bosi, em uma recusa ao status quo, mesmo que isso signifique pensar feridas como o mito da Infância, na poesia de Alberto da Cunha Melo. Essa recusa, que se volta para o passado na poesia-mito, delinea mais um caminho da “poesia-resistência” tão facilmente identificada na poética de Alberto da Cunha Melo. Existem outras veredas da “poesia-mito” a percorrer, mas nos limitamos aos caminhos cuja recorrência se faz mais evidente na obra do autor.

### 4.3 Poesia-Sátira e Poesia-Utopia: Rumos da Resistência

Existe no percurso da poesia-mito um outro vetor: presente-futuro. Bosi (2000, p. 185) esclarece: “Desde os profetas bíblicos até Maiakovski, Brecht e Neruda, a recusa irada do presente, com vistas ao futuro, tem criado textos de inquietante força poética”. São dardos poderosos lançados contra os “deuses dominantes”. E prossegue: “Se o círculo presente-passado-presente evoca o paraíso, o eixo sem limite presente-futuro invoca-o” (p. 187). A recusa e a utopia são basilares dessa poesia quase sempre de extrema virulência adensada, freqüentemente pela sátira.

É no livro **Poemas a Mão Livre** (1981), que essa recusa emergirá resolutamente da própria cultura vivida pelo poeta, e é a ela a quem vai se dirigir: “O satírico aparece em estágios complexos e saturados da vida urbana; momentos em que a consciência do homem culto já se rala com as contradições entre o cotidiano real e os valores que o enleiam”, como em “Uma Teoria de Classe” (MELO, 1981, p. 148):

Minha hipócrita  
e piedosa classe média,  
de carros, sorrisos  
e diplomas emoldurados;  
minha desapontada  
legião de chefinhos  
de ejaculação prematura,  
sonhando com estrelas  
menos tolerantes  
que as aflitas amadas,  
minha dialética  
e esperdiçada classe morna,  
quem sou eu,  
minha classe perdida,  
para condenar

tua salada verde,  
tua falsa fome  
de vida?

Trata-se, como concebe Bosi (2000, p. 192), de uma crítica que fere o que é por amor, oculto amor, ao que deveria ser. A “fome de vida” é “falsa” e se estrutura na parafernália de objetos ditados pelos padrões estabelecidos para o status de “bem sucedido”. Nada tem a ver com comunhão, mas com a excomunhão do ser, a favor do “ter”. Os versos são livres, em uma única estrofe, em toda a extensão desse livro, porque o poeta anuncia “Uma Nova Poesia, Grosseira Novidade”:

Urgência  
de mandar um recado,  
que não exija  
outra forma  
demorada e dúbia  
de perfeição;  
assim tenso  
e condensado,  
como de radiotelegrafista  
comunicando, trêmulo,  
a invasão.

O “Nova Poesia” refere-se à mudança da forma necessária à mudança do tema, para atender à urgência do recado. A composição breve e concisa, direta e contundente, remete-nos a uma versão epigramática da sátira. Mas mesmo nessa estrutura o expressionismo irrompe somando-se ao grotesco percebido, na afinação da mais pura negação, a poesia resistência altissonante, como em “Algo não Teológico”: Todos pensam/ em defender/ sua razão,/ a de punir/ os que se tornam/ demônios amados/ e coletivos;/ demônios inteiros/ e quentes, nas estradas,/ (com suas correntes/ recém-partidas/ a balançar na garganta)/ e voando a menos/ de dois metros de altura.” (MELO, 1981, p. 56). Toda uma gama de situações serão crivadas pelos dardos dessa poesia-sátira de Alberto da Cunha Melo, e serão submetidas à recusa ingente dos “demônios inteiros/ e quentes, nas estradas”. Esse aparente não amor é “capaz de tudo:/ escarrar no vidro/ à prova de balas” (MELO, 1981, p. 63), escarmento ao sistema, sempre submetido à consciência lúcida do nenhum poder de mudança. Mas se revela também em fraternidade, como no poema “Presságios de Ano Novo” (MELO, 1981, p. 79):

A terra limpe a terra  
de tudo isso:  
os ossos sujos,  
os intestinos inflamados, etc. etc.;

mas atenção:  
os carros novos,  
os livros recém-chegados  
e, até mesmo,  
(para não perder o costume)

alguns pés de boa-noite  
 sejam amados nesse dia  
 de terra lavada,  
 onde teu nome, tua sombra  
 não atravessem a praça  
 povoada de bicicletas,  
 nem turvem o despertar  
 desse mundo brotando  
 à revelia de teu asco,  
 com força fraterna  
 e fresca claridade.

A recusa do presente se projeta para o futuro em uma poesia-utopia numa comovente proposta à fraternidade, à comunhão.

No espaço transversal entre a poesia-mito e a poesia-utopia, o gemido da criatura opressa “altera-se, muda de tom e de timbre, vira grito, rouco desafio, duro afrontamento, até achar os ritmos da poesia-utópica” (BOSI, 2000, p. 207) na dimensão nítida do futuro coletivo, como se pode observar no livro **Noticiário**<sup>18</sup> (1979), e mais especificamente no poema “Aos Mestres com Desrespeito”:

Dizem que meu povo  
 é alegre e pacífico.  
 Eu digo que meu povo  
 é uma grande força insultada.  
 Dizem que meu povo  
 aprendeu com as argilas  
 e os bons senhores de engenho  
 a conhecer seu lugar.  
 Eu digo que meu povo  
 deve ser respeitado  
 como qualquer ânsia desconhecida  
 da natureza.  
 Dizem que meu povo  
 não sabe escovar-se  
 nem escolher seu destino.  
 Eu digo que meu povo  
 é uma pedra inflamada  
 rolando e crescendo  
 do interior para o mar.

“Situações de crise e opressão desencadeiam forças profundas de resistência que, por sua vez, geram movimentos sociais e formas simbólicas de teor radicalmente mitopoético”

<sup>18</sup> O **Noticiário** foi escrito, conforme registro da folha de rosto, entre os anos de 1969 a 1978 e só publicado no ano de 1979, portanto sob a mais ingente opressão do regime militar no Brasil (1964-1984), sob os rigores do silêncio. Ele coincide com o **Poema Sujo** (1976), de Ferreira Gullar que só teve repercussão nos meios literários brasileiros e especialmente nordestinos algum tempo depois, uma vez que Ferreira Gullar, se encontrava exilado na Argentina e o livro foi lançado naquele país (CEREJA; MAGALHÃES, 1999, p. 203). Portanto quando nos reportamos, no Capítulo 2, à angústia de Alberto da Cunha Melo em constatar que “iam surgindo livros que muito coincidem” com a poesia de **Noticiário**, supomos que ele deva estar se referindo a esse livro de Gullar. Ilhado pelas contingências próprias da ditadura e pelo centenário degredo nordestino pela mídia poderosa do Sul do país, esse estágio de sua segunda fase, tão densamente elaborado, não teria a repercussão esperada pelo poeta.

(BOSI, 2000, p. 204). Esse poema se insere no contexto histórico dos anos mais duros da ditadura militar no Brasil, portanto nada mais urgente que a utopia, evocando o passado, através da análise de estereótipos atribuídos ao povo brasileiro; provoca o presente, porque insulta os “Mestres” que os engendraram e invoca o futuro e o convoca na tessitura de formas simbólicas de teor radicalmente mitopoético. O efeito coral, “uma das marcas mais constantes da poesia aberta para o futuro” (BOSI, 2000, p. 213), afinizado com o discurso da utopia, é, nesse poema, configurado pela anáfora: “Dizem que meu povo”, que ganha uma força contestatória dinâmica e melódica. Trata-se de um poema abertamente político, e o coro atua provocando a consciência e compondo um “sentimento de um destino comum”.

Eis que na fusão de todos os tempos – passado-presente-futuro – o eu lírico movido pelos estertores da dor comum a um povo, reúne forças para seu grito avesso às injunções opressivas, grito de comunhão e fraternidade, uma “poesia-resistência”, em cujo fazer o eu lírico não se entrega “ao peso morto de programas ideológicos: a arte pela arte, tecnicista; a arte para o partido, sectária; a arte para o consumo, mercantil” (BOSI, 2000, p. 226).

## 5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Emergindo do mergulho possível na obra de Alberto da Cunha Melo, retomamos a pergunta-mestra que nos moveu a construir este trabalho, para tentar configurar a resposta pertinente: Que formas e eventos, na obra de Alberto da Cunha Melo, podem facilitar o acesso do leitor à sua estética e sua mensagem? É praza-nos constatar que não podíamos ter feito melhor escolha que a de termos sido amparados pela teoria da “poesia-resistência” de Alfredo Bosi, não só por adotá-la como fundamento para obra do poeta, mas por considerarmos este trabalho também um ato de resistência à cegueira a que está condenada a maioria das pessoas, especialmente nossos jovens, para os caminhos da verdadeira arte e da beleza, esmagada que está a sua percepção pelos apelos das poderosas mídias do nosso tempo que os fazem eleger a vulgaridade, o puerilismo e o brutalismo compulsivos de modismos culturais como critério de valor estético.

Estamos numa era de extremos em que “a mais alta tecnologia de informação e comunicação opera em um mundo ainda mergulhado na violência do capitalismo, dos nacionalismos fanáticos e do mais cínico individualismo” (BOSI, 2000, p. 16), que não só embota a consciência estética, mas também a consciência ética. Nada mais oportuno, então, do que permitirmos o acesso a uma arte que se quer fraternidade, espalhando-nos sobre o mundo doente e carente da voz de uma poesia como a de Alberto da Cunha Melo, uma poesia-resistência.

Nos caminhos da arte poética do autor, o tônus da “resistência” foi detectado na extensão de toda a sua obra – doze títulos de poesia – desde a sua primeira fase cuja fonte primeira foi o livro **Círculo Cósmico** (1966) até a terceira fase com sua **Meditação sob os Lajedos** (2002), encontramos uma poesia que se nega à barbárie e à vulgaridade, avessa aos modismos e seu canto personalíssimo configurasse-nos como um “longo poema de amor rastejando sob a terra” (FERREIRA, 2002). É o amor a base da sua “Ergonomia” poética:

O grande trabalho é do amor  
sem bronzes, sem assinaturas,  
no ar do espaço, na hora do tempo,  
pólen de Deus nas criaturas;

a palavra quase sem eco  
a injetar humos no deserto,

mãos de franciscos, de terezas,  
que repartem, ocultamente,  
suas migalhas sob as mesas;

ou energia sem fronteiras  
que acende todas as estrelas.

Toda obra de Alberto da Cunha Melo é um ato de amor, num mundo de não-amor, um mundo que se nega à comunhão com a beleza, com a Arte. É, portanto, um ato de amor e “resistência”. Seu poético-noemático, a beleza sob a empática convivência da razão, se envida na poesia-metalinguagem, na poesia-mito, na poesia-sátira, caminhos da “resistência”.

No caminho da poesia-metalinguagem, também a resistência à retórica baseada em modelos acabados, mas um sim à retórica da busca no seu modo particularmente agudo de sentir, pensar e de fazer. Nas sendas da poesia-mito, o encontro com a Natureza não contaminada pela barbárie, e com a Infância já ferida por ela: “Infância doce, infância dura/ infância de cana 3X, a marca pobre que apodrece/ a dentadura das crianças”. (MELO, 1989, p. 34). Uma poesia-mito que representa o estágio mais denso do seu lirismo atento e comovido diante do que não é ainda consciência: bichos, plantas, pedras povoam a obra de Alberto da Cunha Melo e se incorporam e se abrigam em seu discurso. “O pardal tem a cor do sujo,/ da poça d’água do caminho,/ dos pés descalços pelas longas/ beiras de estrada, passarinho/ sempre a viver ao rés do chão/ como o mendigo ou o enxergão/[...]” (2002, p. 137). Na poesia-sátira, o contundente discurso de uma consciência que se recusa ao não-amor, pelo aparente desamor. E sob as mais dolorosas injunções do seu tempo, a construção da poesia-utopia, invocando o futuro, em solidária resistência social: “És tão pouco, tão pobre,/ tão nada,/ como chegaste até aqui?/ Todos esperavam receber,/ pelos ruídos que vinham do Nordeste,/ alguma coisa coletiva/ e numerosa,/ alguma cerca majestosa./ Mas, chegaste,/ criatura despedaçada,/ uma após outra,/no teu humilde/ e poderoso chegar.” (MELO, 1979, p. 26).

A poesia de Alberto da Cunha Melo se funde em todos os tempos do lírico – passado-presente-passado; passado-presente-futuro, em seu grito avesso ao caos. Uma poesia-resistência. Resistência que “acende o desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela”

(BOSI, 2000, p. 227), bem distante das ideologias dominantes, transubstanciada nos poemas que encurtam a distância entre os seres, como toda grande Arte.

Um jovem pernambucano, nascido em berço de poesia, une-se a um grupo de amigos também poetas para discutir o fazer poético. Na paisagem parda e acre do subúrbio, sob todos as indigências, procurava as bibliotecas públicas para se informar sobre os mestres da arte poética. Um processo reflexivo contínuo pautava o seu percurso literário.

Ao ser revelado nas páginas do Diário de Pernambuco, graças à sensibilidade do mestre e crítico literário, César Leal, em 1966, já contava com um número de poemas produzidos que deixou perplexo o mestre. Ele e os amigos poetas, Domingos Alexandre, Jaci Bezerra e José Luis de Almeida Melo configuraram, na imprensa e na história da arte literária pernambucana, um grupo que recebeu o nome da cidade em que nasceram, Grupo de Jaboatão. O seu impulso literário fluiria, como uma onda, ao encontro de outros escritores já em atividade na capital pernambucana, e, assim, receberia do historiador Tadeu Rocha o nome de Geração 65, que se impôs, principalmente, pela iniciativa da criação das Edições Pirata, que publicou mais de trezentos títulos literários.

Sua poesia já sensibilizou personalidades de renome internacional como Paulo Freire, Henfil, Bruno Tolentino e Alfredo Bosi e se insere definitivamente no contexto da poesia nacional. Submetida à nossa análise, que mais poderíamos fazer para que essa poesia se realize entre todos, senão oferecer nossas poucas luzes? Pouquíssimas luzes em relação à gigantesca escuridão do desamor, mas, talvez, por isso mesmo possa ter um peso significativo, em se considerando a grandeza da Arte e da Beleza da poesia de Alberto da Cunha Melo, resistente às injunções dolorosas do nosso tempo. Poesia que, sob a égide da mais requintada elaboração poético-noemática, traz-nos nas fontes da “resistência” àquela realidade “pela qual, ou contra a qual vale a pena lutar” (BOSI, 2000, p. 227).

A esperança nova se agarra  
entre as barreiras e as ossadas  
de nossos morros. E por que  
morremos antes de salvá-la?

ALBERTO DA CUNHA MELO



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### BIBLIOGRAFIA ATIVA

#### Livros de poesia

- MELO, Alberto da Cunha. **Círculo Cósmico**. Recife: UFPE, separata da revista Estudos Universitários, 1966.
- \_\_\_\_\_. **Oração pelo Poema**. Recife: UFPE, separata da revista Estudos Universitários, 1969.
- \_\_\_\_\_. Publicação do Corpo. In: **Quíntuplo**. Recife, Aquário/UM, 1974.
- \_\_\_\_\_. **A Noite da Longa Aprendizagem**. Notas a Margem do Trabalho Poético. Recife, 1978-2000, v. I, II, III, IV, V; inédito.
- \_\_\_\_\_. **Dez Poemas Políticos**. Recife, Pirata, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Dez Poemas Políticos**. Recife, Edições Pirata, 1979, segundo clichê.
- \_\_\_\_\_. **Noticiário**. Recife: Edições Pirata, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Poemas a Mão Livre**. Recife: Edições Pirata, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Soma dos Sumos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Poemas Anteriores**. Recife: Bagaço, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Clau**. Recife: Imprensa Universitária da UFRPE, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A Rural também Ensina a Semear a Poesia**. Recife: ed. Livro 7, 1992; folheto de cordel – divulgação do lançamento do livro **Clau**.
- \_\_\_\_\_. **Carne de Terceira com Poemas à Mão Livre**. Recife: Bagaço, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Yacala**. Recife: Gráfica Olinda, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Yacala**. Natal: EDUFRRN, 2000, edição fac-similar, prefácio de Alfredo Bosi.
- \_\_\_\_\_. **Meditação sob os Lajedos**. Natal/Recife: EDUFRRN, 2002.

#### Antologias de Edição Internacional

- \_\_\_\_\_. Aos Mestres com Desrespeito; História da Princesa Alegria. In: FARIAS, Pedro Américo de. **NOR destinos**. Coletânea do Nordeste Brasileiro. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1994, p. 18-19.
- \_\_\_\_\_. Lendo Emile Zola; Cartão de Visita. In: SARMENTO, Lourdes (org.). TOLENTINO, Bruno (trad.). **Poésie du Brésil**. Paris: Vericuetos, 1997, p. 34-37, edição bilíngüe, português – francês.

### Antologias de Distribuição Nacional

\_\_\_\_\_. Canto dos Emigrantes. In: PINTO, José Nêumanne (org.). **Os cem melhores poetas brasileiros do século XX**. São Paulo: Geração Editorial, 2001a, p. 195-196.

\_\_\_\_\_. Relógio de Ponto. In: RODRIGUES, Claufe; MAIA, Alexandra (orgs.). **100 Anos de Poesia**. Um panorama da poesia brasileira no século XX. Rio, O Verso, 2001b, v. II, p. 70-71.

\_\_\_\_\_. Belo Monte. In: DE FERNANDES, Rinaldo (org.). **O Clarim e a Oração**. Cem Anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 129-134.

### Antologias de Distribuição Nacional ou Estadual (PE)

\_\_\_\_\_. Mesopotâmia; Endereço Profissional; Hebdomadário; O Cidadão na Alvorada; O Matadouro. In: ELÓI (org.). **Lírica**. Recife: Elói Editor, 1967, p. 5.

\_\_\_\_\_. Mártir Luther King. In: ELÓI (org.). **Antologia Dois**. Geração & Gerações. Recife, 1968, p. 5.

\_\_\_\_\_. Plataforma. In: ELÓI (org.). **Geração & Gerações**. (Poesia). Recife: Elói Editor, 1969, p. 3-4.

\_\_\_\_\_. No Acre Depois de Conhecer-lo. In: CARLOS, Jorge (org.). **Coletânea de Poesias Acreanas**. Rio Branco: Cia. De Teatro Quarto Fuso, 1981, p. 31-54.

\_\_\_\_\_. O Boi também Sabe Comer. In: HORTAS, Maria de Lourdes. **A Cor da Onda por Dentro**. Poesia para crianças de trinta autores brasileiros contemporâneos. Recife: Edições Pirata, 1981, p. 17.

\_\_\_\_\_. Aos Mestres com Desrespeito. In: [S.I.]. **Miguel Arraes**. Um nome que se faz poesia. Recife, [s.e.], 1985, [s.p.]. Álbum em lâminas, com ilustrações de diversos artistas plásticos. Ilustração da capa do pintor João Câmara.

\_\_\_\_\_. Alta Residência. In: MAGALHÃES, Eduardo Freyre; GAMA, Iran; CRUZ, Paulo Bandeira da; ARAÚJO, Vital Corrêa de. **Poetas da Rua do Imperador**. Recife: Pool Editorial, 1986, p. 18.

\_\_\_\_\_. Quando Chove no Progresso do Recife. In: BEZERRA, Jaci; PONTUAL, Silvia (org.). **Álbum do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 1987, p. 21. (Edição comemorativa dos 450 anos da cidade do Recife).

\_\_\_\_\_. Para os Mestres com Desrespeito; Patriotismo ao meu Modo; Plataforma; Relógio de Ponto; Divagações sobre o mesmo Medo. In: MATOS, Cremilda Aquino de; RAFAEL, Ésio; SILVA, Izabel Maria Martins (org.). **Antologia Didática de Poetas Pernambucanos**. Do Pós-Guerra à década de 80. Recife, Governo de Pernambuco, Secretaria de Educação, Departamento de Cultura, 1988, p. 21-15.

\_\_\_\_\_. Esquete de Natal. **Natal Pernambucano**. Recife: Bagaço, 1992

\_\_\_\_\_. Os Sessentões da Rua do Príncipe; O Carnaval é Assim; Rua Vigário Tenório. In: BEZERRA, Jaci; TENÓRIO, Tereza (org.). **Treze Poetas da Geração 65**. 30 Anos. Recife, FUNDARPE – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, 1995a, p. 17-20.

\_\_\_\_\_. Pelo Rádio do Ônibus, no Recife. In: CORREYA, Juarez (org.). **Poesia Viva do Recife**. Recife: CEPE, 1996, p. 17. Edição comemorativa dos 459 anos da cidade do Recife.

\_\_\_\_\_. Adágios; Presságios. In: LEAL, César (org.). Poesia Pernambucana Moderna. Breve Antologia. **Estudos Universitários**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1999, p. 140-144.

\_\_\_\_\_. Retorno dos Investimentos. In: BARRETO, Dione (org.). A Seleção de Literatura. **Nordestes**. São Paulo: SESC; Fundação Joaquim Nabuco, 1999, [s.p.].

\_\_\_\_\_. Confluências. In: ALCÂNTARA, Beatriz; SARMENTO, Lourdes (org.). **Amor nos Trópicos**. Ensaios e Seleta de Poemas Contemporâneos. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 2000, p. 131.

\_\_\_\_\_. O Presente; Cantos dos Emigrantes; Formas de Abençoar; Divagações sobre o mesmo Medo; Chegada de um Camponês à Rodoviária; Cancioneiro para o Terceiro Mundo; Aos Mestres, com Desrespeito; Ritual do Espancamento; Plataforma; Coletivo Suburbano; Relógio de Ponto; Um Cartão de Visita; Sinais; Capitulações; Confluências; Domingo na Matinê; Abel, o Reformista Maior; Alta Residência; Aeroporto; Anáforas; Natal de 1999. In: OLIVEIRA, Eraldo Gomes de (org.). **Escritores Vivos de Pernambuco**. Recife, CEPE, UBE, 2001, p. 131-163.

\_\_\_\_\_. Tota. In: ALCÂNTARA, Beatriz; SARMENTO, Lourdes (org.). **Fauna e Flora nos Trópicos**. Seleta de Poemas. Fortaleza: SECULT, 2002, p. 48.

\_\_\_\_\_. Oração pelo Poema (fragmento); Ergonomia. In: BARROS, Almir (org.). **46 Poetas Sempre**. Recife: Bagaço, 2002, p. 9-11.

### Entrevistas

\_\_\_\_\_. Geração 65 está no Suplemento. **Jornal do Commercio**. Recife, 25 mar. 1995b, Caderno C, capa.

\_\_\_\_\_. Geração é de semi-analfabetos. **Jornal do Commercio**. Recife, 12 nov. 1995c, Texto Contemporâneo, p. 10.

\_\_\_\_\_. Do Grupo de Jaboatão Surgiu a Pirata. **Diário Oficial**. Recife, mar. 1995d, Suplemento Cultural, p. 10.

\_\_\_\_\_. Valor Poético como Categoria do Absoluto. **Jornal Universitário**. Recife, out. nov. 1977.

\_\_\_\_\_. Yacala é Homenagem à Idade do Chumbo. **Jornal do Commercio**. Recife, 27 jun. 1999, caderno C, capa.

### Artigos

\_\_\_\_\_. Poesia na Internet: banalização ou resistência. **Trilhas Literárias**. Disponível em: [http://www.trilhasliterarias.kit.net/\\_bate\\_alberto1.htm](http://www.trilhasliterarias.kit.net/_bate_alberto1.htm). 27 fev. 2003. Acesso em: 10 mar. 2003.

\_\_\_\_\_. Condições de Criação nos Países Lusófonos: um Depoimento Brasileiro. **Lumen**. Recife: FAFIRE, v. 8, n. 2, ago. a dez. 2000.

### BIBLIOGRAFIA PASSIVA

AGUIAR, Cláudio. Tadeu Rocha: visão e permanência. In: BEZERRA, Jaci (org.). **Geração 65**. O Livro dos Trinta Anos. Recife: Fundaj, Fundarpe, Massangana, 1995, p. 15-18.

\_\_\_\_\_. Trajetória da Geração 65: Amplitude e Testemunho ou a Celebração da Existência. In: BEZERRA, Jaci (org.). **Geração 65**. O Livro dos Trinta Anos. Recife: Fundaj, Fundarpe, Massangana, 1995, p. 157-176.

AGUIAR, Roberto. Geração 65: Política e Ideologia. . In: BEZERRA, Jaci (org.). **Geração 65**. O Livro dos Trinta Anos. Recife: Fundaj, Fundarpe, Massangana, 1995, p. 151-155.

\_\_\_\_\_. TENÓRIO, Tereza (org.). **Treze Poetas da Geração 65**. 30 Anos. Recife, FUNDARPE – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, 1995, p. 17-20.

ALVES, Audálio. Poesia do Drama Existencial. In: MELO, Alberto da Cunha. **Soma dos Sumos**. Rio: José Olympio, 1983, p. 115-116, posfácio.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. Uma Agônica Alegoria da Condição Humana. **Suplemento Cultural do Diário Oficial**. Recife, mai. 1999, p. 4.

BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. Uma Estranha Beleza. In: MELO, Alberto da Cunha. **Yacala**. Natal: EDUFRN, 2000, p. I, prefácio, edição fac-similar.

\_\_\_\_\_. A Interpretação da Obra Literária. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 5 março. 1988. Disponível em: < [www.folha.com.br](http://www.folha.com.br) > . Acesso em: 16 jan. 2003.

\_\_\_\_\_. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CARPEGGIANI, Schneider. Reflexões kafkianas do poeta Alberto da Cunha Melo. **Jornal do Commercio**. Recife, 11 dez. 2002, caderno C, Literatura, p. 6.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Linguagens**. Literatura. Produção de Texto. Gramática. São Paulo: Atual, 1999.

CORDEIRO, Cláudia V. O Imagismo e a Fabulação na Poética de Alberto da Cunha Melo. In: MELO, Alberto da Cunha. **Poemas Anteriores**. Recife: Bagaço, 1983, 18-21, prefácio.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**. São Paulo: Global, 2001. v. I - II.

DIARIO DE PERNAMBUCO. **Poetas Recifenses Lançam Livro em Quinta Dimensão**. Recife, 20 de fev. de 1974. s.a.

DUROZOI, Gerard; ROUSSEL, André. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Papirus, 1993.

ECHEVERRÍA, Renata. *Só a Poesia me Serve*. **Diário Oficial**. Recife, mar. 1995, Suplemento Cultural, p. 5, , matéria redigida a partir de depoimento do poeta Jaci Bezerra.

E. F. “Filho de Gato é Gatinho”. **Jaboatão Jornal**. Jaboatão, 01 mar. 1981, ano XXXI, nº 501, capa.

ELÓI (org.). **Lírica**. Recife: Elói Editor, 1967, p. 5.

\_\_\_\_\_. **Antologia Dois**. Geração & Gerações. Recife, 1968, p. 5.

\_\_\_\_\_. **Geração & Gerações**. (Poesia). Recife: Elói Editor, 1969, p. 3-4.

FARIAS, Pedro Américo de. **NOR destinos**. Coletânea do Nordeste Brasileiro. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1994, p. 18-19.

FERREIRA, Ermelinda. Meditação sobre os Lajedos. **Jornal do Commercio**. Recife, 10 dez. 2002, Opinião, p. 11.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**. Rio: Nova Fronteira, 1985, 15ª ed..

HÉLIO, Mário. Trobar Clar versus Trobar Clus. In: MELO, Alberto da Cunha. **Poemas Anteriores**. Recife: Bagaço, 1983, p. 175-182, posfácio.

\_\_\_\_\_. Poesia filosófica de Alberto Cunha Melo. **Diário de Pernambuco**. Recife, 10 dez. 2002, caderno Viver, p. D8.

\_\_\_\_\_. A Poesia de Três Gerações. Edição História, com Documentos e Depoimentos Inéditos. **Diário Oficial**. Recife, mar.1995a, Suplemento Cultural, 16 p.

\_\_\_\_\_. Geração 65 Está no Suplemento. **Jornal do Commercio**. Recife, 20 mar. 1995b, caderno C, capa.

\_\_\_\_\_. Uma Trajetória Incomum. **Diário Oficial**. Recife, mar. 1995c, Suplemento Cultural, p. 12.

\_\_\_\_\_. Geração 65 em Plena Atividade. **Diário de Pernambuco**. Recife, 21 jan. 2003, caderno Viver, p. D8.

\_\_\_\_\_. In: MELO, Alberto da Cunha. Yacala é Homenagem à Idade do Chumbo. **Jornal do Commercio**. Recife, 27 junh. 1999, caderno C, capa.

JAPIASSU, Ricardo. Um Poeta Marcado pelo Dualismo Amor e Morte. **Diário Oficial**. Recife, março.1995, Suplemento Culutral, p. 6, matéria redigida a partir de depoimento do poeta Ângelo Monteiro.

JAUSS, Hans Robert. **A história da Literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1976.

LEAL, César. A Geração 65. In: BEZERRA, Jaci (org.). **Geração 65**. O Livro dos Trinta Anos. Recife: Fundaj, Fundarpe, Massangana, 1995, p. 21-41.

\_\_\_\_\_. (org.). Poesia Pernambucana Moderna. Breve Antologia. **Estudos Universitários**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1999, p. 140-144.

\_\_\_\_\_. “Informações”. **Diário de Pernambuco**. Recife, 6 fev. 1976.

\_\_\_\_\_. **Entre o Leão e o Tigre**: Breves Ensaios sobre Teoria e Crítica do Poema. Recife: Massangana, 1988, p. 173.

\_\_\_\_\_. Futebol, Poesia e Arte. **Diário de Pernambuco**. Recife, 13 jul. 1998. Viver, Diário Literário, p. 2.

\_\_\_\_\_. Poesia: Nova Forma Fixa. **Diário de Pernambuco**. Recife, 3 ago. 1998. Viver, Diário Literário, p. 2.

HENFIL. Alberto Cunha. Rio Branco Pernambuco. **Pasquim**. Rio, jul. 1981, p. 30.

LUCAS, Fábio. **A Face Visível**. Rio: José Olympio, 1973, p. 48.

MAGALHÃES, Eduardo Freyre; GAMA, Iran; CRUZ, Paulo Bandeira da; ARAÚJO, Vital Corrêa de. **Poetas da Rua do Imperador**. Recife: Pool Editorial, 1986, p. 18.

MARQUES, Oswaldino (Org.). **Videntes e Sonâmbulos**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1985.

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 1985.

MATOS, Cremilda Aquino de; RAFAEL, Ésio; SILVA, Izabel Maria Martins (org.). **Antologia Didática de Poetas Pernambucanos**. Do Pós-Guerra à década de 80. Recife, Governo de Pernambuco, Secretaria de Educação, Departamento de Cultura, 1988, p. 21-15.

MAYRINK, José Maria. Livro do Papa reflete sobre vida e morte. **O Estado de São Paulo**. 06 mar. 2003. São Paulo, 6 mar. 2003. Disponível em: <[www.estado.com.br](http://www.estado.com.br)>. Acesso em: 06 mar. 2003.

MELO NETO, João Cabral. **João Cabral de Melo Neto**. Obra Completa. Rio: Nova Aguilar, 1994.

MENEZES, Eugênia. A Geração 65 e as Edições Pirata. In: BEZERRA, Jaci (org.). **Geração 65**. O Livro dos Trinta Anos. Recife: Fundaj, Fundarpe, Massangana, 1995, p. 97-105.

\_\_\_\_\_. Trajetória Relâmpago de um Poeta. In: MELO, Alberto da Cunha. **Soma dos Sumos**. Rio: José Olympio, 1983, apresentação.

MÍSSEIS e bombas: um inferno em Bagdá. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 22 mar. 2003. Disponível em: <[www.estado.com.br](http://www.estado.com.br)>. Acesso em: 22 mar. 2003.

MONTEIRO, Ângelo. Eu e minha Geração. In: BEZERRA, Jaci (org.). **Geração 65**. O Livro dos Trinta Anos. Recife: Fundaj, Fundarpe, Massangana, 1995, p. 75.

MORAIS, Lamartine. (Ed.). **Dicionário Biobibliográfico de Poetas Pernambucanos**. Recife: FUNDARPE, 1993. 324 p.

MOURA, Ivana. Pernambuco Tenta Manter Chama Poética. **Diário de Pernambuco**. Recife, 17 out. 1999, Viver, capa.

NÊUMANNE, José. Navegando no Breu. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 7 ago. 1999, Variedades.

NOGUEIRA, Lucila. O Humor Trágico em ACM. **Diário de Pernambuco**. Recife, 10 jan. 1983, Panorama Literário, p. B-9.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Arte Literária Brasileira**. São Paulo: Moderna, 2000.

OLIVEIRA, Eraldo Gomes de (org.). **Escritores Vivos de Pernambuco**. Recife, CEPE, UBE, 2001, p. 131-163.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

PINTO, José Nêumane (org.). **Os cem melhores poetas brasileiros do século XX**. São Paulo: Geração Editorial, 2001, p. 195-196.

POLO, Marco. A Imprensa e a Geração 65. In: BEZERRA, Jaci (org.). **Geração 65**. O Livro dos Trinta Anos. Recife: Massangana, 1995a, p. 61-64.

RAMOS, Feliciano. **Breves Noções de Poética e Estilística**. Braga: Livraria Cruz, 1966. p. 64, 70, 74, 71.

ROCHA, Tadeu. Geografia Poética do Recife. **Roteiros do Recife**. (Olinda e Guararapes). Recife: ed. Gráfica Ipanema, 1967, 3ª ed., p. 131-140.

\_\_\_\_\_, Cada vez mais atuante a geração literária de 65. **Diário de Pernambuco**. Recife, 10 de janeiro de 1976.

RODRIGUES, Claufe; MAIA, Alexandra (org.). 100 Anos de Poesia. **Um panorama da poesia brasileira no século XX**. Rio de Janeiro: O Verso Edições, 2001.

ROHDEN, Huberto. **Filosofia da Arte**. 2ª ed. São Paulo: Martin Claret, 1990.

SALDANHA, Nelson. Sobre o livro de Alberto da Cunha Melo, Poemas Anteriores. In: MELO, Alberto. **Poemas Anteriores**. Recife: Bagaço, 1989, orelhas.

SENA, André. A Força da Poesia de Alberto da Cunha Melo. **Jornal da Paraíba**. Campina Grande, 14. dez. 2002, Caderno Vida/Geral, p. 3.

SILVA, Beatriz Coelho. Alfredo Bosi Vence Eleição da ABL. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 20. mar. 2003, Arte e Lazer. Disponível em: <<http://www.estado.com.br>> . Acesso em: 20 mar. 2003.

SOUTO MAIOR, Mário. **Sete Estórias sem Rei**. Recife: Grumete Serviços Editoriais, 1984, ilustrações de Alberto da Cunha Melo, p. 33, 51, 72 e capa.

STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

TOLENTINO, Bruno. A Tentação de Yacala. **Bravo!**, São Paulo, n. 25, p. 138-141, out. 1999.

\_\_\_\_\_, Quero o País de Volta. **Veja**. Rio, ano 29, n. 12, p. 8, mar. 1996.

VILA NOVA, Sebastião. As Instituições de Pesquisa e Cultura e a Geração 65. In: BEZERRA, Jaci (org.). **Geração 65**. O Livro dos Trinta Anos. Recife: Massangana, 1995, p. 47-56.



**ANEXOS**

- I – CARTA DO EDUCADOR PAULO FREIRE
- II – CARTA DO JORNALISTA HENFIL
- III – DEDICATÓRIA DO PROFº E CRÍTICO ALFREDO BOSI

## ANEXO I

Geneve, 8. 1. 90.

Querido Alberto,

Claro, não esqueci o adolescente Alberto,  
o menino Alberto, que via seu Jabotatubá  
e não só em Casa Forte - o menino Alberto,  
filho de Zezé e Benedito, amigos sempre,  
sem data marcada, sem lugar neces-  
sário - Jabotatubá, Recife, Paulista, Cambridge,  
Geneve.

Você não pode imaginar o bem que a  
força de sua poesia me fez. Poesia  
"de menino" - expressão de vida, com-  
promisso histórico.

Na minha próxima passagem pelo  
Recife, gostaria imenso de vê-lo.  
Vai o abraço do amigo Pauline

## ANEXO II



## Anexo III

*O SER E O TEMPO DA POESIA*

Para  
Alberto da Cunha Mello,  
poeta e resistente,  
com o abraço amigo do  
Agudo Booi

Agosto, 2000.